

Cumprido, outrossim, achar-se instruído na lógica antes por exemplos que preceitos; adquirindo, ao mesmo tempo, antes como recreação que como tarefa, os elementos da música e do desenho. Assim que a universidade não carece de ocupar terreno diferente do ocupado pela escola elementar. E nem o póde; visto como a instrução que acaba de esboçar, abrange todos os generos de conhecimentos reaes e de actividade mental possíveis ao homem. »

O principio positivo, que pretende estender á escola a instrução encyclopedica, amplial-a, como base, como estofa commum á educação da intelligencia humana, a todas as camadas sociais, é incomparavelmente mais exequível do que os programmas escolares actualmente praticados entre nós. Insinuar, *pelos methodos objectivos*, no espirito da creança as noções rudimentares da sciencia da realidade, inocular-lhe na intelligencia o habito de observar e experimentar, é infinitamente menos arduo que martellar-lhe na cabeça, por meio de noções abstractas e verbaes, o cathecismo, a grammatica e a taboada. Num caso trata-se apenas de encaminhar suavemente a natureza; no outro, de contrariar-lhe a systematica e brutalmente. « *Melade* do tempo que empregam os methodos do ramerrão em inspirar ao maior numero das creanças o horror da sciencia, é quanto bastaria para proporcionar a todos uma instrução primaria encyclopedica. Nada obsta que se condensem num opusculo, menos volumoso que o conjuncto do cathecismo com a historia sagrada, as coisas essenciaes em cada ramo do saber positivo. » (1) Outra autoridade, das mais modernas, e das de mais respeitada proficiencia, reconhece, aliás sem pertencer á escola positiva, que « ha meio de proporcionar e adaptar todos os conhecimentos á intelligencia dos alumnos de dez a doze annos. » (2)

De certo os incapazes, pelos habitos da sua educação, de perceber que a instrução integral não tem por fim armazenar no espirito do alumno um arsenal de noções avulsas, accumuladas na memoria como os artigos de uma encyclopedia, mas desenvolver harmonicamente, pela sua gradação natural, todas as faculdades e energias humanas, condemnadas pelos methodos actuaes a eterno lethargo, têm razão, consideradas as coisas pelo seu prisma, de motejar, e classificar de pretencioso, chimerico, irrealisavel o programma da reforma. Si já tão gravosos são para a intelligencia infantil os programmas tradicionaes! Quando estes, na sua formula primitiva, inalteravel, de — ler, escrever, contar e resar — não inspiram á maioria das creanças senão medo, enfado, canceira e desalento, — que será, si os ampliarmos, ao ponto de comprehenderem no dominio da escola commum a substancia essencial do saber humano?

Rematado engano é, porém, acreditar que o nosso intento seja introduzir o novo pro-

gramma por uma especie de encherto nos programmas antigos. O mal é intrinsicamente á natureza destes, ao seu espirito, á sua orientação, aos seus processos. O que, portanto, cumpre, é repudiar absolutamente o que existe, e reorganizar inteiramente de novo o programma escolar, tendo por norma esta lei suprema: conformal-o com as exigencias da evolução, observar a ordem natural, *que os actuaes programmas invertem*. « Queixam-se muitas vezes paes e mestres da preguiça e má vontade dos meninos. Mas dos mestres e paes é toda a culpa, ou antes dos seus methodos. Educadores ha, que acham meio de desgostar os mais bem dotados alumnos, como ha cavalleiros que têm o dom de avesar a rebellões os melhores animaes. Lendas religiosas ou mysticas, entidades metaphysicas, a grammatica, a sophistica e a eristica, envoltas em nescio e pretencioso palavreado, não convêm á infancia, faminta de saber positivo. Todos esses objectos, que não correspondem a uma necessidade immediata, são a morte da intelligencia. A infancia seria grata a quem lhe triturasse a tarefa da sua instrução. A verdade é singella; nada nos inibe de exprimir-a singelamente, pondo-a ao alcance de todos os entendimentos. Não ha creanças preguiçosas. Apathia é, pouco mais ou menos, synonymo de doença. O menino sadio esgota a sua actividade toda; não a consagrando ao estudo, vae dissipal-a em coisas que mais o attraem; e essas coisas são sempre as que se conformam á evolução natural. Regulando as nossas exigencias pela evolução, não encontraremos meninos madraços. » (1)

Qual será, porém, o curso natural da educação evolutiva? O que o principio anthropologico nos está indicando; o que resulta da historia do desenvolvimento do homem na superficie da terra. Demonstra-se a perfeita racionalidade desse criterio, applicado á educação scientifica do homem, pela identidade exacta entre a progressão que seguem as faculdades humanas no desenvolvimento natural, biologico, espontaneo do individuo e da especie.

A primeira necessidade experimentada, na infancia do individuo e na da humanidade, é a da mais plena satisfação da vida physica. A par das funções nutritivas, o appetite do movimento, a mais invencivel tendencia á actividade corporea dominam o homem nesse periodo da vida. D'ahi a importancia fundamental da gymnastica, da musica, do canto, no programma escolar. Actividade intelligentemente regulada, methodisada, fecundada pelo exercicio geral e harmonico dos orgãos do movimento e do aparelho vocal: eis o primeiro dever da escola para com a infancia, a homenagem mais elementar rendida aos direitos da natureza na constituição normal do homem.

Simultaneamente com a gymnastica, que deve acompanhar, desde a escola primaria, a

(1) MISSEN: *Op. cit.*, pag. 24.

(2) FERNEUIL: *Réforme de l'enseign. publ.*, pag. 408.

(1) CH. MISSEN: *Principes sociologiques* (Paris, 1882) pags. 259-261.

educação em todo o seu curso, impõe-se á escola a necessidade de educar as faculdades de observação, que raíam no espirito da creança com o primeiro despontar da intelligencia. Já o disse um escriptor eminente nestes assumptos: « O menino é a curiosidade em pessoa. Pode-se definir a infancia—uma humanidade sem experiencia, avida de conhecer, e instruir-se. » (1) Instinctivamente observadora, a creança é systematicamente contrariada no desenvolvimento dessas aptidões pelos methodos e programmas em vigor, que, entre essa insaciavel sêde natural de sciencia e a realidade que a chama, e a tem de satisfazer, interpõe o formalismo de um ensino meramente *verbalista*. « A tyrannia do phraseado », como lhe chamou Huxley (2), que reina soberanamente sobre a rotina escolar, occulta ao menino esse « mundo dos factos, que se estende para além do mundo das palavras » (3); habitua-o « a conhecer unicamente os livros, que para elle ficam sendo mais reaes do que a natureza. » (4)

Mas não foi lendo, que a humanidade começou a orientar-se no meio do universo; nem é decifrando caracteres, syllabas, nomes e phrases que o menino se ha de pôr nessa communicacão directa com a natureza, de que depende todo o conhecimento, toda a instrucção real. Observando immediatamente as coisas, exercendo-se em ver, em discernir as fórmãs, em avaliar a relatividade das distancias e das extensões, em apanhar os sons, em lhes discriminar a intensidade, o timbre, a direcção, a procedencia, em apreciar pelo tacto as superficies, em differenciar as sensações do paladar e do olfacto, é que se accenderá, se apurará, se activará na infancia o instincto da observação, origem de toda a actividade intellectual e alimento de todo o amor do estudo no homem. « E' pelos sentidos que o menino tem a primeira noção dos phenomenos exteriores; é por elles, pois, que se ha de encetar a educação racional: o seu methodico emprego constitue o primeiro modo de exploração scientifica: a observação. » (5) O primeiro passo, portanto, no cultivo do entendimento, é o cultivo dos sentidos, que constitue propriamente a *licção de coisas*.

A leitura e a escripta formam o primeiro estadio do ensino, nos programmas em voga. Ora, o homem escreveu, está claro, antes de ler. A leitura presuppõe necessariamente a escripta. Ha, porém, uma acquisição, que, na ordem do desenvolvimento humano, precedeu a leitura: é a imitação plastica e graphica das fórmãs. Já na idade de pedra o homem debuxava fórmãs animaes, representava pincturescamente scenas de caça. Tudo, porém, demonstra que elle ainda não adquirira a arte de fixar, e transmittir os pensamentos pela escripta. A mesma escriptura primitiva, puramente ideo-

graphica, representando idéas abstractas por meio de imagens sensiveis, presuppunha a arte de figurar as fórmãs visiveis das coisas. Do ideographismo puro passou a humanidade, por uma escala de transições immensas, á escripta phonetica, á escripta syllabica, até chegar, enfim, á escripta alphabetica, ultima expressão de um longo progresso. Na progressão natural, portanto, o desenho ha de preceder a escripta. Dominada pelo genio da curiosidade, a creança não é menos pelo genio da imitação. Todos os meninos desenhã, por um natural pendor dos mais energicos instinctos dessa idade. Modelar fórmãs, e debuxar imagens: eis a primeira e a mais geral expressão da capacidade creadora nas gerações nascentes. Cabe, pois, ao desenho, no programma escolar, precedencia á escripta, cujo ensino facilita, e prepara. Racionalmente, naturalmente, a leitura antecede a escripta, e á escripta o desenho e a modelação. Estes quadram aos mais verdes annos da infancia; ao passo que é verdadeira barbaria o ensinar a ler e escrever antes de certa idade. « Releva que os meninos conheçam a existencia, a morphologia das coisas e oralmente o seu nome, antes de estudarem a figura dos termos e signaes que fixam a noção dellas. » (1)

A idéa do numero é outro, d'entre os primeiros elementos da educação positiva. « Aprofundando a observação, descobre-se que o calculo, um calculo rudimentar, é anterior a todo o progresso. » Essa noção, que, mais ou menos acanhada, se encontra no seio das raças mais selvagens, e parece existir até entre animaes, « é a primeira acquisição scientifica da humanidade. » (2) O calculo vem a ser, portanto, um dos elementos fundamentaes na organização do programma escolar; não, porém,—e esta differença representa um abysmo—não o calculo abstracto, como hoje se pratica nas classes mais elementares,—mas o calculo ensinado exclusivamente por meio de combinações e applicações *concretas*.

Si acrescentarmos o ensino, sempre *concretizado*, do idioma vernaculo, a cultura do sentimento moral e a sciencia elemental, estará completa a missão da escola, tal qual a natureza a revela.

A justificação da reforma, contra os preconceitos que pullulam entre nós, exige que nos demoremos em cada um desses topicos.

## § 1

### Da educação physica

Montaigne encerrou em poucas palavras o ideal da educação humana, quando escreveu: « Ce n'est pas une âme, ce n'est pas un corps qu'on dresse c'est un homme, il n'en faut pas faire à deux. Et comme dit Platon, il ne faut pas dresser l'un sans l'autre, mais les

(1) CH. MISMEN: *Mém. sur la réf. des méth.*, pag. 16.

(2) HUXLEY: *Les sciences naturelles*, pag. 81.

(3) *Ib.*, pag. 80.

(4) *Ib.*, pag. 82.

(5) PAUL ROBIN: *Op. cit.*, pag. 278.

(1) CH. ROBIN: *L'instr. et l'édu.*, pag. 28.

(2) CH. MISMEN: *Principes sociologiques*, pag. 237.

conduire également, comme une couple de chevaux attelés à même timon. » (1)

Nestas palavras, como na imagem da educação perfeita delineada nas paginas da obra espantosa de Rabelais, irradiada o genio da antiga civilização grega. Desenvolvida primitivamente em Creta e Esparta, a arte gymnastica encontrou mais tarde o seu mais devotado culto no seio da republica atheniense, onde contribuiu poderosamente para fazer da população da Jonia européa a mais pura representação das brilhantes e vigorosas qualidades do character hellenico. Desde tempos mui remotos o desenvolvimento intelligente do corpo era tido, em toda a Grecia, como um dos elementos essenciaes de toda a educação liberal. (2)

Antes do progresso inerivelmente rapido em todas as espheras, a cujo principio se liga o nome de Pericles, quando quasi toda a educação corria « á mercê da pratica immethodica da vida », da influencia das relações domesticas e sociaes, a gymnastica, reunida á musica e a certas artes elementares, compunha a base impreterivel da cultura popular. (3)

« Os gregos », diz um grande historiador germanico, « não concebiam espirito são em corpo enfermigo, alma serena sob um envolvero desestimado e lerdo. A tarefa da educação entre os hellenos consistia no justo equilibrio das forças espirituaes e physicas, no desenvolvimento harmonico de todas as facultades e impulsos naturaes. D'ahi uma vigorosa agilidade e elasticidade de membros, uma estavel robustez na carreira e na luta, a firmeza e rapidez do passo, o desassombro e segurança do porte, o frescor da saude, a limpidez e animação do olhar, e essa presença de espirito, calma e inalteravel, que só o habito de encarar o perigo pôde comunicar ao homem, — vantagens que, aos olhos dos gregos, competiam com o cultivo intellectual, a acuidade do juizo e o trato das musas. A arte da musica e da gymnastica entrelaçavam-se inseparavelmente, a fim de preparar, de geração em geração, uma juventude sadia no corpo e na alma. Esta era a base da prosperidade dos Estados. Em toda a Grecia, pois, se entendia que essa dupla educação não devia correr ao sabor das familias, mas pertencia ao Estado, que a regulava, e mantinha. Impossivel era imaginar uma cidade hellenica, sem gymnasios publicos, abundantes de vastas áreas cheias de sol, entre quadros e alamedas de arvoredos, ordinariamente extramuros, destacando-se, na região campezina, á beira da agua corrente. Quem quer que aspirasse á autoridade e influencia entre os seus compatricios, havia de ter despendido a mór parte do seu tempo em desenvolver até á consummada madureza, nos gymnasios, a

energia viril. Só alli se podia adquirir essa presença desembaraçada e firme, que, ao primeiro relance de olhos, diferenciava o homem de educação distincta dos creados no trafico ou na officina, e assignalava os cidadãos capazes de participarem na direcção dos negocios publicos. » (1)

A civilização scientifica dos nossos tempos veio sancionar, com todo o peso das leis biologicas, profundamente estudadas neste seculo, esta verdade, elementar hoje em materia de educação, que o instincto philosophico e o genio da arte revelaram por intuição á antiga Hellade: a inseparabilidade do espirito e do corpo na formação da intelligencia e dos costumes humanos. Os gregos presavam na Palaestra « uma escola de moralidade, uma escola da virtude que os hellenos estimavam sobre todas: a acção moderadora do homem sobre si-mesmo, a *sophrosyna*. » (2) As nações modernas, ensinadas pela observação da realidade, vão de dia em dia ligando mais alto apreço a este elemento educador. As raças energicas do Norte e Centro da Europa, a Escandinavia, a Allemanha, a Suissa celebram esplendidamente as suas festas palestricas, onde a força, a intelligencia e a graça se ostentam nesse harmonioso conjuncto, cujo privilegio foi a hora da civilização hellenica. E' com a emoção que outr'ora devia palpitar na alma do espectador intelligente, ao ver conferir aos triumphadores pacificos da Grecia antiga as honras pythicas ou olympicas, que um illustre pedagogista francez, ha annos, narrando ao governo do seu paiz a festa dos gymnastas suissos em S. Gall, assignalada por todas as honrarias officiaes, vivificada pelo concurso exultante da população inteira, magnificada pela presença de uma representação completa de todos os cantões, celebrada como vasta homenagem nacional á educação popular, resumia as suas impressões, dizendo: « Era um espectáculo serio e commovente ver manobrar com precisão e, ao mesmo tempo, com expansiva alegria esses gymnastas, de membros flexiveis e vigorosos. Julgavamos transportados aos jogos de Olympia, e passava por nós certo sentimento de orgulho, ao aspecto de quanto pôde produzir a educação mascula e forte de um povo livre. » (3)

As nações viris, de feito, não se conseguem formar senão pela cultura parallela e reciproca do corpo e do espirito, que não se podem absolutamente desquitar, senão para gerar anomalias e monstros. Disse uma verdade irrefragavel o benemerito conselheiro Rodolpho Dantas, ao asseverar, no seu relatório quando ministro do imperio, que « sem um sangue forte, uma boa musculatura e um systema nervoso bem equilibrado, não é possivel pensar sã, regular e intensamente. »

(1) *Essais*, I, 19.

(2) GEORGE RAWLINSON: *History of Herodotus. A new english version* (Lond., 1875), vol. I, pag. 8.

(3) ZELLER: *A History of Greek Philosophy, transl. by S. F. ALLEVEY* (Lond., 1881). Vol. II, pag. 395.

(1) ERNEST CURTIUS: *The History of Greece, Transl. by Adolphus W. Ward* (Lond., 1869). Vol. II, c. IV, pag. 32.

(2) CURTIUS: *Ib.*, pag. 33.

(3) BAUDOUIN: *Rapport sur l'ét. act. de l'enseign. spécial et de l'ens. prim. en Belg., en Allem. et en Suisse*, pag. 477.

Scientificamente, quem ousaria contestar hoje a procedência desta afirmativa?

Um honrado senador do Imperio, obedecendo a preocupações da nossa educação commum, descobriu nessa proposição vislumbres de materialismo, recordando haver lido algures que a atrophia de certos órgãos contribue ordinariamente para o desenvolvimento excepcional de outros. Sem duvida, é por esse processo que, na cerva de animaes para certos requintes do capricho humano, se produz artificialmente a hypertrophia de uns membros em detrimento de outros. Mas não será desse modo que se formem homens; a educação não é um systema de obter aberrações; é, sim, o de desenvolver harmonicamente todas as energias e faculdades que completam o individuo. Na sua missão está o extinguir esse « antagonismo entre o corpo e o cerebro, que se nos depara naquelles, que, levando ao extremo a actividade cerebral, debilitam o corpo, assim como os que, exaggerando, até ao extremo tambem, a actividade physica, reduzem á inercia o entendimento. » (1) Entre estes dois vicios extremos está o equilibrio, que constitue o ideal de uma educação sã.

Ha, não se nega, intelligencias superiores alliadas a corpos debéis, a organismos franzinos, anemicos e nevropathicos. Quanto não custa, porém, a esses desventurados a applicação laboriosa da intelligencia ás altas produções mentaes? Quantas vezes a exaltação cerebral, a que os condemna a insufficiencia da sua nutrição geral, não é descontada por largos intervallos de desfalecimento, por atrozes enfermidades nervosas, que lhes infligem o supplicio de interromperem amiudadamente os trabalhos mais caros á sua alma, e submeterem-se, na mais terrivel das alternativas, a horas, dias, mezes, annos de forçada e dolorosa inercia? Quantas outras o abuso da cerebração continuada, que a fraqueza da sua constituição physica lhes vedava, não vem cortar em meio o fio da existencia, arrancando-lhes das mãos a obra que acariçavam com ternura e esperanza como o fructo sazonado de uma vida de penas, sacrificios e lutas? E será porventura sadio, normal, impunemente intenso o uso de uma função cujo exercicio impõe descontos como esse, que victima, afflige, tortura, e anniquila antes de tempo os condemnados ao privilegio brilhante, seductor, mas fatal, de uma grande intelligencia suppliciada num corpo incapaz de reparar as perdas cerebraes inherentes á actividade extraordinaria das grandes cabeças?

Onde está, portanto, o nesso materialismo? E' então materialista a realidade? E' então materialista a physiologia? E' então materialista a sciencia da vida? Si o não são, não pôde ser materialista a nossa conclusão, que decorre invencivelmente dessa fonte.

O cerebro desenvolve-se pelo exercicio que lhe é peculiar. Mas esse exercicio é duplo: comprehende a acção consciente do cerebro,

no pensamento (cerebração) e a acção inconsciente do cerebro dirigindo os movimentos do corpo. Ambas são essencialmente indispensaveis á evolução desse órgão. « Um eminente physiologista ainda vivo (1) propoz recentemente a educação systematica da mão esquerda nas creanças, com o fim de egualar ao esquerdo o lado direito do cerebro. O que se verifica a respeito da mão, verifica-se a respeito de todos os outros órgãos do corpo. *Elles e o cerebro desenvolvem-se por acção reciproca.* Um órgão que não se exerce, solicita do cerebro menos actividade do que um órgão em exercicio. Um órgão mal exercido, além de promover no cerebro uma actividade não sã, leva-o muitas vezes a um estado pathologico. *Para compor um cerebro perfeito, necessario é que todos os órgãos do corpo tenham o seu desenvolvimento harmonico e um exercicio apropriado.* » (2)

E esse notavel especialista acrescenta: « Si o facto levado em conta na educação, fôr a cerebração unicamente, concentrando-se toda a actividade cerebral nas mathematicas, nas humanidades e outras applicações dessa ordem, infallivelmente a organização se perverterá, e, gerando toda a especie de aberrações, molestias e deformidades, imporá então cuidados, que os órgãos nunca exigiriam, si fossem appropriadamente utilizados. » (3)

Maudsley, o grande mestre em assumptos de physiologia e pathologia mental, escreve: « O cerebro, não só recebe impressões inconscientemente, registra impressões sem a cooperação da consciencia, elabora materiaes inconscientemente, reestimula inconscientemente á actividade residuos latentes, mas tambem responde, como órgão da vida organica, aos estimulos interiores, que inconscientemente recebe dos demais órgãos do corpo. Como o órgão central, que é, para o qual convergem os varios estimulos organicos desse todo complexo, e onde elles vão receber a coordenação devida, necessariamente as mais importantes e intimas sympathias o prendem ás outras partes, que constituem a harmonia do systema. » (4)

N'outro lugar diz esse preeminente especialista: « O cerebro tem tambem a sua vida de nutrição, ou, si a podemos chamar assim, a sua vida vegetativa. Nesta sua verdadeira vida organica ha uma assimilação nutritiva de elementos proprios, hauridos ao sangue pela cellula nervosa; effectua-se dest'arte, após cada perda de forças, o restabelecimento do equilibrio statico. Os limites dessa reparação nutritiva, e a forma que elle assume, é claro que não de ser determinados pela extensão e forma da modificação ou perda de substancia, inherente ao exercicio da função. A alteração ou perda material, na cellula ou circuito

(1) BROWN SÉQUARD.

(2) DR. E. H. CLARKE: *The building of a brain*, pags. 39-40.

(3) *Ib.*, pag. 48.

(4) HENRY MAUDSLEY: *The Physiology of Mind* (New-York, 1878), pag. 35.

(1) HERBERT SPENCER: *The Study of Sociology*, c. 13.

nervoso, que a actividade de uma idéa pre-supõe, é resarcida por elementos do sangue, segundo a natureza ou o typo da idéa produzida... Os elementos da cellula ou circuito nervoso adaptam-se á forma em que ella se exercita; e, seja qual fôr o intimo processo muscular, o certo é que a disposição funcional creada pela função preexercida, opera-se por nutrição; que ella exige uma abundante provisão de sangue, qual a de que dispõe o cerebro, e que não se póde operar, logo que esse concurso se interrompa.» (1)

No seu livro consagrado á pathologia mental observa, ainda, o conspicuo mestre: « Os centros a que está ligada a formação das idéas (*the ideational centres*) necessitam, para o devido exercicio das suas funções, uma rapida renovação de sangue arterial, uma activa permutação, continuamente mantida, entre este e os elementos de que aquelles se compõem; pois a vida de uma cellula nervosa se póde considerar uma incessante metastase, decompondo-se-lhe a substancia durante o exercicio da função, recompondo-se durante o repouso, e sendo o sangue o agente que traz os meios precisos para reconstituir, e elimina os principios inutilizados pela função. Logo, a quantidade e qualidade do sangue circulante atravez dos centros supremos interessa de certo importantemente as suas funções, tanto mais quanto elles a este respeito são os mais sensitivos elementos do corpo.» (2)

E' ainda de Maudsley este trecho notavel: « Releva estabelecer distinctamente que a acção mental depende tão fatalmente da estrutura nervosa e da qualidade do sangue que a abastece, quanto as funcções hepaticas da estrutura do figado e do sangue que o suppre.» (3)

Si depois de attentarmos neste papel decisivo do sangue e do tecido nervoso entre as funcções cerebraes, advertirmos em que esse orgão, eixo e chave do organismo humano, por meio de fibras intermediarias, está em relação constante com um numero innumeravel de centros de força nervosa — os ganglios — e com todos os movimentos de todos os outros orgãos; si observarmos, ainda, que, « segundo recentes investigações, estão, até, indicadas, se não demonstradas, as partes do cerebro que presidem a certos e determinados movimentos musculares, e que, portanto, se desenvolvem mais ou menos conforme esses movimentos (4), — que duvida poderá mais subsistir de que a vida do cerebro e, consequentemente, a da intelligencia tenham como factores essenciaes a vida muscular, a vida nervosa e a vida sanguinea, isto é, a regularidade harmoniosa de todas as funções e a saúde geral de todos os orgãos do corpo?

Quão deploravel não é que verdades desta omesinha singeleza sofram ainda contesta-

ção entre nós, e por homens dos que figuram nas mais altas eminencias do paiz!

Felizmente, a causa da educação physica está ganha, e a rotina pouco poderia retardar o seu triumpho em toda parte.

Todas as competencias superiores em materia de educação e todas as legislações modelos do ensino pronunciam-se a uma voz em seu favor.

E' o quo rapidamente mostraremos.

« A escola de philosophia positiva », declara Littré, « não póde esquecer, no seu programma, a gymnastica. Mais criminosa seria do que outra qualquer doutrina, si desleixasse o desenvolvimento corporeo. A biologia, que faz parte do seu curso, demonstra-lhe quão effcaz é esse desenvolvimento no equilibrio do ente humano. » (1)

Certamente não diremos, como Feuerbach, que « o homem é aquilo de que se alimenta »; mas, sob a sua forma aparentemente audaz, não é menos certo que Emerson formulou uma verdade rigorosamente demonstravel, nesta proposição: « A primeira condição, a condição indispensavel ao homem, para medrar nesta vida, é ser um bom animal. »

Horacio Greeley, com razão, qualificava de « sabia » esta maxima, e completava-a, ponderando: « A educação deve ter por alvo desenvolver inteira a natureza humana moral, intellectual e physica. »

Outro americano, especialista de primeira plaina nestes assumptos, M. Philbrick, no seu relatório acerca da escola de Boston durante o anno de 1873—74, affirmava que a these de Emerson « deve ser abraçada como principio fundamental na sciencia da educação. » E, insistindo, acrescentava: « Nós, com razão, entendemos que uma boa saúde e o desenvolvimento das faculdades physicas encerram em si a base de todo o systema de educação. » (2)

Em summa, a commissão franceza na exposição universal de 1876 attesta ser essa a opinião « de todos os homens que, na America, se têm occupado com a educação humana. »

Na Europa, hoje, não se pensa de outro modo.

« Nós », diz um dos mais abalizados criticos neste assumpto, « collocamos a educação do corpo na primeira ordem entre os deveres da pedagogia. » (3)

São de Herbert Spencer estas palavras: « A primeira condição de felicidade neste mundo, bem reflecte um pensador, é « ser um bom animal », e a primeira condição de prosperidade nacional é que a nação seja composta de bons animaes. Não só é frequente depender o desfecho das guerras da força e ardimento dos soldados, mas ainda é certo que, nas luctas industriaes tambem, a victoria é inherente ao vigor physico dos productores. » (4)

(1) E. LITTRÉ: *Conservation, révolution et positivisme*, pag. 35.

(2) *Rapport sur l'instr. prim. à l'exp. univ. de Phil.*, pag. 445.

(3) GARR. COMPAYRÉ: *Histoire critique des doctrines de l'éducation en France* (Paris, 1879), vol. II, pag. 428.

(4) H. SPENCER: *Education. intellectual, moral, and physical*, c. IV.

(1) *Ib.*, pag. 40.

(2) MAUDSLEY: *The Pathology of Mind* (New-York, 80), pag. 488.

(3) MAUDSLEY: *The Physiology of Mind*, pag. 84.

(4) CLARK: *The building of a brain*, pags. 35, 44.

O allemão Dittes, um dos mais proficientes historiadores da educação, afirma: «Presentemente os exercicios do corpo são tidos como parte que deve necessariamente concorrer no plano de ensino da escola popular.» (1)

Na Inglaterra uma das autoridades escolares de mais eminente reputação, Mathew Arnold, inspector real da instrução publica em Londres, insiste na importancia essencial da gymnastica, reclamando para ella mais consideração do que já tem naquella paiz. (2)

« Não ha nada », discorre um notavel publicista e economista francez, « que possa fazer as vezes dessa sciencia e dessa arte do movimento variado e combinado, que desenvolve todos os membros; nada a póde substituir, nem mesmo os exercicios da lavoura ou da milicia. Bem o comprehenderam os antigos; e só uma completa serie de desvios e singulares esquecimentos em a nossa antiga organização universitaria, aliás historicamente explicaveis, poderia produzir esta grande lacuna, pela qual padecemos no corpo e multissimas vezes, até, nas faculdades intellectuales e moraes.» (3)

Dest'arte a accumulada experiencia dos seculos veio demonstrar que não se illudia Platão, quando presumia na gymnastica um dos elementos cooperadores « na formação da alma». (4)

A este respeito, eis uma pagina de um trabalho official, que merece transcripta aqui, para edificação dos nossos homens de Estado:

« Professores celebres na Saxonia, como Guts-Muths e Spiess, mostraram todo o provento que se póde colher desta sciencia » (a gymnastica) « no regular os movimentos do corpo, augmentar-lhe as forças, a flexibilidade, a estabilidade, manter, ou restaurar a saude, desenvolver as faculdades phisicas e moraes dos moços.

« Mas a Suissa tem continuado a ser sempre a escola modelo da gymnastica pedagogica, militar e medicinal; e é talvez ás suas escolas palestricas que essa nação tão pequena, mas a primeira, na Europa, que logrou sacudir o jugo dos bailios feudaes, deve o terse conservado até hoje varonil e austera, no meio da civilização, que a invade e satura.

« Na Allemanha, á inspiração patriótica que conduziu a Yverdun os enviados prussianos, succederam idéas menos guerreiras e mais philantropicas. A medicina tem feito uma acertada applicação da gymnastica ás leis da hygiene e da therapeutica; tem indicado os meios mais convenientes de fortificar todos

os órgãos, augmentar a energia das propriedades vitaes; e, guiados pelos conselhos della, os gymnasiarcas imaginaram exercicios accommodados ao fim de imprimir uma acção especial a cada uma das partes do corpo, principiando pelos mais simples movimentos, até ir ter, suave e progressivamente, aos mais compostos. Citaram-se-me curas prodigiosas de nevroses cerebraes, de insomnias crueis, de paralsias incompletas, obtidas pelos exercicios de gymnastica, regularizados, variados e continuados até á fadiga. Vi creanças, outr'ora melancolicas, que recuperaram a expansão e a hilaridade naturaes a essa quadra; outras, lymphaticas, que readquiriram a physionomia expressiva e o viço das côres.

« Emfim, os chefes de estabelecimentos e os paes de familias attribuem aos exercicios gymnasticos effeitos importantes, que se deixam adivinhar. Realmente a preponderancia do apparelho muscular se obtem sempre á custa da sensibilidade: é facto geralmente admittido. Ora, em certa época da adolescencia se desenvolve instinctivamente, no homem, um prurido nervoso, que irrita os órgãos mais delicados, trazendo muitas vezes um vicio cruel, que accommette a vida nas suas proprias fontes. Os exercicios prolongados combatem directamente a sensibilidade, causa primaria desse mal; porque produzem a fadiga; a fadiga gera o somno; e, quando o moço dorme profundamente, não n'õ acordam hallucinações malfazejas.

« A gymnastica por conseguinte, desceu da altura das questões politicas; mas entrou na ordem das instuições mais uteis, e por toda a parte é tratada como uma arte que nos presta os serviços mais vaes.» (1)

Um dos mais preeminentes pedagogos americanos escreve: « O que a extensão dos cabellos era para Sansão, é o exercicio para o commum dos homens... A experiencia tem mostrado que os alumnos que se emparedam no gabinete, e não exercem os membros, fazem, numa serie dada de annos, menos progresso, do que aquelles que, em horas apropriadas, alliviam de estudo a intelligencia, e restauram as forças do espirito, exercitando as do corpo... O exercicio physico renova a energia intellectual.» (2)

Sobre essa influencia moral da gymnastica diz o citado Baudouin: « Os exercicios gymnasticos fazem parte essencial do ensino pedagogico; pois estabelecem a harmonia entre as varias funções do organismo, e contribuem para preservar a liberdade de espirito. » E adiante, no mesmo paragrapho, referindo-se aos aspirantes ao magisterio elementar: « A gymnastica modifica-lhes o porte, dá-lhes melhor parecer, torna-os mais aptos a exercerem no espirito das creanças a influencia que lhes é mister para o bom exito do seu ensino. Assim que as escolas normaes, onde não havia d'antes

(1) DR. FREDERIC DITTES: *Histoire de l'éducation et de l'instruction* (Genève, 1879), pag. 274.

(2) « Bodily exercise and recreation deserves far more care in our schols than they receive. » MATHEW ARNOLD, *Her Majesty inspector: General Report for the year 1880. Rep. of the Committee of Council, on Educ. 1880-1881.* Pag. 223.

(3) HENRI BAUDRILLART: *La famille et l'éducation en France* (Paris, 1874) pag. 284.

(4) PLATÃO: *A R publica*, liv. III. Trad. fr., tom. VII, pag. 117.

(1) BAUDOIN: *Rapport sur l'ét. act. de l'ens. spéc. et de l'ens. prim. en Belg. en Allem. et en Suisse*, pags. 118-9.

(2) WICKERSHAN: *School Economy*, pags. 217-8.

curso de gymnastica, raservam todas, hoje em dia, muitas horas por semana aos exercicios do corpo.» (1)

Outra autoridade magistral, o representante escolar da Belgica na exposiçao de 1878, diz: «Sendo bem organizado o curso de gymnastica, bem dirigido segundo os verdadeiros principios, é um excellent meio de corrigir as creanças de uma pusillaniedade ridicula, que muitas vezes degenera em cobardia e molleza condemnavel; mas o que, sobre tudo, nella se encontra, é um poderoso elasterio para os orgaos do corpo, elasterio que não tarda em se estender ao moral e ao intellectual.» (2)

Adduziremos, ainda, em demonstração dos beneficios, da indispensabilidade da gymnastica na escola, o juizo de um dos mais peritos hygienistas modernos. «O trabalho do menino na escola, as suas posições viciosas, o exercicio demasiadamente exclusivo da mão e do braço direito, o labor da agulha nas meninas não deixam de influir nessas desviações, a que facilmente podem remediar exercicios apropriados e bem dirigidos. A gymnastica é um recurso de primeira ordem, utilisavel neste sentido, como é tambem um dos mais seguros agentes de prevenção e cura dos padecimentos nervosos e dos habitos perversos da infancia. Os trabalhos de Tissot, de Blache, dos Bonnets de Lyon, dos Bouviers, dos Jollys, dos Demarquays, a experiencia das notabilidades gymnasticas, Laisné, Trial, Paz, Vergnes, etc. tem-no demonstrado superabundantemente.» (3)

Do concurso de todos estes testemunhos resulta, logo, a consequencia mais opposta aos que averbam de materialismo o espirito da reforma. A gymnastica não é um agente materialista, mas, pelo contrario, uma influencia tão moralisadora quanto hygienica, tão intellectual quanto physica, tão imprescindivel á educaçao do sentimento e do espirito quanto á estabilidade da saude e ao vigor dos orgaos. Materialista de facto é, sim, a pedagogia falsa, que, descurando o corpo, escravisa irremissivelmente a alma á tyrannia odiosa das aberrações de um organismo solapado pela debilidade e pela doenca. Nessas creaturas desequilibradas, sim, é que a carne governará sempre fatalmente o espirito, ora pelos appetites, ora pelas enfermidades.

Vejamus como esta verdade tem calado em todos os governos realmente civilisados.

Toda a Allemanha consagra á educaçao physica um culto, que se confunde quasi com o patriotismo. «E' frequente ouvir appellidar a gymnastica uma arte nacional, uma arte allemã.» (4) A escola popular prussiana, no gráo medio e no superior, consagra obrigatoriamente duas horas por semana a esses exer-

cicios. (1) Nas materias do exame de admissao ás escolas normaes entra forçosamente a gymnastica. (2) «Na Allemanha», diz Bréal, «a gymnastica faz parte integrante dos estudos. As horas das lições não são furtadas ao recreio; figuram no quadro das occupações semanaes; no dia que lhe cabe, reduz-se a extensao da tarefa escripta. Della ninguém obtem dispensa, salvo attestado expresso do medico. No certificado que os alumnos levam do collegio, e onde se consigna a sua força nas diferentes faculdades, não se omitta a gymnastica; menciona-se, até, no diploma de maturidade. Procuram-se por mestres os professores ordinarios, quer de letras, quer de sciencias, do estabelecimento. Assisti a exercicios dirigidos, com a mesma habilidade, pelo mesmo homem que acabava de explicar, em minha presenca, a guerra de Jugurtha.» (3) Os professores dessa especialidade devem ser versados na historia da gymnastica, seu valor, sua acção educativa, conhecer a physiologia e a anatomia. «Ha seminarios de gymnastica em Berlim, Dresde, Stuttgard, Carlsruhe. Mais de um latinista ou mathematico, já professores de collegio, vão a esses institutos, munidos de uma licença de seis mezes com ordenado, obter o diploma de mestre de gymnastica.» (4) Desde 1854 o curso de gymnastica se acha organizado em todos os seminarios (escolas normaes) do reino (5), e nenhum alumno é dispensado, senão por impedimento de saude. Só numa provincia prussiana, o Brandeburg, existem dois institutos especiaes para a preparação de professores de gymnastica, ambos em Berlim: o Instituto Central de Gymnastica e a Escola Normal Municipal de Gymnastica. Tal é o apreço ligado, naquella paiz, a este estudo, que, para mencionar um, d'entre innumerous exemplos, a escola Falk, concluida na capital da Prussia, com uma despeza superior a dois mil contos, em outubro de 1880, d'entre 3.880 metros quadrados de superficie, que occupa, consagra 1.025 ao salão de gymnastica. (6)

E' analogo a organizaçao do ensino gymnastico nos outros paizes allemães, com particularidade no gráo ducado de Baden, no Hesse Darmstadt, no Wurtemberg, na Saxonia. (7) Por toda a parte, alli, é obrigatorio, não se ligando menos preço a esse curso que ao da pedagogia. (8) Nas cidades allemãs não ha casa escolar, a que não se annexe um gymnasio. (9) A Saxonia, diz Lavelaye, «para

(1) Op. cit., pag. 78.

(2) TH. BRAUN: *L'ens. prim. à l'exp. int. de Paris de 1878*, Rapport, pag. 695.

(3) A. RIANI: *Hygiène scolaire. Influence de l'école sur la santé des enfants.* (Paris, 1832), pag. 205.

(4) MICHEL BRÉAL: *Excursions pédagogiques* (Paris, 1882), pag. 127.

(1) *The educational Code of the prussian nation in its present form*, pag. 43.

(2) *Ib.*, pag. 49.

(3) MICHEL BRÉAL: *Op. cit.*, pag. 119.

(4) *Ib.*, pag. 124.

(5) TH. BRAUN: *Rapp.*, pag. 708.

(6) *Rev. int. de l'enseignem.*; 1882, n. 3, pag. 242.

(7) BRAUN: *Rapp.*, pag. 711.

(8) HIPPEAU: *L'instr. publ. en Allem.*, pag. 99.

(9) *Circulars of information of the Bureau of Education*, n. 2—1879, pag. 98.

sustentar a fama dos seus gymnasiarças », fundou, ha longo tempo, uma escola normal de gymnastica, dirigida por professores de primeira ordem. (1)

Na Austria a educação do corpo occupa um lugar *de jure* nos programmas escolares. Na Hungria, em todas as quatro classes da escola elementar, a gymnastica entra como elemento integrante da instrucção. (2)

No Suissa domina mui assignaladamente a mesma tendencia pedagogica e legislativa. Entre as de outros cantões, neste sentido, poderemos indicar a legislação de Berne (8 de março de 1870, art. 1<sup>o</sup>), Vaud (21 de fevereiro de 1875, art. 13), Genebra (19 de outubro de 1872, art. 33), Friburgo (28 de novembro de 1874, art. 21), e as de Zurich, Glaris, Neufchâtel. (3)

A Belgica, por uma serie de tentativas e providencias convergentes a este fim, chegou a estabelecer ultimamente o ensino geral e obrigatorio dos exercicios physicos na escola. Ha dez annos (5 de janeiro de 1872) o inspector do ensino médio de humanidades, em um relatório endereçado ao ministro, reclamava, para os atheneus e escolas médias, seis horas de gymnastica semanalmente, durando cada lição 30 minutos, a instituição de premios e accessits pelo aproveitamento nesse estudo como no da escripta, desenho e canto, um curso normal para os mestres, exames de classificação entre elles segundo o adiantamento nessa especialidade e vencimentos superiores para os professores diplomados de gymnastica. No começo de 1847 esse ensino era obrigatorio em 24 escolas médias. (4) Em 1871 o governo instaurou um inquerito sobre o estado do ensino da gymnastica no paiz. Em 1872 enviou á Allemanha, á Dinamarca e á Suecia uma commissão, afim de examinar a organização deste estudo nesses Estados; e as conclusões do relatório desses delegados resumiram-se em recomendar a introdução immediata da gymnastica nas escolas normaes e nas aulas primarias de um e outro sexo. (5) Em 1875 a gymnastica foi incluída entre as materias de exame das escolas normaes, e em 1876 se instituíram cursos transitorios dessa disciplina para os professores graduados antes dessa innovação. (6) Afinal a reforma do 1<sup>o</sup> de julho de 1879 decretou que « o ensino primario comprehende necessariamente a gymnastica ». (Art. 5.)

Na Grecia, de conformidade com a lei de 11 de janeiro de 1878, a instrucção elementar abrange este ramo de ensino (7).

O mesm odá-se na provincia russa da Finlândia, por lei de 11 de maio de 1866. (1)

A Italia, onde já em 1872 se curava com séria attenção da gymnastica na escola primaria e na escola superior (2), assegurou a esses exercicios, pela reforma de 7 de julho de 1878, a sua devida posição. Pelo acto legislativo dessa data é obrigatoria a gymnastica nas escolas secundarias, nas escolas normaes, nas escolas de instituidores e nas escolas elementares. (Art. 1.) Quanto a estas esse ensino deve estar realizado em todas dentro no prazo de cinco annos, isto é, no maximo, até 1883. (Art. 5.) O conhecimento dos seus preceitos comprehende-se entre as materias de exame para obter o grau de *mestre elementar*. (Art. 1.)

Na capital da França a organização do ensino da gymnastica data de 1872. Em 1876 já se professava em *todas* as escolas do sexo masculino e em grande parte das do outro, tres vezes por semana, depois da aula da tarde, das quatro e meia ás cinco horas. Mais de 30.000 meninos e mais de 2.000 meninas seguiam, já então, nas aulas publicas elementares, esse curso. (3) Em 21 de junho de 1879, o senador Georges apresentava ao senado um projecto de lei, que imprimia o character de obrigação absoluta ao estudo da gymnastica « em todos os estabelecimentos de instrucção publica do sexo masculino, dependentes do Estado, departamentos e communas ». O relator da commissão encarregada de dar parecer foi o venerando Barthelemy Saint Hilaire, que rematou assim o seu trabalho: « Immenso beneficio será o da lei que neste momento discutimos. Ella derramará por todas as nossas escolas o ensino obrigatorio da gymnastica, com grande proveito para o paiz, com grande proveito para a saude e a força dos nossos conterraneos, com grande proveito, enfim, para a defesa da patria. » Posto a votos o projecto, estando presentes 219 senadores, todos os 219, *nemine discrepante*, suffragaram a sua adopção. Afinal a reforma de março de 1882 generalisou esse estudo como parte inseparavel do programma de todas as escolas.

A Dinamarca estabeleceu imperativamente, pela lei de 29 de julho de 1814, o ensino da gymnastica nas escolas populares. Nas escolas normaes, que nesse paiz são cinco, esse estudo é igualmente obrigatorio, comprehendendo tres horas por semana, duas de pratica e uma de theoria. (4)

Conta-se que aos primeiros projectos de Ling, o creador da gymnastica sueca, o ministro respondera, com insultuoso desprezo: « Ora, já não nos faltam neste paiz funambulos e volantins ! » Não obstante, aos esforços desse eminente benemerito da humanidade deveu a Suecia o ver erguer-se, em 1814, na cidade de Stockolmo, a instituição central de gymnastica,

(1) LAVELEYE : *L'instr. du peup.*, pag. 427.

(2) *Rev. Int. de Penseign.*, 1882, n. 5, pags. 454—5.

(3) P. A. MONTRAYE : *L'instr. popul. en Europ. et aux Et. Un.*, tom. II, pags. 280, 300, 348.

(4) *Rapport triennal sur l'état de l'enseignement moyen en Belgique, présenté aux Chambres Législ. le 14 Janvier 1874 par M. le Ministre de l'intérieur* (Brux., 1874). Pag. LIII.

(5) *Rapp. trienn. sur la sit. de l'instruction primaire en Belgique, présenté aux Chamb. Lég. le 28 Janv. 1874, par M. DELCOUR, minist. de l'intér.* (Brux., 1874) Pag. XXXII.

(6) BRAUN : *Rapp.*, pag. 697.

(7) BRAUN : *Ib.*, pag. 202.

(1) *Ib.*, pag. 325.

(2) LAVELEYE : *L'instr. du peup.*, pag. 14.

(3) GRÉARD : *L'enseignement primaire à Paris et dans le département de la Seine de 1867 à 1877. Mémoire à l'expos. univ. de 1878.* Pag. 72—3.

(4) BRAUN : *Rapp.*, pag. 704.

inspirada, nos seus methodos, pelo mais profundo estudo anatomico e physiologico do homem. Essa creação tem por pedra angular este pensamento do seu fundador, em que a bondade compete com a sabedoria: « Cumpre que cada homem se torne util a si em particular e a todos geralmente. » Excepcional em importancia na Europa toda, esse estabelecimento foi reorganizado por acto de 8 de janeiro de 1864, e bifurca-se hoje em tres secções: a militar, a medica e a pedagogica. A real academia de gymnastica de Stockolmo, cuja matricula exige nos aspirantes a prévia aquisição de graus universitarios, confere, até, o diploma de *medico gymnasta*. O decreto real de 1864 organizou, em todo o paiz, o ensino da gymnastica nas escolas, desde as primarias, até as normas de ambos os sexos (dez actualmente), onde faz parte essencial dos programmas.

Para desvanecer prevenções, e elucidar o verdadeiro alcance da gymnastica, na educação humana, a Suecia, talvez mais que nenhum outro paiz, nos offerece quadros, que equivalem á mais irrefragavel das demonstrações. « Na Suecia », diz um medico gymnasta dessa nacionalidade, « o nosso timbre é harmonisar a alma com o corpo, desenvolvendo as faculdades daquella pela instrucção obrigatoria e as deste pelos exercicios quotidianos de gymnastica, de esgrima, de manobra e meneio das armas, impostos em todas as escolas. Ensinam estes exercicios os professores graduados na academia gymnastica de Stockolmo. A mocidade respeita na pessoa delles a autoridade academica, e a educação que receberam inspira-lhe a mais completa confiança nesse ensino. Os professores, capacitados tambem da importancia da sua missão, e sentindo-se felizes por transmittirem os profundos conhecimentos que adquiriram, captivam, pelo seu zelo, em pouco tempo, a confiança dos alumnos, não tardando em se estabelecerem entre uns e outros as melhores relações. Ao chegar a um salão de gymnastica, o professor entra seguro de si, com o sorriso nos labios, dilatando com ufania o olhar por essa juventude, em quem reside o futuro, e que nesses inoffensivos jogos vae beber inscientemente as forças e a elasticidade, que lhe hão de ser mister para as luctas da vida. Ao aceno do professor todos esses moços occupam os seus logares; e, á voz mascula e sonora do mestre, o que, pouco antes, era apenas um passatempo, converte-se em exercicios serios, escutando-se, e executando-se com tanto acatamento quanta attenção as instrucções e vozes de commando. » (1)

Do que passa a este respeito nos Estados-Unidos daremos idéa, referindo-nos ao Massachusetts, o mais poderoso centro intellectual daquella paiz. Em 1858 as autoridades escolares desse Estado, reputando indispensavel introduzir a gymnastica entre os ramos obrigatorios do programma elementar, appellaram

para a opinião publica, e dois annos depois, quando a idéa adquirira as sympathias populares, constituiu-se uma commissão, incumbida de promover activamente a admissão desse estudo na educação nacional. Em 1860 mesmo essa commissão dirigiu ao *Bureau of Education* um requerimento, no qual se solicitava:

« 1.º Que se fizesse obrigatoria a gymnastica em todos os graus das escolas publicas, e se equiparasse a todos os outros ramos de ensino.

« 2.º Que o ensino da gymnastica fosse confiado ás mestras e mestres ordinarios (*regular teachers*).

« 3.º Que a direcção e inspecção geral desse novo ramo de ensino fossem confiadas a alguma alta autoridade em materia de gymnastica.

« 4.º Que todos os *regular teachers* fossem iniciados no ensino da gymnastica, e adstrictos ao encargo de fazerem executar pelos alumnos, duas vezes por dia, durante um espaço de 15 a 30 minutos, os exercicios physicos cujo programma se traçasse.

« 5.º Que se appropriassem convenientemente ao ensino da gymnastica as salas de aula, ou salas especiaes, fornecendo-se aos discipulos todos os apparatus precisos. » (1)

Em 1864 este plano estava completamente realizado.

A gymnastica, em quasi todos esses paizes, estende-se a ambos os sexos; e, em muitos, obrigatoriamente para um e outro.

Na Prussia o governo, até agora, tem deixado ao arbitrio da autoridade paterna a adopção do alvitre que, neste assumpto, lhe aprouver; declarando, todavia, que o Estado « animará com todas as suas forças » as communas e estabelecimentos privados, que se propuzerem organizar este ensino para as meninas. Esta solução, porém, não é definitiva; porquanto ha opiniões, que reclamam a equiparação dos dois sexos perante a obrigação de frequencia nesses cursos. (2)

N'outras regiões do imperio allemão, porém, a gymnastica entra no programma de educação do sexo feminino, como um dos seus elementos impreterivelmente constitutivos. E' assim que a considera, por exemplo, no grão ducado de Baden, a ordenação real de 29 de julho de 1877 (art. 4º), destinada a fomentar o desenvolvimento do ensino médio das meninas. (3) Na Suecia a gymnastica é imposta igualmente a ambos os sexos. Na Italia vigora a mesma disposição, em virtude do art. 3º da lei especial de 7 de julho de 1878. (4) A Belgica (art. 5º da lei de 1º de julho de 1879), instituiu a mesma coisa. (5) Em Paris, aos 8 de dezembro de 1875, M.

(1) Buisson: *Rapport*, etc., pag. 448.

(2) Braun: *Rapp.*, pag. 710.

(3) *Annuaire de législation étrangère en 1877* (Par., 1878), pag. 183.

(4) *Annuaire de lég. étrang. en 1878* (Par., 1879), pag. 315.

(5) *Annuaire de lég. étrang. en 1879* (Par., 1880), pag. 487.

(4) R. SCHENSTRÖM: *Gymnastique médicale suédoise. Quelques recherches* (Paris, 1876). Pag. 12-13.

Talandier submetta ao conselho municipal da cidade um relatório, cuja conclusão era a urgência de tornar obrigatória para as mulheres, como para os homens, a gymnastica, nas escolas communaes. O projecto que terminava esse trabalho, foi approved pela edilidade. A reforma de 28 de março de 1882, emfim, acaba de tornar commum, obrigatoriamente, aos dois sexos o ensino da gymnastica. (Art. 10) (1)

Assim, pois, todo o mundo civilisado, podemol-o dizer, impõe hoje como necessidade vital, na organização da escola, a gymnastica, ampliada aos dois sexos. A comissão, portanto, não tinha que vacillar em lhe reconhecer o que, pela mais rigorosa das exigencias racionaes, toca a esse ramo de ensino. « Não criaremos senão gerações feias, viciosas, extenuadas, enquanto se não consagrarem ao corpo da mulher os mesmos cuidados, que, afinal, hoje todos concordam em reconhecer como uteis e até, indispensaveis ao homem. » (2)

Para a mulher, a quem, diz uma das mais eminentes notabilidades contemporaneas neste assumpto, « a gymnastica é tão necessaria, quanto o ar e o espaço ás aves do ceu », esses exercicios terão um caracter particularmente « suave, accomodado ao sexo ». (3) Encerrar-se-ha mais especialmente na calistenia, nessa combinação de « exercicios de movimento », engenhados por Adolpho Spiess e

destinados a produzirem um symetrico desenvolvimento muscular, sem prejuizo da doçura das maneiras, da graça e elegancia do talhe, da bella harmonia das fórmãs femininas.

Um ponto a que ligamos a mais consideravel importancia, é a combinação do rythmo e do canto com a gymnastica. Os trabalhos das mais eminentes autoridades europeas não deixam a menor duvida sobre a racionalidade perfeita e a extraordinaria utilidade da associação desses dois elementos na pedagogia escolar. (1)

Quanto ao sexo masculino, porém, a vossa comissão teve que ir mais longe, acrescentando á gymnastica os exercicios militares. Ninguem nutre menos a tendencia de militarização e de guerra do que nós. Mas a precisão, a decisão e a energia dos movimentos militares constituem, a par de um excellente meio de cultivo das forças corporeas, um dos mais efficazes factores na educação do caracter viril.

Todas as nações que caminham á vanguarda da civilização moderna, têm-n'o reconhecido, estatuinto que a escola seja a primeira iniciadora do cidadão nas agruras da arte que o deve preparar para a defesa da patria. Por toda a parte, nos paizes mais livres, nos Estados menos ambiciosos, entre as nações menos bellicosas, a milicia civica estende as suas raizes até ao ensino popular.

E, si não, vejamos.

Na Suecia « a gymnastica militar é ordenada em todas as escolas, e faz rigorosamente parte do ensino em todos os graus. Antes de entrar em qualquer escola, passa-se regularmente por uma especie de vestiario, ou antes por um arsenal de pequenas espingardas de madeira. » (2)

Esses exercicios entram semelhantemente, posto que em menor escala, na organização escolar da Dinamarca. (3)

Na Allemanha, desde 1854, domina o pensamento de que a escola deve desenvolver no seio da nação as aptidões « de um povo militar e valoroso ». Em toda a extensão do imperio a gymnastica militar faz parte do programma de instrução commum, procurando-se por meio della popularizar, desde a infancia, a promptidão em perceber e executar, o habito das evoluções e o espirito de disciplina. (4)

A França acompanha-a com activa resolução neste caminho. Coube ao preclaro ministro Duruy a honra de introduzir o manejo das armas e o exercicio do fuzil nos 80 lyceus, nas 80 escolas normaes e nos 260 collegios officiaes existentes, nesse paiz, nos ultimos annos do imperio. Em novembro de 1870, num relatório endereçado ao ministro da instrução publica, o notavel gymnasta Eugenio Paz re-

(1) De uma estatística organizada por M. N. Laisné resulta o seguinte quadro, organizado por nós, do progresso do ensino da gymnastica em Paris:

Annos :	Alumnos :	Alumnas :	Professores :	Professoras :
1872	13.692		417	
1873	17.113			
1874	19.858			
1875	26.508			
1876	27.697	204	183	6
1877	28.878	842		
1878	32.287	3.139		
1879	34.815	8.789		
1880	35.395	14.412		
1881	41.041	28.335	354	238

Assim que o numero de alumnos, entre o anno de 1872 e o de 1881, triplicou, bem como o de professores, subindo o primeiro de 13.692 a 41.041 e o segundo de 417 a 354; o numero de alumnas em 1881 (cinco annos) é cento e trinta e nove vezes (28.335:204) e o das professoras quarenta vezes (238:6) maior que em 1876.

Existe, naquella capital, uma comissão central de gymnastica e exercicios militares, cujos membros são: o ministro, presidente; ZEVORT, director do ensino secundario, vice-presidente; H. GRÉARD, vice-reitor da academia de Paris, vice-presidente; DE BODAN, militar; BONNAL, capitão commandante da escola de gymnastica de Joinville-Le-Pont; BEISSON, director do ensino primario; DR. DALLY, professor na escola de anthropologia; FAURE, deputado, presidente da União Federal das sociedades de gymnastica de França; DU FÉNAUDY, inspector dos exercicios gymnasticos e militares; FÉRY D'ESCLANDS, advogado geral do tribunal de contas; GEORGE, senador; DR. HILLAIRET, membro da Academia de Medicina; LAISNÉ, inspector da gymnastica da cidade de Paris; LE BOURGEOIS, inspector geral da instrução publica; MOURIEN, reitor e inspector geral honorario da instrução publica; RATOMSKI, official de marinha; TEZENAS, deputado; DE GALEMBERT, chefe de repartição, secretario.

Pela importancia destes nomes se póde ajuizar o altissimo aprego, em que alli é tido este ramo de ensino.

(2) PAUL ROUSSELOT: *Pédagogie à l'usage de l'enseignement primaire* (Paris, 1882), pag. 99.

(3) EUGÈNE PAZ: *La Gymnastique raisonnée* (Paris, 1880), pag. 152.

(4) LAISNÉ (inspecteur général de la gymnastique des écoles communales de la ville de Paris): *Gymnastique des demoiselles*. 4<sup>e</sup> édit. Pag. XXIV—XXXIII.

(2) BRAUN: *Rapp.*, pag. 705—6.

(3) *Ib.*, pag. 702.

(4) M. BRÉAL: *Excursions pédagogiques*, pag. 136.

commendava o ensino dos movimentos elementares da escola do soldado a todos os alumnos menores de 12 annos, o pequeno manejo das armas aos maiores dessa idade e aos de mais de 15 annos a escola completa de pelotão e atiradores e a esgrima a bayoneta. Em 1872 o director do ensino primario no departamento do Sena commettia a Eugenio Paz e Laisné o ensino dos primeiros exercicios da escola de soldado aos professores primarios de ambas as margens do rio; e desde então todos os alumnos das escolas primarias recebem tres lições por semana de gymnastica e principios militares. Afinal, a reforma da instrucção popular votada este anno impõe os exercicios militares a todas as escolas publicas do paiz. (Art. 1.º)

A Italia, pela lei de 7 de julho de 1878, art. 2º, fez da preparação militar parte essencial do programma das escolas nacionaes.

Na Suissa, o systema da milicia nacional se acha por tal modo entrelaçado á organizaçõ escolar do paiz, que se chega a considerar alli como uma das influencias mais efficazes « em auxiliar o educador na tarefa de formar cidadãos uteis e intelligentes. » (1)

Da Inglaterra tomaremos a um documento official, dos mais recentes, o topico seguinte: « Convem », diz um dos inspectores reaes das escolas publicas, « animar geralmente os exercicios gymnasticos e militares; e disto persuado-me, ao ver a pouca ou nenhuma ordem reinante nas escolas onde não se pratica este systema. E' de grande alcance, no meu entender, a observancia da ordem na escola; e tenho averiguado que um bom plano de exercicios dessa especie é, de ordinario, acompanhado de certos habitos de asseio entre as creanças, nitidez e correccão nos trabalhos escriptos, e hem assim do costume, entre os alumnos, de independencia e confiança de cada um em si proprio, no desempenho das suas tarefas. » (2)

O estado deste ramo de educação, nesse paiz, o anno atrazado, era o que consta do trecho seguinte do relatório ministerial:

« Os relatorios dos inspectores certificam que os exercicios militares (*military drill*), estabelecidos pelo novo codigo do ensino, são cursados *systematicamente*, com resultados mais ou menos satisfactorios, em *mil duzentas e tres* escolas diarias. » (3)

Quanto aos Estados Unidos, « desde a ultima guerra, os exercicios militares foram admittidos nas *high schools*, e de dia em dia *adquirem crescente extensão.* » (4)

Seria, portanto, uma lacuna imperdoavel a omissão dos exercicios militares num plano de reorganização do ensino popular. Quer como meio de lançar nos habitos da mocidade a base da defesa nacional, quer como escola das virtudes varonis do patriotismo, quer como principio influidor de elevadas qualidades moraes, este ramo de instrucção encerra um valor consideravel, e representa um papel essencial. « Além do beneficio que delles provém á saude », diz o inspector das escolas normaes belgas, « ao desenvolvimento do vigor e da destreza, são um precioso elemento de ordem, regularidade e disciplina. » (1)

Referindo-se ao uso das armas nos exercicios militares da escola, pondera um hygienista: « Este exercicio encerra, entre todos, a enorme vantagem de permittir a quem o executa a acção simultanea e perfeitamente coordenada de todas as partes do corpo. A arma tem certo peso; passa de um ao outro braço; durante esses movimentos as pernas são alternativamente levadas já para a frente, já para a retaguarda, afim de estabelecer o equilibrio. Essa necessidade de equilibrar-se, meneando um objecto de tal peso, determina nos musculos do tronco e do collo contrações, que os fazem participar, em proporções justas, dos movimentos executados pelos membros. Não ha, enfim, nada mais capaz de desenvolver a agilidade, e infundir precisão aos movimentos, do que esse habito de manobrem os alumnos hombro por hombro uns com os outros, sem se embaraçarem mutuamente. » (2)

O Dr. Riant acrescenta: « Na pratica desses exercicios a hygiene encontra vantagens innegaveis. Tempos compassados; exercicios rythmados; movimentos diversos, combinados para os membros superiores e inferiores, direitos e esquerdos, repartindo entre elles por igual a actividade muscular; posições variadas, reformando as posições viciosas de classe; marchas mais ou menos acceleradas; promoção da intelligencia e da agilidade; execução immediata das ordens; habito da obediencia e firmeza: nada mais favoravel para produzir alumnos intelligentes, disciplinados e robustos. » (3)

Um escriptor inglez invocado por Laveleye (4), M. Edwin Chadwick, recommenda, em termos ainda mais encomiasticos, a gymnastica militar, como parte do ensino commum: « A educação physica e os exercicios militares desenvolvem os elementos moraes compendiados na palavra — disciplina —: attenção forte e viva, obediencia prompta, imperio do individuo sobre si mesmo, silencio, paciencia, respeito da autoridade. A experiencia demonstra que pela educação physica e pelo desenho elementar, que adestram o olho e a mão,

(1) «... the militia system of Switzerland... I will show how effectively it aids the efforts of the educator in developing a system of public instruction which shall in reality rear the child into a useful and intelligent citizen.» JOHN HIRTZ (consul geral da Suissa nos Estados Unidos). *V. Circ. of Inf. of the Bureau of Educ.*, n. 2- 1879, pag. 12.

(2) R. F. BOYLE: *Her Majesty's Inspector: General Report, for the Year 1880, on the schools inspected by him in the Taunton District.*

(3) *Report of the Committee of the Privy Council on Education to the Queen's most Excellent Majesty in Council for the Year 1880.* Pag. XVI.

(4) BUISSEUX: *Rapp.*, pag. 449. Ver, outrossim, F. REGA-MEY: *L'enseignement du dessin aux Ét. Unis* (Par., 1881), pag. 115.

(1) BRAUN: *Rapp.*, pag. 715.

(2) DR. GALLARD: *Notions d'hygiène à l'usage des instituteurs.* Apud Riant: *Hygiène Scolaire*, pags. 207-8.

(3) *Ib.*, pag. 207.

(4) LAVÉLEYE: *L'instr. du pe p.*, pag. 154.

a força productora da população crescerá um terço.» (1)

Horacio Mann clamava, ha muitos annos, no seu paiz: « A geração actual soffre incalculavelmente, em consequencia do esquecimento da educação physica. Os actuaes quinze milhões de habitantes dos Estados Unidos » (estas palavras escreviam-se entre 1840 e 1850) « não são absolutamente o quintuplo dos tres milhões da era revolucionaria... A sociedade soffre de uma curvatura dorsal (a curvature of the spine); e, si esta degenerescencia perdurar como hoje, especialmente nas cidades, não tardará que nos reduzamos a uma nação entevada, a *bed-ridden people*. » (2) Contra essa deterioração da raça americana, contra essa calamidade nacional, é pela cultura das faculdades corporeas, intimamente associada á cultura das faculdades mentaes e moraes, que o povo de União reagiu, e continúa a reagir, effizaz e gloriosamente. Só nós não sentiremos a consumpção, que nos mina as forças da patria nas suas fontes vitaes? Ou não teremos intelligencia, para lhe ver o remedio evidente? Ou não encontraremos coração, para os sacrificios que elle impõe?

Isto, é claro, não quer dizer que o nosso proposito seja inaugurar um forçado systema de proceder para com os alumnos, como si nos propuzessemos a convertel-os em gymnastas de profissão, ou desenvolver nelles especialmente a vocação militar. Convem, até, evitar o abuso dos apparatus, muitos dos quaes estão absolutamente condemnados pela hygiene. Não pretendemos formar acrobatas nem Hercules, mas desenvolver na creança o quantum de vigor physico essencial ao equilibrio da vida humana, á felicidade da alma, á preservação da patria e á dignidade da especie. « A superabundancia de força bruta não é nada precisa; porquanto, para todos os trabalhos que demandam grandes esforços, temos os nossos cavallos, os nossos bois e as nossas machinas a vapor. » (3) A gymnastica escolar, sem banir de todo os instrumentos, varios dos quaes são convenientes e outros indispensaveis, ha de consistir com especialidade em « exercicios livres, racionalmente combinados e variados, de maneira que todos os grupos de musculos funcionem harmoniosamente, e as lições se con-

vertam para os alumnos em verdadeiros jogos, divertidos e recreativos. » (1)

No intuito de iniciar, com toda a energia correspondente á sua importancia, este movimento, a commissão desejará propor-vos a fundação de uma escola normal de gymnastica, na qual se formassem professores para as escolas deste municipio e para as provincias que o solicitassem. Limitou-se, porém, a instituir, em cada escola normal, uma secção especialmente consagrada a esse ensino.

Para a fundação e direcção dessas secções especiaes o projecto exige que o governo procure obter por contrato, no estrangeiro, os serviços de alguma notabilidade gymnasta, de algum dos gymnasiarchas europeus de primeira ordem. Não existem entre nós, nem se podem improvisar, especialistas num tão delicado assumpto como a gymnastica escolar.

Em summa, eis o pensamento do projecto:

1.º Instituição de uma secção especial de gymnastica em cada escola normal.

2.º Extensão obrigatoria da gymnastica a ambos os sexos, na formação do professorado e nas escolas primarias de todos os graus, tendo em vista, em relação á mulher, a harmonia das formas feminis e as exigencias da maternidade futura.

3.º Inserção da gymnastica nos programmas escolares como materia de estudo, em horas distinctas das do recreio, e depois das aulas.

4.º Equiparação, em categoria e autoridade, dos professores de gymnastica aos de todas as outras disciplinas.

Os sacrificios de que dependem estas innovações, parecem-nos mais que justificados, si é certo que a gymnastica, além de ser o regimen fundamental para a reconstituição de um povo cuja virilidade se depauperou, e desaparece de dia em dia a olhos vistos, é, ao mesmo tempo, um exercicio eminentemente, insupprimivelmente moralizador, um germen de ordem e um vigoroso alimento da liberdade. « Dando á creança uma presença erecta e varonil, passo firme e regular, precisão e rapidez de movimentos, promptidão no obedecer, asseio no vestuario e no corpo, assentamos insensivelmente a base de habitos moraes, relacionados pelo modo mais intimo com o conforto pessoal e a felicidade da futura familia; damos lições praticas de moral, talvez mais poderosas do que os preceitos inculcados verbalmente. » (2)

§ 2.º

Musica e canto.

A cultura vocal nas escolas, que interessa relevantemente, a um tempo, a educação physica e a educação moral, está por crear entre nós. As tentativas que existem, desconexas,

(1) « De um relatório official do estado da educação na Grã-Bretanha, publicado em 1861, deduz-se que, nas escolas inglezas em que se acha estabelecida a gymnastica, os alumnos que repartem igualmente o seu tempo pelo estudo nas classes e pelos exercicios musculares, fazem progressos muito mais rapidos do que os estudantes que se empregam completamente no estudo. O Sr. Esquiros, em um artigo publicado na *Revue des Deux Mondes*, calcula que as forças produzidas por este systema de diversão equivalem, pela produção de trabalho, ao augmento de um quinto na população britannica. » RAMALHO ORTIGÃO.

(2) BARONESS MARENHOLTZ BULOW: *The Child, its Nature and Relations. An elucidation of Froebel's Principles of Education. A free rendering of the german by MATILDA A. KRIEGER.* (New-York, 1877.) Pag. 19.

(3) WICKERSHAM: *School economy.*

(1) DR. R. GUILLIAUME: *Hygiène scolaire* (Genève, 1865), pag. 433.

(2) *Reports on the training of pauper children.* 1841. Apud. H. BARNARD: *National Education in Europe.* 2 ed. New-York, 1854. Pag. 830.

insignificantes, sem permanencia, sem methodo, sem systema, sem organisação, sem base na preparação do mestre, são de uma grosseiria rudimentar e de uma inutilidade completa.

Entretanto, nos planos de estudos escolares de todos os paizes civilizados, este capitulo assume uma importancia das mais elevadas.

Na Allemanha o canto, como a gymnastica, faz *essencialmente* parte do ensino primario. Em todas as escolas normaes é coercitiva a obrigação de aprender organ ou violino. « Lede os livros de educação e os tratados pedagogicos dados a lume nesse paiz : a questão do ensino musical occupa-lhes amplo espaço. *Liga-se a essa a cultura religiosa, moral, intellectual*; declara-se que mediante ella se proporciona expressão aos sentimentos, como pelo ensino da lingua se dá expressão ás idéas; *attribue-se a esse ensino uma posição principal no programma obrigatorio. Os factos, além-Rheno, correspondem à theoria.* » (1)

Encetado desde os primeiros annos, diz outro notavel escriptor pedagogico, « o estudo do canto prosegue por todo o decurso da educação; e é deste modo que se formam, e perpetuam esses habitos, que acabaram por dar ao sentimento musical da juventude allemã inteira *um grande aperfeiçoamento, a que não poderam chegar as outras nações.* » (2) Para apreciar o alcance dessa revolução salutar nas disposições estheticas do povo allemão, basta recordar que houve tempo, em que a voz do camponio germanico era comparada pelos italianos ao rechinar de carretas carregadas de ferragem. (3)

Na Suissa esse ensino tem, por toda a parte, um extraordinario desenvolvimento. Em muitos cantões é obrigatorio, e, ainda naquelles onde o não é, acha-se generalisado como si o fosse. Como fontes legislativas a este respeito nomearemos, quanto ao cantão de Berne, a lei de 8 de março de 1870, art. 1º; quanto ao de Friburgo, a de 28 de novembro de 1874, art. 21; quanto ao de Vaud, a de 21 de fevereiro de 1865, art. 13; quanto ao de Valais, a de 4 de junho de 1876, art. 26; quanto ao de Genebra, a de 19 de outubro de 1872, art. 33; quanto ao de Tessino, a de 14 de março de 1879, art.

A reforma belga do 1º de julho de 1879, art. 5, comprehende o canto « necessariamente » entre os objectos do ensino elementar.

A lei hollandeza de 17 de agosto de 1878, art. 2, colloca-o entre as materias *obrigatoriamente* cursadas no ensino primario.

O *programma de ensino* na Alsacia Lorena dispõe: « Quando os alumnos deixarem a escola, *cumpra* que saibam entoar, com exactidão e segurança de voz, os cantos religiosos mais usuaes e o maior numero possivel de cantos populares. »

Na Suecia esse ensino é praticado em quasi

todas as escolas populares e na mór parte das *pequenas escolas*. Para esse fim se lhes fornecem orgãos, comprados por modico preço. Em Stockholmo ha mestres de musica itinerantes, que diariamente percorrem as escolas. A classe de musica, de ordinario, dura meia hora. (1)

Na França o Congresso Pedagogico de Paris reclamou que se torne obrigatorio esse ensino, e os melhores pedagogistas francezes entendem que elle tem o mesmo direito de estender-se a toda a classe e a todos os alumnos que o estudo da lingua materna. (2)

Os programmas americanos admittem-n'os, em geral, durante todos os quatro annos da escola elementar (*elementary school*) e os dois primeiros da escola média, ou da escola de grammatica (*intermediate school, grammar school*). (3) Esse estudo é obrigatorio em todos os graus da escola primaria de todas as grandes cidades da região oriental; tem uma organisação especialmente notavel nas de Boston, New-York, Philadelphia, na capital federal, nos grandes centros industriaes do Oeste, em Cincinnati, S. Luiz, Cleveland, Milwaukee e, nos confins occidentaes do paiz, em S. Francisco. Até nos Estados meridionaes, onde comparativamente a instrucção popular se acha atrasada, elle figura nos programmas das escolas urbanas, em Nashville, em Louisville em Shelbyville. (4) « O ensino regular da musica », dizia, já ha dozo annos, um relatorio da *School Committee* de Boston, « faz parte dos programmas escolares de quasi todas as cidades, grandes e pequenas, da Nova Inglaterra, assim como dos Estados do norte e oeste, não só com os melhores resultados musicaes, mas com *uma assignalada influencia na saude, na intelligencia, na disciplina geral e no procedimento dos alumnos*. O conhecimento musical adquirido nas escolas primarias e nas de grammatica é desenvolvido e completado nas escolas superiores e normaes. Entende-se, com effeito, que cada graduado (*graduate, diplomado*) deve possuir as habilitações precisas, para ensinar a musica as classes elementares *tão facilmente, quanto a arithmetica ou outro qualquer assumpto.* » Avaliava-se então que 500.000 creanças recebiam lições de musica elementar nos estados do Maine, New-Hampshire, Vermont, Massachussets, Rhode-Island, Connecticut, New-York, New-Jersey, Pennsylvania, Maryland, Ohio, Indiana, Michigan, Illinois, Missouri e California; que cerca de 10.000 frequentavam um curso mais adeantado nas *high-schools* e *night-schools*, e 6.000 nos conservatorios. Esse numero tem crescido em grandes proporções de 1870 para cá; sendo que, ainda onde não entra senão como ramo facultativo, a musica faz de anno em anno acelerados progressos.

(1) HIPPEAU: *L'instr. publ. dans les Etats du Nord*, pags. 63, 66-7.

(2) EUG. RENDU e TROUILLET. *Op. cit.*, pag. 266.

(3) BUISSON: *Rapport sur l'instr. prim. à l'exp. de Phil.*, pags. 79-80.

(4) *Ib.*, pags. 437-8.

(1) EUGÈNE RENDU e A. TROUILLET: *Manuel de l'enseignement primaire* (Paris, 1881), pag. 263.

(2) HIPPEAU: *L'instr. publ. en Allem.*, pag. 116.

(3) RENDU e TROUILLET: *Op. cit.*, pag. 263.

O pensamento dos pedagogos americanos evidencia-se (para citar apenas um documento) das recommendações instantes, contidas em favor desse ensino no directorio pedagogico das escolas populares de Philadelphia, papel devido á penna das autoridades mais competentes naquella paiz : « Releva que seja o mais vivo anhelos dos professores dedicados e amigos do progresso, assim como o objecto dos esforços pessoas de todos os que tomam a peito o adiantamento da educação popular, casar intimamente esse estudo ao nosso systema de ensino, de que convem se torne parte inseparavel, attenta a sua acção directa sobre os sentimentos e o seu pendor a elevar e purificar as almas. » (1)

Já Guizot, que não era nenhum devaneador de reformas chimericas, escrevera: « A musica produz n'alma uma verdadeira cultura interior, e faz parte da educação do povo. Tem por effeito desenvolver os varios órgãos do ouvido e da palavra, adoçar os costumes, civilisar as classes inferiores, aligeirar para ellas as fadigas do trabalho, e proporcionar-lhes um innocente prazer, em vez de distracções muita vez grosseiras e arruinadoras. »

A' relevancia moral e intellectual dessa parte da educação vem associar-se, para legitimar a sua introdução obrigatoria na escola elementar, a facilidade desse ensino. Buisson relata-nos que, « em certas cidades americanas, se tratou de verificar ao certo o numero de meninos, que, ao entrarem na escola, isto é, dos cinco aos seis annos (sem nenhuma prévia adestrção, portanto, do ouvido) seriam capazes de acompanhar, puramente de oitiva, os jovens alumnos nos seus cantos, retendo depois as arias, e repetindo-as sem falsear os sons. Para mencionar apenas um facto, em Cleveland se averiguou que apenas dois ou tres por cento não cantavam com acerto. E ainda a esses mesmos, separados, facilmente se conseguia diminuir de um modo notavel, dentro em algum tempo, esse defeito do ouvido. » (2)

Tornando obrigatoria a cultura vocal na escola popular, cumpria introduzir o ensino da musica nas escolas normaes. E' o que faz o projecto, estabelecendo imperativamente nesses cursos, não só o estudo da arte que rythma a voz, e educa o ouvido humano, como a aprendizagem de um instrumento, que habilite o mestre a praticar, na aula primaria, o ensino do canto. Elegendo para as mulheres o harmonio e para os homens o violino, obedecemos, na distribuição, a obvias razões de preferencia entre esses dois instrumentos. Quanto, porém, á que nos mereceu o violino sobre outros quaesquer, para as escolas do sexo masculino, não será inutil, em assumpto de natureza tão especial, tão technico, a especificação dos nossos motivos de decidir. Melhor do que o poderíamos nós fazer, os expõe, numa pagina que verteremos para aqui, uma das mais competentes autoridades europeas:

« ... O violino é o instrumento por excellencia para as lições de canto... O ensino da musica vocal praticado nas escolas normaes de mestres não terá efficacia nunca em relação ás escolas primarias, enquanto os normalistas não aprenderem violino. Nas escolas primarias o methodo por audição é o unico possivel. Ora, o instrumento mais conveniente para o exercicio de canto nas escolas, e para formar a voz dos meninos, é o violino. O soar desse instrumento é o que mais analogia offerece com a voz humana, tem assaz força para dominar uma classe numerosa, e apresenta a vantagem de um acompanhamento singelo por meio de accordes.

« O seu preço está ao alcance dos mais humildes recursos pecuniarios, podendo por dez francos obter-se um violino com o seu arco.

« Por outro lado, elle permite ao professor fallar, andar, approximar-se, e afastar-se dos alumnos, exercêr sobre a classe elementar essa vigilancia de todo o momento, imprescindivel na educação da puericia. Tudo isso pôde fazer o instituidor sem fadiga, — inconveniente este inevitavel, si elle proprio houvesse de cantar, para ensinar o tom aos discipulos. Ora, precisamente ha nos meninos uma tendencia natural, para descahirem no tom após alguns compassos; e o preceptor, servindo-se do violino, tem a vantagem de, seguindo-os a principio, reduzi-los, na continuação do acompanhamento, ao tom que se quer. Não é tudo; porquanto, de mais a mais, esse instrumento se adapta a todos os tons; de modo que o mestre nunca se arrisca a fatigar os alumnos, obrigando-os a forçarem a voz, nem carece de transferir os trechos a outro tom, o que exigiria conhecimentos musicaes assaz aprofundados. Emfim, bastam alguns mezes, para obter no violino o talento necessario ao acompanhamento que indicamos.

« Si os mestres adquirissem o conhecimento, pouco profundo que fosse, do violino, dentro em breve o canto se vulgarisaria por todas as escolas e pelo seio do povo. » (1)

### § 3.º

#### Desenho.

Escola Normal Nacional de Arte Applicada.

Si carecessemos de mostrar, por um indicio especial, mas decisivo, a que ponto incrível o estado mental dos homens que nos governam se acha alheio ás grandes correntes moraes que dominam, e caracterisam a civilização contemporanea, bastaria apontar a ignorancia, em que jazem as nossas notabilidades economicas e financeiras, assim como as autoridades directoras do ensino entre nós, — estas quanto á relevancia capital deste ramo de instrucção entre as materias fundamentais do programma da escola elementar, — aquellas

(1) *Ib.*, pag. 96.

(2) *Ib.*, pag. 440.

(1) BRAUN: *Rapporti*, pags. 684—5.

quanto ao papel supremo desses estudos, universalizados pela aula de primeiras letras, e desenvolvidos pelas classes de desenho até às escolas superiores de arte applicada, como fonte de riqueza, como elemento essencial á prosperidade do trabalho.

Entretanto, não era preciso grande acuidade de vista, nem abundante cópia de illustração, para saber o que, neste assumpto, vae pelo mundo civilisado. Os maiores factos da vida intellectual e economica das nações neste seculo — as exposições internacionaes — são, sobretudo, grandes revelações desta verdade e, em boa parte, não tiveram outro intuito, senão revelal-a.

A exposição de Londres, em 1851, voltou para este lado do horisonte o espirito humano.

A de Paris, em 1867, teve por *um dos seus fins principaes* estimular, e uniformisar, na França, a educação artistico-industrial. (1)

Da de Vienna, em 1873, o *intuito preponderante* foi incitar o povo austriaco, apresentando-lhe os resultados extraordinarios da educação industrial no seio das outras nações, a encetar a mesma vereda, assentando em amplas bases, na instrucção de todas as classes, o desenho e a arte applicada como fador de primeira ordem na obra do engrandecimento do paiz. (2)

Da exposição de 1876, em Philadelphia, as impressões com que sahiu a comissão enviada pela França, para estudar os progressos do ensino primario, foram estas: «Si a ultima exposição universal de Paris manifestou na industria ingleza adeantamento consideravel, *effeito do movimento artistico desenvolvido desde 1851 pela grande escola de South Kensington*, que não deveremos esperar da actividade americana incitada pela exposição de Philadelphia? Já, por toda a parte, os educadores assignalam as lacunas, suscitam a emulação, e acham echo *assim entre os mestres como entre os chefes de industria*. Em todos os paizes aliás vai-se produzindo identico movimento. Aos esforços das nações europeas vêm juntar-se os da China e os do Japão, trazendo em contribuição novas condições de arte. Cumpre que a França defenda a sua preeminencia, até aqui inconcussa, nas artes. Ella dispõe de immensos recursos, que deve fecundar *mediante um ensino primario bem concebido*. Entre nós, como onde quer que seja, não basta dispor de excellentes professores especiaes de desenho, estabelecer bons cursos e boas escolas especiaes; *é mister que todos os mestres e todas as mestras sejam habilitados a distribuir, nas aulas diarias, a*

TODA A POPULAÇÃO DAS SUAS ESCOLAS O ENSINO PRIMARIO DO DESENHO.» (1)

A exposição de 1878, em Paris, não teve outro caracter. Um delegado official da Belgica, no seu relatorio, enunciava-se assim: «E' sob o imperio das necessidades de dia em dia mais numerosas da industria e da arte que os povos têm sido levados a *abrir ao desenho espaço cada vez mais largo no ensino primario*. Dentro em pouco elle será tido *como um dos seus ramos principaes*.» (2)

Em summa, o valor do desenho como instrumento educativo, como principio fecundante do trabalho não tem cessado de crescer, assumindo as proporções, que hoje a civilisação lhe reconhece, de uma das bases primordias da cultura escolar e de um dos propulsores mais essenciaes ao desenvolvimento economico dos Estados. Os factos, a este respeito, são de uma eloquencia tal, que autorizaram, o anno passado, uma penna europeá das mais competentes a escrever:

«*Além, como áquem do Atlantico, o ensino do desenho, para os espiritos esclarecidos, chegou hoje a ser a GRANDE PREOCCUPAÇÃO DO MOMENTO.*» (3)

Nós, porém, pelo commum, vivemos ainda, no Brazil, sob o dominio do erro crasso que vê no desenho uma prenda de luxo, um passatempo de ociosos, um requinte de distincção, reservado ao cultivo das classes sociaes mais ricas, ou á vocação excepcional de certas naturezas privilegiadas para as grandes tentativas de arte. Não percebem que, pela simplicidade das suas applicações elementares, elle tem precedencia á propria escripta; que representa um meio de fixação, reproducção e transmissão de idéas indispensavel a todos os homens, e especialmente indispensavel ás classes laboriosas; que as aptidões naturaes, de que depende o seu estudo, são communs a todos os entendimentos, e de uma vivacidade particularmente activa nos primeiros annos da existencia humana.

«A faculdade de desenhar», escreve um profissional dos mais qualificados, «como a de apreciar a arte e a natureza, deve considerar-se, e é, um resultado de educação. Alguns ainda erroneamente continuam a encenal-a como aptidão innata, que ou ha de existir em grau notavel no individuo, ou de todo não existe em grau que valha a pena. Si tal idéa procedesse a respeito do talento de desenhar, igualmente procederia em relação a qualquer outra faculdade. Os oradores, os poetas, os litteratos monopolisariam a lingua; as sciencias do espirito e da natureza caberiam tão sómente aos philosophos; a musica seria a herança exclusiva dos Handels, Haydns e Mozarts. Pretender que os que têm fulgurado como oradores, poetas, sabios e musicos, possuissem, e possuam, faculdades recusadas a

(1) «One of the main objects of the Universal Exhibition, held at Paris in 1867, was to stimulate and unify the art industrial education in France.» CHARLES B. STETSON: *Modern Art Education, pref.*, pag. VIII.

(2) «It may justly be said that the chief object of the Universal Exhibition, held at Vienna in 1873, was to stimulate the Austrians, educationally, by showing them what is done elsewhere in industrial education, and the result as illustrated by industrial products. At this exhibition the educational display was the largest and best ever seen, and so was of special service to educators.» STETSON: *Ib.*, pag. X.

(1) BENOIST: *Rapport sur l'ens. prim. à l'expos. univ. de Phil. en 1876 présenté par la commiss. Presid. F. Buisson*, pag. 440.

(2) BRAUN: *Rapport etc.*, pag. 646.

(3) REGAMEY: *L'enseign. du dessin aux Etats Unis*, pag. 40.

toda a mais parte do genero humano, fôra absurdo; mas não menos em contradicção estaria com a realidade o insistir em que só os pintores de genio possuam as disposições precisas para desenhar. A natureza em mais ou menos alto grau disparte a todos os homens as faculdades intellectuaes postas em actividade pela pratica da arte: ellas são precisamente as mesmas de que nos utilizamos, quando a intelligencia tenta outra qualquer acquisição mental; apenas, como cada applicação exerce, e desenvolve especialmente, uma faculdade, ou grupo de faculdades, mais do que as outras, assim o estudo da arte, além de demandar o uso das que são precisas a outros generos de trabalho, emprega com particularidade as mais peculiarmente necessarias á obtenção especial desta prenda. Releva, pois, consideral-o como um importante auxiliar n'outros ramos de ensino, attendendo a que elle coopera no desenvolvimento commum de todas as energias mentaes e de todos os sentimentos humanos, promovendo especialmente a vida e a acção aquellas, d'entre essas energias, que, sem este concurso, jazeriam dormentes, ou ignoradas. Admittido isto, que mal me parece possível contestar, pôde-se, sem vacillação, concluir que sem a cooperação deste elemento não ha espirito que vingue o seu desenvolvimento completo. » (1)

Podemos accumular, em apoio das proposições com que precedemos a citação deste trecho, os testemunhos mais numerosos e concludentes.

Mr. Philbrick, superintendente escolar no Estado de Massachussets, um dos educadores de mais celebridade naquella paiz,—no seu relatório de 1874: «Vae-se começando a encarar o desenho como ramo essencial da educação geral em todos os graus, e, ainda, como a base de toda a educação technica e industrial. Vae-se percebendo que elle constitue uma coisa util em todas as partes do trabalho e em todas as condições da vida; que é o melhor meio de desenvolver a faculdade de observação, e produzir o gosto do bello nos objectos da natureza e de arte; que é indispensavel ao architecto, ao gravador, ao desenhador, ao escultor, ao mecanico; que, em summa, dá á mão e ao olho uma educação, de que todos têm necessidade. Como disse Pestalozzi, o desenho é um proficuo auxiliar no ensino da escripta (2); será, nas mãos dos mestres, um excellente meio de tornar mais claras as suas lições; compensará largamente, facilitando o ensino das outras materias, o tempo que se lhe consagrar... Com

quanto o que eu quizera principalmente e antes de mais nada, seja estabelecer o seu merito como disciplina intellectual, como meio de cultura para todos os homens, qualquer que haja de ser a occupação de cada um na sociedade, todavia o seu valor positivo em dollars e centavos não pôde ser desconhecido, entre um povo, como o nosso, tão apaixonado pelos seus interesses materiaes. E' facto assaz notorio que, na Inglaterra, os productos fabris cresceram prodigiosamente em valor, graças ao systema de educação artistica inaugurado, nesse paiz, ha vinte e cinco annos. Os homens mais competentes na industria são accordes hoje em reconhecer que o Massachussets não conseguirá manter a sua posição, si não favorecer a cultura da arte. Ora, o só fundamento possível dessa cultura é um bom systema de ensino de desenho em todas as escolas publicas.» (1)

J. B. Davis, professor de engenharia civil na universidade do Michigan: «O ensino do desenho não se deve retardar até que a creança entre no collegio. Nem mesmo se pôde pospor até á escola superior, ou mesmo até á media (grammar school). Tenho por certo que a creança deve encetar-o, assim que tenha as primeiras noções de leitura (soon after learning easy words).» (2)

O professor Thompson, da Worcester Technical School: «Um menino que gaste duas horas por semana desenhando, e empregue o remanescente do seu tempo no trabalho, aviará mais depressa a sua tarefa, e adquirirá no seu officio mais pericia, do que os que trabalham todo o tempo.» E ainda: «Calcula-se que a efficacia productiva de todas as fabricas cresceria trinta e tres por cento, si todos os operarios fossem capazes de ler qualquer esboço ordinario de desenho industrial, e reger-se por elle.» (3)

Mr. Bartholomew, antigo professor de desenho nas escolas publicas de Boston, demonstrou, já ha muitos annos, que a ignorancia do desenho entre os obreiros custava aos Estados Unidos «milhões de dollars annualmente.» (4)

O professor Bail, do Yale College: «A classe de operarios mecanicos é o nervo da nossa republica, e merece a mais elevada consideração dos educadores. Muitas vezes, ao concluir eu as minhas lições, trabalhadores encanecidos cumulavam-me, até á fadiga, de agradecimentos, dizendo-me: «Esta lição vale para mim centenas de dollars», ou: «Graças a esta lição, toda a minha vida trabalharei melhor do que até agora.» (5)

Walter Smith, o grande organizador do ensino geral do desenho no Massachussets: «E'

(1) H. D. HARDING: *Lessons on Art*. Edited by WILLIAM WALKER. Dedicated to His Royal Highness Albert, prince of Wales, by permission of Her most Gracious Majesty the Queen. Tenth edition. London. Pag. 1.

(2) Mr. WILLIAM H. BARRINGER, superintendente das escolas da cidade em Newark, communicava, em 4 de fevereiro de 1879, á National Education Association, nos Estados-Unidos, que «a introdução das lições de desenho, dois ou tres dias por semana, substituindo as lições usuaes de escripta, melhorara tão grandemente (so visibly) o caracter da lettra entre os discipulos, que suscitou em seu favor comentarios geraes.» *Circulars of Information of the Bureau of Education*. N. 2.—1879. Pag. 43.

(1) Apud BUISSON: *Rapport sur l'ens. prim. à l'expos. de Philadelph.*, pags. 393—4.

(2) *Report of the Commissioner of Educ. for the year 1879*, pag. CCXI.

(3) *Papers on Drawing*. Apud WALTER SMITH: *Art Education*, pag. 14.

(4) Apud WALTER SMITH: *Art Education*, pag. 17.

(5) Apud W. SMITH: *Art Educ.*, pag. 16

o desenho, a muitos respeito, um como idioma,— uma linguagem vizível, a linguagem das fórmulas; tendo apenas duas letras no seu alfabeto, a linha recta e a curva; composto, como as nossas palavras escriptas, de combinações de rectas e curvas, com a differença que, emquanto a palavra suggere o nome e a idéa, o desenho antepõe-nos a coisa mesma. No desenho e na escripta o bom exito depende da mesma faculdade,— a faculdade de imitação, sendo, porém, o desenho, como mais simples, nos seus elementos, do que a escripta, *mais facil de adquirir do que ella*. Está hoje amplamente demonstrado que *quem pôde aprender a escrever, pode aprender a desenhar*, e onde estas disciplinas se ensinam simultaneamente, *uma á outra se ajudam*,— sendo o bom resultado n'uma das duas indício certo de aproveitamento na outra » (1)

Charles B. Stetson, o insigne prefaciador do relatório de Langl, de quem nos occupamos noutro logar: « Alguns objectam ao ensino geral do desenho com sustentarem que as escolas publicas devem tender á cultura geral, á disciplina do espirito, tendo em somenos apreço a quantia de informações adquiridas, e em nenhum os resultados directos da applicação mercantil ou industrial. Formar, e não informar, fazer homens, e não operarios: tal, ao seu ver, o unico objecto digno da consideração do educador publico. Ha, porém, outro ponto de vista, que tenho por mais sensível, e está em que fazer um bom operario, é fazer um homem; em que a aquisição de conhecimentos uteis não embaraça a cultura mental; em que as escolas populares devem mirar: 1º a ensinar á maioria as coisas de utilidade directa, 2º a ensinal-as de modo que lhe proporcione a maxima somma de disciplina intellectual. Ora, o conhecimento das applicações praticas do desenho e da arte é de immediato proveito a vastas multidões de homens. Proval-o seria tão facil, quanto demonstrar que esse conhecimento e a disciplina obtida no esforço que se emprega em adquirir-o constituem um elemento *imprescindivel da cultura geral*, elemento que não pôde ser fructo de nenhum outro estudo, elemento tal, que, *faltando num individuo, já não é licito dizer que haja harmonia na sua educação*. » (2)

A commissão franceza na exposição de Philadelphia: « A admissão do methodo Froebel nas salas de asylo e a do desenho nas classes elementares são duas reformas cujos destinos estreitamente se ligam. Não será possível aquilatar realmente a importancia e os beneficios do ensino do desenho, emquanto o não houvermos encetado com a primeira idade; emquanto o não virmos applicado á educação das creancinhas, *servindo de ponto de partida ao proprio ensino da escripta e da leitura*. » (3)

J. Carré, director do ensino primario no departamento do Norte (França): « Toda a gente sabe que, apenas o menino empunha um lapis, para logo sente a necessidade de representar, mediante imagens muitas vezes informes e intelligíveis só a elle, os objectos que o cercam. Porque, pois, não utilizar essa disposição natural, para lhe desenvolver, e dirigir o gosto, para o instruir, deleitando-o? Além de que, inserindo o ensino do desenho nos cursos preparatorios e elementares, *só se faz auxiliar o adeantamento na escripta*, que, em ultima analyse, *não é senão uma variedade e uma parte do desenho*. » (1)

Eugenio Rendu, inspector geral honorario da instrucção publica, e A. Trouillet, inspector da instrucção primaria: « Eminentemente digno é o desenho de fazer parte da educação geral em todos os graus, e particularmente do ensino popular. Arte de recreio e distracção util aos ociosos, *constitue uma necessidade para o exercicio das profissões manuaes*. Como já disse alguém, o desenho é a escripta da industria... Dentro em pouco já se não perguntará a uma creança tão sómente: Sabes ler, escrever, e contar? mas: Sabes desenhar? Indispensavel á pericia especial do futuro operario, á honra industrial e á prosperidade mercantil do paiz, o desenho apresenta ainda, *emquanto á cultura geral da intelligencia, assignaladas vantagens*: é um meio de desenvolver a faculdade perceptiva e, ao mesmo tempo, um precioso auxiliar a varios outros ramos de ensino (a escripta, a arithmetica, a geometria e a geographia); disciplina, a um tempo, o espirito, a mão e o olho; inclina o menino á ordem, á precisão; incute-lhe gosto, e inspira-lhe o amor do bello... Esperemos, com o congresso pedagogico de Pariz, que o ensino do desenho não tardará em ser *obligatorio para todos os nossos mestres e todas as nossas escolas primarias*. (2)... Fazei que caminhem par a par, desde o primeiro dia de aula, o desenho, a leitura, a escripta e o mais... Escripta e desenho são a mesma coisa: trocae algumas classes de escripta por algumas de desenho. *Com isso a propria escripta lucrará*. » (3)

O superintendente da instrucção publica no Estado de S. Luiz, William T. Harris, dizia, ha tres annos: « O desenho constitue uma especie de propedeutica para o estudo de todas as artes e industrias, e não pôde deixar de tornar mais habil o operario, seja qual fôr a sua profissão. E' justo, portanto, que entre no programma de *todas as escolas*, reconhecendo-se-lhe os seus titulos a ser considerado como *disciplina geral*. » (4)

Ha perto de vinte annos um antigo director da Escola Normal Superior, em França, escre-

(1) WALTER SMITH: *Art. Education*, pag. 46.

(2) STETSON: *Modern Art Education. American preface*, pag. XXVI.

(3) BUISSON: *Rapport sur l'instruct. primaire à l'expos. univ. de Phil.* pag. 412.

(1) J. CARRÉ: *Essais de pédagogie pratique*. 2.ª ed. Paris, 1882. Pags. 459—60.

(2) Já o é hoje, por força da lei franceza de 28 de março de 1882.

(3) EUG. RENDU e A. TROUILLET: *Manuel de l'enseign. primaire*. (Par., 1881) Pags. 257, 259, 260, 262.

(4) WILLIAM T. HARRIS: *Kindergarten in the public school system*. No *Barnard's American Journal of Education*, 1880, jul., 547.

via: « Si ainda ha pessoas que repntem o desenho como objecto de luxo, outras, cujo numero cresce de dia em dia, já não se enunciam assim; já o desenho vai parecendo o que realmente é: um objecto de primeira necessidade.» (1) Pela mesma época Miguel Chevalier, no senado francez, reclamava que, em vez de não se ensinar em escola nenhuma, elle fosse ensinado em todas necessariamente. (2)

O presidente do Board of Directors de S. Luiz, nos Estados-Unidos, Mr. Thomas Richeson, no relatório annual de 1875, assegurava que « a educação do olho e da mão, o desenvolvimento do gosto e o habito do desenho, adquirido desde os primeiros annos da vida, todos esses effeitos immediatos do kindergarten, completados pelo ensino do desenho elementar e industrial na primary e na grammar school, seriam sufficientes, para produzir uma revolução nas fabricas do paiz, e grangear, dentro em poucos annos, um notavel acrescamento de valor aos productos nacionaes.» (3)

O Sr. J. Langl, representante official da Austria na exposição universal congregada por este paiz em 1873 na capital do imperio, reflectia, alludindo aos Estados germanicos: « De todos os lados se ha de confessar, e sem contraversia, que a Allemanha occupou lugar preeminente nesta exposição, em competencia industrial e artistica com os demais Estados. A multidão e variedade dos productos exhibidos evidenciaram que a nação dispõe de uma opulencia de talento capaz de realizar as mais altas aspirações, e possui os meios necessarios, para acrescentar ás suas outras victorias o triumpho na arena do trabalho. Mas, apesar de todos os seus esforços, não foi completo este triumpho, e, nas luctas da arte (in the battle of forms), o desenlace foi desfavoravel aos allemães. Para este facto não ha outra explicação possivel, senão os defeitos da educação artistica e do cultivo da arte em geral naquelle paiz.» (4)

O americano Luiz J. Hinton, que, por parte do governo de Massachussetts, assistiu, em 1873, á exposição de Vienna, assegurava, no seu relatório ás autoridades do Estado: « Um facto está provado, é, hoje, de uma certeza inabalavel como a rocha (standing firm as rock), e tem por si o testemunho concorrente de todos os sabios europeus a que assiste o direito de fallar com autoridade neste assumpto: vem a ser que não ha outro meio de melhorar a industria artistica no paiz, senão aperfeçoar a educação artistica do povo, e que esta deve ter como principio a instrução do desenho á mão livre na introdução popular.» (5)

O commissario belga na exposição internacional de 1878 falla deste modo: « A necessi-

dade de introduzir os elementos do desenho no ensino primario, a par da escripta e da leitura, por tal modo se impõe hoje, que já nem lhe ousam discutir o principio, e os raros adversarios desta reforma, que se tornou indispensavel, são obrigados a subterfugir, pretextando as difficuldades de uma applicação immediata. O desenho é util a todos, e a quasi todos indispensavel. Os embaraços de applicação reduzem-se a muito menos do que geralmente se crê. Quasi todos nascem de uma confusão, em que de ordinario cahimos, entre o desenho, que é a orthographia das fórmas percebidas pela vista, e a arte, que é a traducção das fórmas concebidas pelo nosso espirito. Quando ensinamos orthographia a uma creança, de certo não pensamos em fazer della um homem de letras; quando ensinamos um menino a reproduzir os objectos que vê, também não temos a ambição de convertel-o em artista. Essa funesta confusão entre o desenho e a arte tem sido até hoje o mais serio obstaculo á propagação do ensino do desenho.» (1)

Wickersham, no seu livro magistral da Economia escolar: « Na escola primaria, cabe vasta parte, entre os cuidados do ensino, ao estudo do desenho. Est deve continuar nas escolas de todos os graus.» (2)

Alexandre Bain, no seu notavel tractado da Sciencia da educação: « Tenho por mau o habito, geralmente seguido, de ensinar aos meninos a escripta como primeiro trabalho de esmero da mão. A arte de escrever occupa um lugar elevado na lista das prendas manuaes, e devia ser precedida de exercicios mais faceis. Os exercicios de desenho mais simples são incontestavelmente, menos arduos que a escripta, ao mesmo passo que menos difficil é traçar linhas symmetricas do que formar letras. O curso natural que cumpriria admittir, é provavelmente o methodo adoptado nos Kindergartens; adestrar primeiro os meninos em moldarem objectos em argila, ou greda, depois em recortar figuras de papel; chegando-se assim pouco e pouco aos primeiros elementos do desenho, após os quaes já a escripta não se affigurará embaraçosa, e que constituirão a vantagem consideravel como é o introito de um officio.» (3)

Herbert Spencer, na sua obra admiravel sobre a educação: « O conceito, que se vulgarisa, de ser o desenho um dos elementos da educação, prova que se vae começando a fazer idéa mais exacta dos elementos que constituem a cultura do espirito. Nesse facto se descobre ainda um indicio de que os professores adoptam afinal o alvedrio constantemente indicado pela natureza. Não ha quem não saiba dos esforços espontaneamente empregados pelas creanças para representarem as pessoas, as casas, as arvores, os animaes que as rodeiam, numa lousa, si de outro meio não dispõem, ou a lapis, no papel, quando lh'o fornecem. Ver

(1) BENSOT *Questions d'enseignement*, pag. 442.

(2) *Ibid.*

(3) Apud *Rapport sur l'instr. prim. à l'exp. univ. de Philadelph.*, pag. 410.

(4) *Modern Art Education*, pag. 33.

(5) *Special Report to the State of Massachussetts on Museums of Art and Industry*.

(1) BRAUN: *Rapport*, pags. 637-8.

(2) WICKERSHAM: *School Economy*, pags. 28, 29.

(3) A. BAIN: *La science de l'éducation*. Paris, 1879. Pag. 475.

imagens é um dos seus grandes prazeres ; inspirando-lhes, como sempre acontece, a sua pronunciada tendência para a imitação o desejo de debuxar outras. Nesses esforços para reproduzirem os objectos que lhes impressionam a vista, se encerra também um util exercício da percepção, um meio de tornar as percepções mais exactas e completas. Procurando interessar-nos pelos seus descobrimentos acerca das propriedades visíveis dos objectos, diligenciando attrahir para os seus desenhos a nossa attenção, o menino solicita de nós precisamente o genero de cultivo DE QUE MAIS NECESSIDADE TEM. » (1)

Quem percorrer os relatorios do jury internacional da exposição de 1878, cuja collecção completa temos em mãos (2), encontrará, por toda a parte, as mais rigorosas demonstrações e as reclamações mais instantes sobre a necessidade do cultivo do desenho. Os relatores das classes 17 e 18, por exemplo, deploravam que o desenho ainda não constituísse, na França, parte *obligatoria da instrucção elementar*. « Só as tres grandes raças latinas », diziam elles, « têm-se mantido estacionarias neste assumpto: a França, a Italia e a Hespanha ainda aguardam a introdução do ensino obrigatorio do desenho. » (3) Os relatores da classe 19, alludindo á Inglaterra, escreviam : « A fundação do collegio de South Kensington e principalmente a do immenso museu que lhe é annexo, foram uma revelação para a nossa patria, que comprehendeu a força *incalculavel* que semalhante instituição não tardaria em dar ao povo inglez. » (4) O relator da classe 24, referindo-se ao immenso progresso artistico e fabril desenvolvido, nestes trinta annos, por varios paizes, attribuia-o, como consequencia absolutamente indubitavel, « ás escolas de desenho. » (5) O relatorio geral acerca da exposição das artes decorativas, accentuando vivamente o perigo, em que se achava a França, de perder a sua antiga realza nas artes industriaes, se não se dispuzesse aos multiplos sacrificios precisos para entrar em competencia com o desenvolvimento da educação artistica entre as suas rivaes, observava : « As exposições internacionaes têm-nos dado, a este respeito, numerosas advertencias. Vagos symptomas haviam-se manifestado, em Londres, no anno de 1851; já em 1855, em Paris, se faziam sentir os fructos bemfazejos colhidos pela Inglaterra da fundação do *South Kensington Museum*, que data de 1852; mas quando principalmente se

manifestou o perigo, foi na exposição ingleza de 1862; e Napoleão III não hesitou em assignalal-o nitidamente aos francezes, na cerimonia da distribuição dos premios, celebrada nas Tulherias. As exposições de 1867 em Paris e de 1873 em Vienna confirmaram plenamente os receios com tanta franqueza expressados em 1862. » Qual era, porém, a medida salvadora, que o representante do jury internacional indigitava á França? Pura e unicamente a imitação da reforma ingleza de 1852, com a sua vasta base na escola de Kensington, « cujos resultados para a Inglaterra têm sido *prodigiosos*. » (1)

« Comissões nomeadas pelos governos da França, da Inglaterra, da Belgica, da Allemanha », notava, ha cinco annos, um escriptor americano, num dos livros mais interessantes que sobre este assumpto se têm escripto, « examinaram cabalmente esta questão, e *todas* são accordes em concluir que, não só os interesses do commercio, como *os da s cidade* requerem a admissão do desenho *entre os estudos da escola elementar*. Além da vantagem, que por este modo se obtem, de uma cultura superior, affirma-se que, para crear, e manter as industrias em cujo desenvolvimento concorrem o gosto e a belleza, cumpre *ensinar o desenho á infancia em todas as escolas*. A sabedoria deste systema tem se provado pelos effectos da sua pratica. » (2)

Este especialista, como todos os que com autoridade têm tratado desta materia, é de opinião que as creanças, « desde que entram em idade de frequentar a escola (*as soon as children are old enough to go to school*), devem encetar o estudo dos elementos de desenho. » « Não exprimo assim », acrescenta elle, « um juizo precipitado de alguns individuos, mas a madura convicção de *todas* as autoridades em questões de ensino entre as grandes nações europeas. » (3)

Um dos relatorios apresentados, em 1880, ao congresso internacional do ensino em Bruxellas, expendia estas considerações : « Para os operarios o desenho é tão util, quanto a *leitura e a escripta*; pôde-se, até, generalizar este axioma, dizendo que a elles o desenho é *mais necessario* do que uma e outra; visto como pode-se saber o officio, e ser habil artifice, sem ler, nem escrever; mas não, sem comprehender o desenho. . . As escolas primarias têm principalmente por fim o desenvolvimento intellectual dessa classe, e, pois, devem timbrar sobretudo em ensinar os elementos da geometria e do desenho, por força da mesma razão que os da escripta e do calculo. . . Seja qual for a carreira, a que o homem se destine, quer se prepare para operario, quer se dê aos estudos scientificos ou artisticos, o *desenho deve constituir a base do ensino na escola popular*. . .

(1) H. SPENCER : *Education: intellectual, moral, and physical*. C. II.

(2) Ministère de l'agriculture, et du commerce. *Exposition univ. internationale de 1878 à Paris. Rapports du Jury International*. Paris, MDCCCLXXX—MDCCCLXXXII, Doze volumes.

(3) THOUVENOT ET LEROUX : *Rapport sur les meubles à bon marché et les meubles de luxe, ouvrages du tapisier et du décorateur*. Pag. 8. Vol. III da collecção.

(4) DIDRON ET CLÉMENTON : *Rapport sur les cristaux, la verrerie et les vitraux*. Pag. 8. No mesmo volume.

(5) L. BOUTIER : *Rapport sur l'orfèvrerie*. Pags. 2 e 3. Também no vol. III.

(1) Ed. DUBOIS : *Rapport d'ensemble sur les arts décoratifs* (vols I, II, III, IV et V). Pags. 9 e 228. No 4o volume.

(2) GEORGE WARD NICHOLS : *Art education applied to industry*. New-York, 1877. Pag. 23.

(3) *Ibid.*

Só quando se houver generalizado o ensino do desenho, introduzindo-o obrigatoriamente em todas as escolas, e com especialidade nas escolas populares, onde caminhe lado a lado com os elementos de geometria pratica e os demais ramos de estudo, é que a instrução assumirá o caracter de utilidade geral e popular, attingindo o verdadeiro fim, a que deve tender.» (1)

Podemos, portanto, sem receio de erro, afirmar, como o relatorio belga da exposição de Paris, que o desenho constitue hoje « parte integrante das primeiras disciplinas, começando a par da leitura e da escripta, ou, até, antes dellas. » (2) Não tardará mesmo em ser considerado, por toda a parte, « como um dos ramos principaes » (3) da educação elemental. Esta conclusão, de que rapidamente se estão approximando todos os povos civilizados, é rigorosamente scientifica e facilmente demonstravel. « Tendo a escripta vindo após o desenho, na historia humana, é pelo desenho que se ha de inaugurar a escripta. A mesma natureza o está indicando: todas as creanças, de sua natureza, desenhão. Reunam-se ao acaso meninos de todas as raças; dê-se-lhes carvão, ou giz, e elles desenhão. O calculo é indispensavel ás primeiras operações do espirito; o desenho é imprescindivel para as fixar. Demais o desenho serve de introdução a todas as artes graphicas; e, além de que presta eminentes serviços á industria, tem a vantagem de centuplicar as forças da memoria. » (4)

Do conjunto dos argumentos e autoridades que mui de intento acabamos de amontoar pacientemente, segue-se:

1.º Que o desenho é um dote acessivel a todos os homens, e não um privilegio dos artistas por vocação e profissão;

2.º Que, na ordem pedagogica, bem como na ordem historica, o desenho precede a escripta;

3.º Que o seu ensino deve principiar desde os primeiros passos da creança na cultura do espirito, isto é, desde a entrada no Kindergarten;

4.º Que, longe de sobrecarregar o programma, elle o amenisa; longe de retardal-o, só lhe faz ganhar tempo; longe de difficultar os outros estudos, facilita-os, e auxilia-os enormemente;

5.º Que é um elemento essencial ao cultivo das faculdades de observação, de invenção, de assimilação e retenção mental;

6.º Que a sua generalisação como disciplina inseparavel da escola popular é uma das forças mais poderosas para a fecundação do trabalho e o engrandecimento da riqueza dos Estados.

Destas propriedades inestimaveis, que o caracterisam, provém a sua accelerada propagação por toda a face do mundo civilizado,

como parte natural, commum, necessaria do plano escolar.

Na Allemanha em geral elle faz essencialmente parte do ensino primario. (1) Na Prussia, segundo o regulamento geral de 15 de outubro de 1872, todas as creanças devem practicar na escola o desenho geometrico e artistico; para o que se consigna o espaço de quatro horas semanalmente. (2) Ha, nesse paiz, até, escolas de aperfeiçoamento, cujo objecto é exclusivamente o desenho. (3) Na Baviera, onde, já em 1811, os textos officiaes o prescreviam, esse ramo de instrução foi effectivamente admittido nas escolas normaes em 1866, e em 1872, ou 1873, nas escolas urbanas. (4) O Wurtemberg, onde, já em 1867, existiam sessenta e quatro escolas de arte em plena actividade e prosperidade (5), antecipou-se á Baviera nesse melhoramento. Em 1872 já esse ramo de instrução estava consideravelmente vulgarizado nas suas escolas, onde as creanças desde mui cedo o encetavam; sendo que, de mais a mais, já nessa época eram quinhentas, para uma população de 1,748,328 habitantes, as escolas especiaes, em que elle se professava. (6) Na Saxonia, a lei de 1873, que reformou a instrução popular, imprimiu o caracter de obrigação ao curso de desenho, ainda nas escolas mais elementares, em muitas das quaes, todavia, já antes disso elle era cuidadosamente practicado. (7) O grão-ducado de Baden seguiu de perto o Wurtemberg e a Baviera, levando-lhes, até, a deanteira quanto á introdução do desenho nas aulas do sexo feminino. (8)

De 1870 para cá o movimento reformador neste sentido apressou-se consideravelmente. A Allemanha, de quem a França tanto tem aprendido neste periodo, deve por sua vez á sua rival as mais uteis inspirações. « A ultima guerra deu á França uma proveitosa lição; da França, porém, desbaratada, prostrada, e, todavia, pagando promptamente os milhares do resgate que se lhe impoz, a Prussia recebeu tambem uma lição; e » (dizia, ha quatro annos, M. Stetson) « cogita em aproveitall-a. » (9) O delegado austriaco na exposição de Vienna escrevia, no relatorio official (10): « Immediatamente depois da guerra com a França, o ministerio do commercio e industria, por uma circular, exhortou as autoridades das varias cidades industriaes da Allemanha a seguir em o exemplo da França na organização das

(1) HUPPEAU: *L'instr. publ. en Allem.*, pag. 415.

(2) *The Education. Code of the Pruss. Nation*, pag. 42. BRAUN: *Rapport etc.*, pag. 646.

(3) LAVELEYE: *L'instr. du peuple*, pag. 423.

(4) BRAUN: *Rapport etc.*, pag. 645.

(5) WALTER SMITH: *Art Education*, pag. 438.

(6) LAVELEYE: *Op. cit.*, pag. 132.

(7) JOSEPH LANGL: *Austrian Official Report on the Vienna World's Fair of 1873*, pag. 72.

(8) BRAUN: *Op. cit.*, pag. 646.

(9) CHARLES B. STETSON: *Modern Art Education. American Preface*, pag. IX.

(10) JOSEPH LANGL: *Austrian official report, etc.*, pag. 68.

(1) E. VANDERHAGEN: *Quelle est l'importance de la géométrie et du dessin dans l'enseignement primaire? Rapport. No vol. Congr. Int. de l'Enseign. Brux.*, 1880. Pags. 217—8.

(2) BRAUN: *Rapport etc.*, pag. 647.

(3) *Ib.*, pag. 646.

(4) CH. MIAUX: *Mémoire sur la réforme des méthodes et des programmes d'enseign.*, pags. 48 e 49.

escolas de desenho e arte industrial, chamando-lhes a atenção para a importância industrial dessas escolas, assim como para o facto de que ellas constituem a base da riqueza da França.»

Especialistas da mais alta competencia apontam na Austria, d'entre todos os paizes europeus, o mais profundo reformador em materia de ensino. (1) « Desde o seu desbarato pelos Prussianos em 1866, dedicou-se ella á educação do povo, resolutamente deliberada a recuperar, mediante as vantagens de uma industria educada, quanto perdera no campo de batalha. As suas escolas de instrucção popular, que Horacio Mann, em 1843, classificava entre as peiores da Europa, indigitam-se hoje em dia, na opinião de uma excellente auctoridade (John D. Filbrick), como « as melhores, quanto á organização, quanto ao curso de estudos, quanto ao caracter do ensino. » (2) Ora, é tambem nas suas escolas que o desenho se cultiva mais escrupulosa, racional, e efficazmente; e nota-se que a todas as outras têm levado sempre vantagem aquellas que primam pela excellencia dos professores, tendo tido a fortuna de obter para o exercicio dessas funcções especialistas superiores, que percebam o nexo entre o desenho e a educação geral, como elemento integrante de toda a instrucção. (3) Introduzidas nas escolas de repetição em 1863, e no ensino primario em 1869, as noções de desenho geometrico e artistico entraram, graças á lei de 20 de agosto de 1870, que reformou a instrucção elementar (*Volksschulgesetz*), no programma obrigatorio do ensino commum. « Hoje », diz uma eminente autoridade europea, « esse ensino abrange, na Austria, toda a escala da instrucção publica: *Volksschule — Bürgerschule — Mittelschule*, etc., até á Academia Imperial e Real, sem a menor solução de continuidade. » (4) Sob essa legislação, completada pelo regulamento official que, nas suas varias secções, traz as datas de 7 de agosto de 1872, 9 de agosto de 1873, 6 de maio de 1874 e 2 de junho de 1877, o ensino do desenho, não só « representa um papel capital nos primeiros annos da instrucção popular » (5), como se espraia por uma immensa organização de escolas e institutos technicos: as *escolas de officios (Gewerbeschulen)* (categoria em que entram as subvencionadas pelo Estado em Vienna, Salzburg, Graz, Pilsen, Reichenberg, Brünn, Bielitz e Czernowitz); as *escolas especiaes de arte applicada (Kunstgewerbliche Fachschulen)*, cujo numero sobe a 38, distribuidas pela Austria inferior e superior, o Tyrol, o Vorarlberg, a Bohemia, a Carinthia e a Moravia; emfim, as *escolas superiores e geraes de arte applicada á industria (Kunstgewerbeschulen)*, eminencia reservada até agora á escola

annexa ao Museu Austriaco. Ao influxo dessa reforma grandiosa bastou o curto periodo de seis annos ( fins de 1867 a meados de 1873 ), « para fazer brotar de um terreno grato, mas inculto, uma serie de industrias de arte florescentes — «tissimas!» (1) Não se enganara, pois, a direcção do *Museu Austriaco*, quando, na Memoria submettida ao governo em 3 de março de 1866, sobre a necessidade urgente da instituição de uma escola de arte applicada, asseverava: « *A raiz dos males que tão a fundo atocam a prosperidade nacional, consiste na deficiencia do ensino do desenho e na falta de escolas especiaes, que abram caminho para as escolas superiores.* » (2)

Na Hungria o desenho entra em todas as quatro classes da escola primaria. (3) Este ensino, não só figura como disciplina essencial e de primeira ordem nas *escolas reaes*, mas tambem é *obrigatorio nos gymnasios*. Para imprimir unidade e harmonia á sua distribuição, fundou o Estado a *Escola Nacional Hungara de desenho* e o *Seminario* (escola normal) de *professores de desenho*, que funcionam desde o 1º de novembro de 1871. (4)

Em varios cantões suissos não é menos vasto o lugar do ensino do desenho na educação popular. (5) A Dinamarca, entre cujos resultados escolares, na exposição universal de 1878, sobresaliam com brilho trabalhos de desenho devidos a creanças de 10 a 14 annos, estende *obrigatoriamente* a todas as escolas, além do desenho linear, o desenho de ornato. (6) As escolas primarias superiores, na Suissa, inscrevem no seu programma o desenho de imitação. (7) Na provincia russa da Finlandia esta disciplina, sob a lei de 11 de maio de 1866, faz parte igualmente do curso escolar. (8) Na Hollanda é legalmente obrigatoria desde a lei de 1857, confirmada, quanto a este ponto, pela lei de 17 de agosto de 1878, art. 1.º

A Belgica, de cujo adeantamento na cultura artistica o mundo inteiro formava o mais elevado conceito, admirando, como typos de organização e de methodo, as suas academias de bellas artes, as suas escolas de desenho e, com especialidade, as suas escolas industriaes, não descansou na importancia dessas vantagens, e, descobrindo-lhes a insufficiencia, encetou, nestes quatorze annos, um vigoroso movimento, tendente a uma reforma radical no seu systema de instrucção. O primeiro signal da agitação partiu do congresso industrial, celebrado em Bruxellas no anno de 1868, com o fim de discutir os melhores planos e processos de ensino do desenho. Um dos votos

(1) - Austria is the most thorough educational reformer in Europe to day. • STETSON: *Op. cit.*, pag. IX.

(2) *Ibid.*

(3) JOSEPH LANGL: *Op. cit.*, pag. 9.

(4) JOAQUIM DE VASCONCELLOS: *Reforma do ensino do desenho* (Porto, 1879), pag. 68.

(5) BRAUN: *Rapport etc.*, pag. 647.

(1) JOAQUIM DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pag. 76.

(2) *Ibid.*

(3) Dr. APATHY: *L'enseign. public en Hongrie*. Na *Revue Internat. de l'enseignem.* 15 de maio 1881, pag. 455.

(4) JOSEPH LANGL: *Op. cit.*, pag. 29.

(5) BRAUN: *Rapport etc.*, pag. 647.

(6) HIFFRAU: *L'instr. publ. dans les Etats du Nord*, pag. 200.

(7) BRAUN: *Rapport etc.*, pag. 274.

(8) *Ib.*, pag. 323.

dessa assembléa pedia, como necessidade urgente, a admissão geral dessa disciplina em as escolas municipaes. No dizer de M. Lajolais, representante de Paris nessa reunião, « o ensino, em relação ás creanças, havia de começar pelo conhecimento das fórmãs, habituando-as depois a acompanharem, e discernirem a transformação das fórmãs exactas em fórmãs ornamentaes. O estudo do desenho, na sua primeira instancia, desenvolve a intelligencia do menino, ensinando-o a ver. Ver com a percepção do desenhador é crear o sentimento da observação exacta e da analyse fiel, resultados que se podem alcançar mediante uma serie de exercicios attractivos. » Em 1871 M. Kervyn de Lettenhove, ministro do interior, expidiu uma carta circular aos inspectores da instrucção primaria, chamando-lhes a attenção para a importancia da reforma que, na Inglaterra e na capital da França, admittira nas escolas o desenho. Nesse documento, depois de argumentar concludentemente, mostrando a conveniencia da mesma medida para o seu paiz, dizia: « Cumpre, conseguintemente, distribuir o ensino do desenho em todas as escolas normaes, mediante professores capazes; e, para obter este resultado, não hesitará o governo em alargar as remunerações, que de presente se concedem. » O ministro appellava, enfim, para a collaboração das communes e provincias, observando: « E' uma questão de interesse nacional, desde que o seu principal objecto consiste em fomentar o progresso da industria e o desenvolvimento do senso artistico do paiz. » Desde o anno de 1877 essa aspiração foi convertida em realidade naquella nação (1), onde a lei do 1º de julho de 1879, art. 3, comprehende o desenho entre as materias que compõem « necessariamente » o programma elementar. A Escola Modelo da Liga do Ensino, neste paiz, considera o desenho como « uma das bases do systema de instrucção escolar ». A essa disciplina se consagra diariamente, em todas as classes, uma hora. O desenho linear é combinado com as lições de geometria, o calculo intuitivo e o levantamento de planos. Começando por desenhar secções realmente practicadas, em todos os sentidos, sobre objectos de pequena extensão, o alumno passa depois a conceber, e desenhar secções imaginarias. Nas classes superiores se exercita cumulativamente o discipulo no desenho de ornato, no desenho da cabeça humana, no desenho architectural e no levantamento de toda a especie de planos. (2)

A França é um dos paizes onde mais se retardou a inauguração do desenho no curso da escola popular. Data dos regulamentos de 16 de fevereiro e 23 de maio de 1863 a organização de classes regulares de desenho em Paris. Essa reforma creou, sob a fiscalisação de dois

inspectores especiaes e a direcção de mestres habilitados por um diploma particular, duas aulas de desenho por semana, de hora e meia cada uma, em todas as escolas do sexo masculino. Sob esse impulso foi rapido o desenvolvimento. No anno escolar de 1867—68 já 3 750 alumnos frequentavam proficuamente esse curso. De 1870 em deante os progressos assumiram um caracter notavel: renovaram-se os programmas; substituiu-se a imagem estampada pelos modelos em relevo; elevou-se de dois a quatro o numero dos inspectores; accrescentou-se ás duas aulas regulamentares mais uma, hebdomadariamente, de duas horas e meia, elevando-se assim a cinco e meia horas por semana o tempo dedicado a esse estudo; harmonisaram-se os programmas do desenho linear com os do desenho de arte, impondo-se este a todos os cursos medios e superiores; adicionou-se ao programma do exame para a obtenção do certificado de estudos primarios uma prova de desenho. Em summa, dizia, em 1840, M. Gréard: « O desenho constitue hoje um elemento obrigatorio do ensino primario em Paris. » (1)

Accresce, depois de 1878, a instituição de 49 aulas especiaes de desenho para homens, além de seis aulas livres da mesma especialidade, subvencionadas para este sexo e 20 para o outro. (2) Os homens mais eminentes nestes assumptos senti-m, havia muito, a urgencia da generalisação de semelhante medida ao paiz inteiro. Esta reforma, dizia em 1873 o director das bellas artes no ministerio da instrucção publica, « impõe-se a nós por tantos titulos pelo menos, quanto a que, em 1867, fez obrigatorias a historia e a geographia. » A lei de 28 de março de 1882, art. 10, preencheu esses desejos, admittindo o desenho ao programma obrigatorio da escola popular.

Sabe-se (e já com isto nos occupámos no primeiro parecer) que toda esta *revolução* partiu da Inglaterra. « Depois da batalha decisiva de 1851 » (a exposiçào universal de Londres), escreve Julio Simon, prefaciando os relatorios do jury internacional de 1878, « a Inglaterra, que é uma nação politica, immediatamente comprehendeu que carecia de artistas. Até então combatera exclusivamente por meios indirectos, apoderando-se dos nossos artistas, ou mandando gente sua estudar entre nós. Em 1851, porém, adoptou a resolução de possuir escolas suas. Creou de uma vez a repartiçào de sciencia e arte e o museu de Kensington. Para isso era mister dinheiro, muito dinheiro: liberalisou-o. » (3) A fundação de South Kensington importou primitivamente em cerca de doze mil contos de réis (4), e custa annualmente mais de mil (5), tendo-se

(1) TRONQUAIS ET LEMOINE: *Rapport sur les meubles à bon marché et les meubles de l'as.* pag. 8. (Nos *Rapports du Jury International de l'Expositon de 1878*, vol. III).

(2) TEMPLE: *Instructions générales des instituteurs. Notice sur les travaux de la Ligue de l'Enseign.* (Brux., 1878), pag. 13.

(1) GRÉARD: *L'enseignement prim. à Paris et dans le département de la Seine*, pags. 69—70.

(2) JULIUS SIMON: *Introduction aux rapports du Jury International (Expositon Universelle de 1878)*. Pag. 534. Este magnifico trabalho fórma o XIIº volume da collecção.

(3) *Op. cit.*, pag. 495.

(4) CH. B. SWETSON: *Modern Art Educ. Americ.* prefaco, pag. V.

(5) *Ibid.*

elevado um anno a *dois mil e quatrocentos* (1) Referindo-se ao movimento encetado então, um dos relatores do jury na exposição de 1862, consignando os fructos portentosos dessa reforma, dizia : « A Inglaterra tem empregado esforços sobrehumanos ; creou uma vasta rede de escolas de desenho, e submetteu-a ao regimen da centralisação administrativa, tão pouco sympathica aos habitos do paiz. » Outro descrevia com assombro « o estabelecimento grandioso, que é como a metrópole dessas instituições », o museu Kensington, que, instituido dez annos antes, por si e pelas suas noventa filiaes, preparara já *mais de cem mil alumnos*. (2) O numero destes, nas escolas subvencionadas e dirigidas pelo *Science and Art Department*, foi :

De 1862 a 1864 (média annual) ..	96.587
» 1865 a 1867 ( » » ) ..	98.547
» 1868 a 1870 ( » » ) ..	140.170
» 1871 a 1873 ( » » ) ..	221.943 (3)
Em 1874 .....	290.425
» 1875 .....	387.640
» 1876 .....	460.961
» 1877 .....	549.010
» 1878 .....	660.531
» 1879 .....	725.129
» 1880 .....	768.661 (4)

Nesta diffusão do ensino do desenho está o segredo magico dos prodigios obtidos pela Inglaterra, durante estes vinte e cinco annos, na applicação industrial da arte, espantosa conquista, que avulta entre as maiores do imperio britannico. (5)

Nos Estados Unidos foi do Massachusetts que partiu o impulso. Acolhido, de 1827 a 1836, na escola *ingleza* (curso *industrial*, assim denominado em contraposição ao curso classico), como estudo facultativo na classe superior, e mais tarde como disciplina obrigatoria, pouca attenção captou o ensino do desenho até 1853. O relatorio da excursão escolar de Horacio Mann, em 1848, pelos paizes europeus teve, entre outros, o bemfazejo effeito de determinar a admissão desse ensino entre as materias professadas nas *grammar-schools*. Ao instaurar-se a *normal school* de Boston, instituiram-se, bem que ainda mal remunerados, professores especiaes dessa materia, para esse estabelecimento e as *high schools* do sexo feminino. Pela mesma epocha se introduziu *legalmente* entre os exercicios obrigatorios da *primary-school* o desenho em lousas.

Esta providencia legal, porém, só excepcionalmente se executava ; affirmando, em 1874, o superintendente escolar do Estado, Mr. Phil-

brick, que, em 1856, não havia em realidade, no Massachusetts, mais que um começo de desenho em duas *high schools*. Nas *grammar schools* e nas *primary schools* propriamente não existia. Em 1870 (16 de maio) uma lei do Estado incluia o desenho entre os ramos de instrução necessariamente integrantes do programma das escolas publicas ; assentando, para todas as cidades e communas, a faculdade e, para todas as de mais 10.000 almas, o *dever* de proverem ao ensino gratuito do desenho industrial ou mechanico a todos os individuos maiores de 15 annos. (1) Em Boston já a esse tempo se praticava o estatuido na primeira dessas disposições. Graças ao Instituto Technologico do Massachusetts, que forneceu mestres e locaes mobiliados, abriram-se para logo, em ampla escala, as classes nocturnas, sob a direcção de oito professores, incumbidos do ensino do desenho á mão livre (*free hand*) e do desenho industrial. Mais tarde se additou o systema com o accrescimento de duas *high schools*, cada uma com o seu professor especial, cujo encargo, além do de ensinarem individualmente, cada qual na sua aula, consistia em dirigirem o ensino do desenho em cada um dos cinco districtos constituídos pelas *grammar schools*, e habilitarem os mestres ordinarios na maneira de professor o desenho. Entretanto, como Mr. Philbrick attestava em 1874, entrava a firmar-se no espirito de alguns a idéa de « fortalecer numa fonte estrangeira o corpo dos mestres de desenho » ; e, em 1872, Mr. Walter Smith, *Master of Arts* na escola ingleza do South Kensington, recommendado á attenção do mundo artistico pelos seus relatorios acerca da exposição franceza das escolas de desenho em 1864 e 1869, foi incumbido dessa ardua tarefa, na qual revelou os maiores talentos de organizador, e que hoje se póde qualificar de quasi completa. Graças ao desenvolvimento methodico de um plano racional, fundado em longos annos de solida e continua experiencia, o desenho, em Boston, que, em 1872, contava apenas cinco professores, oito annos depois era ensinado por quasi todos os da cidade, isto é, por *mil e quarenta*, d'entre *mil e quarenta e cinco*, a sessenta mil alumnos. (2)

Eis a summa do programma nessas escolas. Na organização do ensino do desenho, as escolas repartem-se em dois grupos: a) ensino primario e geral, abrangendo a escola prima-

(1) Eis o theor desse acto:

« Chapter 248, Acts of 1870.

« Section 1. The first section of chapter thirty-eight of the General Statutes is hereby amended so as to include Drawing among the branches of learning which are by said section required to be taught in the public schools.

« Section 2. Any city or town may, and every city and town having more than ten thousand inhabitants shall, annually make provision for giving free instruction in industrial or mechanical drawing to persons over fifteen years of age, either in day or evening schools, under the direction of the school committee.

« Section 3. This Act shall take effect in its passage. »

(2) BRAUN : *Rapport sur l'instr. prim. à l'expos. de Phil.*, pags. 392—396 ; REGAMER : *L'enseignement du dessin aux États Unis* (notes et documents), pags. 13—19.

(1) JULES SIMON : *Loc. cit.*

(2) BRAUN : *Rapport, etc.*, pags. 643—4.

(3) JULES SIMON : *Op. cit.*, pag. 496.

(4) *Twenty sixth report of the Science and Art Department of the Committee of Council on Education*. Lond., 1881. Pag. 401.

(5) « None of the great achievements of England have been more surprising than the work she has done within twenty years past in the application of art to her industries. » GEORGE WANN NICHOLS : *Art Education applied to industry* (New York, 1877). Pag. 65.

ria, a intermedia (*intermediate*), a de gramática (*grammar school*) e a escola superior; b) ensino secundario e especial, abraçando as escolas normaes, as de desenho, as nocturnas (*free evening schools*), as industriaes e as escolas normaes de arte. Nas *primary schools* (6 grãos) quatro lições, por semana, de 30 minutos cada uma. Nas *grammar-schools* (6 grãos) hora e meia por semana, divididas em duas lições de quarenta e cinco minutos. O curso, nas escolas dessas duas categorias, começando por simples combinações lineares, passa, mediante a mais rigorosa gradação, á cópia, a olho (ou a mão livre, *free hand*), de desenhos executados na pedra pelo mestre, á execução do desenho dictado ou de desenhos de memoria, ao desenho geometrico e ao desenho por modelos em relevo. Nas *high schools* (3 grãos), duas lições hebdomadariamente, cada uma de uma hora: perspectivas angulares, paralelas e obliquas; desenhos de modelos em relevo ou naturaes; sombreados; desenho colorido; harmonia de proporção; desenho applicado. (1)

Em menos de seis annos (1872—1878) os recursos empregados pelo governo para a fundação do ensino do desenho comprehendiam: a instituição de uma commissão central permanente, superintendendo as commissões locais, encarregadas especialmente de desenvolverem esse ramo de instrucção; o estabelecimento de cursos normaes, obrigatoriamente frequentados pelos professores de ambos os sexos, sob a direcção de 18 mestres especiaes; a redacção de uma serie graduada de programmas, que abrange o curso inteiro; a publicação de manuaes, cadernos, modelos e compendios para as varias aulas; a inauguração de cursos successivos desde o jardim de creanças até á *Normal Art School*. (2)

O exemplo do Massachusetts e especialmente da sua capital propagou-se rapidamente por todas as cidades vizinhas: Lowell, Worcester, Adams, Barre, Chelsea, Hingham, New-Bedford, Newburyport, Peabody, Peru, Pittsfield, Springfield, Seituante, Tanton, Weymouth.

Seguindo as pégadas do Massachusetts, New-York, por uma lei de 14 de maio de 1875, estatuiu o ensino do desenho industrial e á mão livre nas escolas normaes do Estado, nas escolas de todas as cidades, ou, pelo menos n'uma secção (*department*) dellas, isto é, nas *primary schools*, nas *grammar schools*, ou nas *high schools*. Esse acto legislativo foi recebido com o mais sympathico acolhimento da população, como notava o superintendente escolar do

Estado, no relatório de 1878—79. (1) Ensinam alli o desenho, n'algumas escolas, professores especiaes; noutras, os professores ordinarios (*regular teachers*). (2)

O Rhode Island, que possui, na cidade de Providence, uma escola especial de desenho para a instrucção technica de artistas (a *Rhode Island School of Design*), estende o ensino dessa disciplina ás creanças maiores de nove annos, consagrando-lhe, na escola, o espaço de *uma hora por dia*. (3)

A Pennsylvania inaugurou, na capital, por occasião do centenário, o seu museu e a sua escola superior de arte industrial (the *Pennsylvania Museum and School of Industrial Art*), modelados pelo *South Kensington Museum and Art School* de Londres. Construido em dois annos, o palacio destinado a esse serviço custou mil contos ao conselho municipal (*city council*) de Philadelphia e dois mil á legislatura do Estado. (4) Já no anno escolar de 1877—78, segundo os documentos officiaes, o desenho era ensinado em *tres mil trezentas e duas* escolas pennsylvanianas. (5) Vae, portanto, summamente adeantada a satisfação dos votos exprimidos, em 1875, no seu relatório *Education for work*, pelo superintendente Wickersham:

1.º Que o desenho industrial se ensinasse em *todas as escolas* do Estado:

2.º Que as escolas normaes fossem obrigadas a dedicar mais attenção ao desenho e á educação artistica em geral:

3.º Que se creasse, no Estado, uma instituição (pelo menos) do genero da grande escola ingleza de arte do South Kensington.

No Maine, ha muitos annos tambem que penetrou essa tendencia fecunda. No Maryland o desenho faz parte do programma ordinario das escolas communs. (6) Vae por seis annos que esse movimento já se generalisava igualmente pelos Estados do Oeste, reflectindo, em muitos pontos, a imagem das idéas correntes no Massachusetts. E' o que, na exposição de 1876, as commissões internacionaes observaram em Chicago (Illinois) em Milwaukee, (Wisconsin), em Detroit, Bay City e S. José (Michigan), em S. Luiz (Missouri). Noutras partes cada organização local apresentava seus caracteres peculiaes. Assim em Cleveland: assim no Michigan, onde o desenho, ensinado até 1868 unicamente nas *high schools*, como ramo facultativo (*optional*), adquiriu desde esse anno o cunho de estudo geral e obrigatorio, descendo ás escolas de grammatica e até ás primarias. Em Washington o desenho occupa vasto logar até nas escolas

(1) Report of the Commissioner of Education for the year 1879, pag. CCXII.

(2) BERGER: *Op. cit.*, pag. 413.

Ha apenas seis annos que o Massachusetts inaugurou o ensino regular das artes do desenho, e já em todos os Estados do norte e oeste, até ás margens do Pacifico, o paiz segue rapidamente esta senda. Por toda a parte a educação apoia-se nos mesmos principios, e, dentro em pouco tempo, a Escola Normal de Boston enviará, em auxilio das artes, um enxame de missionarios semelhante áquelle que, ha alguns annos, foi levar a longas terras o systema educativo da Nova Inglaterra. — *Rapport sur l'enseignement prim. à l'expos. univ. de Philadelph.* Pag. 409.

(1) Report of the Commissioner of Educat. for 1879, pag. 167.

(2) Manual of the Board of Education of the city and county of New-York. 1882. Pags. 98—9.

(3) Report of the Commissioner of Educ. for the Year. 1879, pag. 216.

(4) REGAMEY: *L'enseign. du dessin aux Et. Unis*, pag. 89.

(5) Report of the Commission. of Educ. for 1879, pag. 198.

(6) *Ib.* pag. 96

de engeitados e desvalidos (*Neglected children schools*). (1)

Em summa, por toda a parte, na União Americana, « se reconhece que o desenho deve ser uma lingua universal, lida e comprehendida por todos os homens, sejam de que nacionalidade forem. Todos os argumentos empregados em demonstrar a utilidade da linguagem, quer como instrumento de uso practico, quer como cultura do espirito, procedem igualmente em relação ao ensino do desenho. » « Por instrucção em arte industrial, » », diz o relatorio do Ohio, « não se entende que todos os alumnos se hajam de converter em artistas, mas apenas que em todos cumpre exercer a mão e o olho, até habilital-os a verem com exactidão, e reproduzirem com habilidade as coisas que os interessam. A faculdade de desenhar encontra-se em todas as creanças. E' uma como inclinação que se trae, e simplesmente carece dirigida. » (2)

Eis, pela summa, os factos.

Negar, portanto, um lugar inaufervel e de primeira plaina ao desenho na escola popular desde os gráus mais elementares, é dar cópia de uma ignorancia absoluta, ou de uma incompetencia incuravel no exame dos elementos da questão.

Resolvida, porém, esta, surgem consecutivamente varias outras, que, numa reforma séria, demandam a mais escrupulosa attenção do legislador e do pedagogo.

a) Que especie de desenho é o adoptavel ao ensino escolar?

b) Qual a sua distribuição pelos varios estadios do curriculo da escola, desde o *Kindergarten* até á escola superior?

c) Que methodo a razão e a experiencia impõem a esse ramo da instrucção primaria?

d) A que mestres incumbe naturalmente o ensino dessa disciplina?

e) Quaes os meios de formal-os?

E' o que examinaremos, mas que não nos caiba espaço e tempo, senão para o fazer mui perfunctoriamente.

As tres primeiras questões interdependem absolutamente, confundindo-se, por assim dizer, numa só. A natureza do desenho escolar, o programma de sua distribuição, o seu methodo de cultivo são elementos cointegrantes da mesma idéa, de uma idéa fatalmente complexa.

a, b, c) CARACTER, DISTRIBUIÇÃO, METHODO DO DESENHO NA ESCOLA :

São tres faces do mesmo problema.

O Sr. Joaquim de Vasconcellos, qualificando o ensino elementar do desenho, qual se professa nas escolas portuguezas, peremptoriamente o reprova. « O ensino elementar », diz elle, « reduz-se a pouco, ou nada. O chamado *desenho linear geometrico* das nossas escolas é condemnavel, em principio, como innovação na sciencia do desenho; é um *abc* tão absurdo no ensino artistico, como a soletração é um *abc* absurdo no ensino linguistico. Entregar logo á creança a regua e o compasso, é tirar-lhe

toda a vontade de aprender, toda a iniciativa; é paralyzar-lhe o orgam mais precioso — a vista; é fomentar a preguiça, a inercia, a incapacidade. » (1) Subscrevemos sem restricção, applicando-o ao Brazil, a que rigorosamente quadra, este juizo do eminente escriptor, o homem que, em Portugal, já escreveu melhor sobre a sciencia e a pedagogia da arte, o que mais exacta concepção revela das condições essenciaes á verdadeira reforma.

Já mostrámos como o ensino do desenho deve preceder o da leitura e o da escripta, de que, como pondera esse illustre critico e educador, é « elemento auxiliar. O conhecimento da fórma da lettra demanda um grau notavel de percepção, o habito já desenvolvido, iamoz dizer: a sciencia da observação; e como se educa a creança nesse habito? Não é a vista o principal instrumento dado á creança pela natureza, para analysar o mundo exterior? Não é sabido de todos o gosto, a insistencia, com que todas as creanças pegam do lapis, para desenhar? Sigamos, pois, as sabias instrucções da natureza; ensinemos a creança a observar, fornecendo-lhe um novo instrumento. Ella traduzirá com o crayon, na tabea, ou na louza, o pequeno mundo que absorveu em si, e vendo então novamente o objecto que reproduziu, comparará insensivelmente o retrato com o original. Dahi á *percepção correcta* — *the root of all* — do objecto a distancia é mui pequena. » (2)

Ramificação do estudo das fórmas, como a leitura e a escripta, mais simples nos seus elementos do que estas, e incalculavelmente prestadio no ensino de ambas, que facilita, e abrevia (3), o desenho, nos seus exercicios mais simples, tem o seu cultivo inicial no *jardim de creanças*, entre as de 4 a 7 annos. Froebel mesmo qualificou a sua importancia no *Kindergarten*. « O desenho », escrevia elle, « é um dos meios de desenvolvimento mais valiosos para a primeira infancia; porquanto, com o auxilio delle, bastam os materiaes mais simples e o menor emprego de força physica, para discernir facil e rapidamente o que o mentino por si mesmo é capaz de fazer. » Já desde essa phase do ensino o desenho é encarado, pelos especialistas que têm discorrido sobre a pedagogia dos jardins infantis como « um dos meios inquestionavelmente mais importantes de educação ». (4) Depois de construir, combinando certo numero de

(1) JOAQUIM DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pag. 37.

« Quasi todos os mestres allemães condemnaram, já em 1823, o uso immediato do compasso e da regua como absurdo inqualificav. l. Insistimos de novo sobre este ponto capital. » *Op. cit.*, pag. 37. V. pag. 28.

(2) *Ib.*, pag. 24.

(3) « Reading and writing are branches of form, and not the least intricate branche. Elementary drawing would act beneficially on them, and they on it, if all proceeded harmoniously together, and still more saving of time and increase of efficiency would take place. » *Directions for introducing the first steps of elementary drawing in schools and among workmen*, p. 6. Apud JOAQUIM DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pag. 24.

(4) W. N. HALLMAN: *Kindergarten culture in the Family and Kindergarten*, pag. 73.

(1) REGAMEY: *Op. cit.*, pag. 145.

(2) M. BERGER: *Op. cit.*, pag. 406.

hasterinhar de uma extensão determinada, as denominadas *fôrmas da belleza* (*Schönheitsformen, forms of beauty*), enceta a creança, no Kindergarten, o desenho propriamente dito. Servem para este uso as lousas, cobertas em toda a sua extensão de uma rede de horisontaes e verticaes, intercortadas todas em angulo recto e uniformemente intervaladas. Começando por traçar curvas verticaes cujo comprimento não exceda o das secções verticaes da *talaçarça* (digamos assim), que o diagramma da lousa representa, depois horisontaes, avulsas e combinadas com aquellas, mais tarde obliquas, cujo cahimento será determinado pelos pontos de intersecção da rede, o menino chegará, com o auxilio do lapis, mediante angulos, combinações de angulos e figuras cerradas, aos compostos geometricos, que formara com os pausinhos de Froebel, antes de utilizar-se do lapis. Para não merecerem a censura que lhes irroga uma aliás competente autoridade (1), basta que esses exercicios se animem, deixando á imaginação do discipulo certa liberdade moderada, entre a infinidade de combinações lineares possiveis nos limites da rede, que constitue, a um tempo, um meio de suggerir á creança invenções continuamente novas, e corrigir-lhe os desvios da phantasia infantil nos seus primeiros tentames. Deste modo se instilla gradual, mas segurissimamente, ao homem, desde a primeira idade, pelo conhecimento concreto e pela reprodução pessoal das linhas e seus compostos, incalculavelmente variaveis, o sentimento da proporционаlidade das extensões, base de todo o methodo racional do desenho, a intuição da symetria, da regularidade, da harmonia de todas as fôrmas. Guiado assim, *sem lições apparentes*, o artístasinho de cinco ou seis annos entra num periodo de surpresas e conquistas, ante a coincidência entre as fôrmas ideaes que a imaginação lhe inspira e as fôrmas usuaes, as fôrmas familiares aos seus olhos, as chamadas *fôrmas da vida* (*forms of life*), coincidência ás vezes casual, mas que cumpre buscar, preparar, amoldar, explorar, conduzindo habilmente o imaginoso inventorsinho a concretisar, nos objectos cuja presença e trato lhe são mais triviaes, as figuras imaginaveis que lhe delineara a faculdade creativa, fecundada, encaminhada e corrigida pelos elementos geometricos, adquiridos solidamente pelo alumno, graças aos processos do methodo froebeliano.

Pelo uso methodico desses processos é que se chegou á verificação: 1º) de que para o desenho, salvo o caso de enfermidade organica, não ha creança incapaz; (2) 2º) de que esta

disciplina é perfeitamente adaptavel ao espirito infantil desde os quatro e até desde os tres (1) annos de idade.

Preparado assim o menino, racionalmente, nos preliminares introductorios ao desenho antes de ter a minima noção do alphabeto (2), começa a tarefa da escola primaria. Qual o objecto, os limites e os methodos do desenho nas escolas desta classe?

A resposta depende absolutamente do conhecimento da situação, que ligeiramente exporemos, deste problema nos tres Estados, onde elle tem recebido até hoje a solução mais systematica, mais cabal, mais notavel pela excellencia dos resultados: a Inglaterra, os Estados Unidos, a Austria.

*Inglaterra.* — Para informação tão rapida, quanto completa e fiel, da Camara, pediremos o transumpto da legislação, dos programmas e da experiencia na Inglaterra a um escriptor frequentes vezes invocado por nós nesta especialidade. Eis aqui o seu habil resumo:

« I. O mestre terá conhecimento, ao cabo de quinze dias, do grau de aptidão dos seus diferentes discipulos, e começará a terceira semana com uma *classificação* dessas aptidões, estabelecendo (si julgar necessario) para os mais atrasados uma *classe preparatoria*. Esta nunca deverá ter mais de 10 ou 12 discipulos; porque é necessario, é indispensavel que o mestre

children, that a natural incapacity for apprehending forms analogous to the total absence of an ear for music, does not exist. » *Directions etc.* Apud J. DE VASCONCELLOS: *Loc. cit.*

(1) « It is true that the simplest outline is an abstraction: but a child three years old can understand such an abstraction of familiar objects. Such outlines are the infancy of art as well as its alphabet. » *Directions for... drawing in schools*, pag. 9. Apud — J. DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pag. 22.

(2) O concurso com que o desenho póde cooperar para o ensino da leitura acha-se notavelmente exemplificado num livro escolar, cuja indicação encontramos na obra do Sr. J. de Vasconcellos, mas que temos tambem presente (assim como a de J. D. Harding, cuja autoridade invocam s á pag. deste parecer): *Elementary drawing copy-books for the use of children from four years old and upwards in schools and families. Compiled by a student certified by the Science and Art Department. London. Chapman and Hallan 193, Piccadilly, agents to the Science and Art D. part. for the sale of Art-examples.* (Em 7 series, de 12 pags. cada uma.) As letras do alphabeto constituem alli as duas primeiras series (24 pags.), com 88 specimens, cujo indice é o seguinte:

Pags. 1º e 2º	Linhas vert.	horis.	obliquas	e curvas
3	.	.	.	.
4	.	.	.	.
5	.	.	.	.
6 a 8	.	.	.	.
9	.	.	.	.
10 e 11	.	.	.	.
12	.	.	.	.
13 e 14	Parall.	.	.	.
15	.	.	.	.
16	.	.	.	.
17 a 20	.	.	.	.
21	.	.	.	.
22 e 23	.	.	.	.
24	.	.	.	.

Nesse trabalho, que é a calligraphia e o ensino da letra redonda pelo desenho, os modelos seguem, não a ordem do alphabeto, mas a gradação racional dos elementos geometricos, segundo a sua difficuldade graphica: 1º vertical: I; 2º vertical e horizontal: L, T, H, E, etc.; 3º vertical e obliqua: K, Y; 4º vertical e curva: J, P, U; 5º vertical, horizontal, e curva: D, B, etc.; 6º curvas e circulos: S, C, Q, O; 7º parallelas.

(1) FISCHER: *Le système Froebel a-t-il donné lieu à des critiques fondées? Quel sont les développements et les adaptations dont il est susceptible? Rapport. Congr. Internat. de l'Enseign.* Bruxelles, 1880. 1re section. Pags. 127 e 147.

(2) « Poderão todas as creanças desenhar? Será a disposição para o desenho natural em todas? Os pedagogos mais illustres disseram sim; e a pratica repetiu outro sim, na Alemanha, na Inglaterra, em todos os paizes onde existe um Jardim da infancia. » J. DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pag. 22.

« The conviction has been arrived at, from eaching many

possa corrigir cada um dos trabalhos de cada um dos discípulos duas e até tres vezes durante a lição.

« II. Os discípulos da classe preparatoria seguirão gradualmente para a *classe geral*, que nunca deverá ter mais de 20 a 25 discípulos.

« III. Poderá estabelecer ainda uma classe *superior* (dentro da *geral*) de pequeno numero.

« IV. Excedendo-se o numero de 25, é preciso recorrer ao auxilio de um ajudante.

« V. A duração do ensino deve variar : meia hora para os discípulos de 7 a 9 annos ; depois mais um quarto ; para os outros, tres quartos, e depois uma hora.

« VI. O mestre deverá construir um horario do ensino com o *Numero de lições, Data, Assumpção da lição, Notas*. Aliás ser-lhe-ha impossivel estabelecer uma gradação rigorosa no ensino.

« VII. O desenho, tanto de objectos como de estampas, será feito de tres modos :

« a) Desenho de memoria (cópias e objectos).

« b) Desenho de invenção.

« c) Desenho a tempo fixo.

« O primeiro far-se-ha tanto sobre os objectos como sobre as estampas ; o segundo versará sobre a composição com os elementos já aprendidos ; o terceiro constará de exercicios tirados da escala do ensino immediatamente inferior á capacidade do discipulo. O *desenho a tempo* tem por fim educar no discipulo um golpe de vista rapido e seguro ; desenvolver nelle o sentimento das qualidades caracteristicas dos objectos, e combater a inoiciencia em geral.

« VIII. O mestre deverá olhar attentamente pela compostura do discipulo, já estando elle sentado, já em pé ; deverá attender á posição da mão.

« IX. A escolha dos objectos e estampas é uma questão de importancia capital. O mestre não passará nunca a uma serie superior, sem que toda a classe haja executado uma serie anterior completa, por meio de alternção dos numeros, entre os discípulos. O mestre deverá attender, sobretudo nos primeiros tempos, a que o thema dado para a lição não exceda, pelo trabalho, o tempo destinado a ella. Deverá deixar-se toda a liberdade de escolha ao discipulo, apresentando-se-lhe a serie dos modelos ou estampas correspondentes ás suas aptidões no principio de cada lição.

« X. O mestre nunca deverá fazer correções no proprio desenho do discipulo, (1) mas sim á margem, ou numa folha á parte. Será melhor ainda que o discipulo corrija os seus proprios erros, depois do mestre lhes ter demonstrado. A exactidão do desenho obtém-se progressivamente, com o tempo. Forçar o discipulo logo a grande rigor seria pedir o impossivel, e cançal-o.

« XI. O mestre nunca deverá consentir que o discipulo comece a desenhar qualquer objecto ou cópia, antes de a ter estudado na sua totalidade e nas suas partes, comparando-as entre si ; assim como não deverá consentir que o dis-

cipulo trace uma linha, sem ter marcado previamente os pontos extremos della no seu desenho.

« XII. O lapis e o papel branco devem ser banidos do ensino elementar. O discipulo desenhará primeiro com crayon branco sobre uma tábua ou lousa de dimensões razoaveis, e depois com carvão e crayon preto (*Conté*) sobre papel de côr ; o manejo do crayon e do carvão habitua o alumno a desenhar a traços largos, rasgados, a desprezar os accidentes com prejuizo das qualidades caracteristicas do objecto ; previnirá a tendencia, funesta nos primeiros graus, de querer o discipulo *acabar* demasiadamente o desenho, e de se illudir com effeitos de uma *virtuosidade* esteril, que fatigará sempre. A tábua deverá ser pintada antes de castanho semi-escuro, do que de preto. O uso da caneta para segurar o gesso e carvão deve ser igualmente banido, ao principio ; porque embarça a liberdade do traço. O ponteiro de lousa não serve ; porque torna o desenho vagaroso, a mão aspera e pesada.

« XIII. O ensino das côres com um diagramma bem calculado tem cabimento na escola primaria para os discípulos de 8 annos em diante ; a pratica tem-no prova lo. (1)

« XIV. O *ensino da perspectiva* deve entrar no fim do curso, numa forma elementar pratica e numa escala rigorosamente graduada.

« XV. O ensino de modelação fica excluido, como pertencente á escala de desenho do segundo grau. (2)

*Austria*.—Mui cedo se comprehendeu nesse paiz a esterilidade do ensino do desenho á regua e compasso. As tentativas para emancipar desse processo esterilizador a educação da mocidade principiam no começo deste seculo (em 1803). Mas só em 1846 o processo *stigmographico*, aliás já muito antes consideravelmente utilizado por Froebel, entre os jogos infantis do *Kindergarten*, recebeu do Dr. Hillard, em Vienna, a systematisação, que hoje faz delle a base mais racional de todo o ensino do desenho.

O professor Grandauer, de Vienna, incumbido, algum tempo antes da exposição de 1873, de relatar a situação do ensino escolar do desenho, occupando-se com o methodo coordenado por Hillard, profere este juizo : « D'antes se reputava o desenho como simples arte delectavel ; cuidava-se que, para o cultivar, se houvessem mister disposições naturaes inteiramente particulares. Não se pensava em convertel-o num ensino methodico ; limitava-se tudo a executar lindas cópias de modelos de todo o genero a crayon, a aguarella, a oleo. Desenhava-se um pouco de tudo : arabescos, flores, esboços de monumentos, machinas, etc., sem que o alumno lhes podesse atinar bem o intuito ou a significação. Hoje a experiencia tem compro-

(1) « O regulamento official inglez chama a este processo : *a most objectionable and immoral proceeding!* »

(1) « A course of lessons on colour might occasionally be given in common schools, for it has been found that the elementary laws of colour can be made perfectly intelligible and very interesting to children of the age of eight and upwards. (*Directions*, pag. 11.) »

(2) J. DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pags. 15-18.

vado que a todo o ensino do desenho ha-de ser base o conhecimento das fórmas geometricas elementares, e que, conseguintemente, logo depois de praticados os primeiros exercicios a linhas rectas e curvas, não ha melhor objecto de estudo, para os principiantes, do que as figuras regulares, constituidas pela divisão e combinação dessas linhas. Veio, de mais a mais, a prevalecer a convicção de que, para o ensino em commum, o melhor meio é compor o mestre mesmo o modelo na pedra » (quadro preto, *tableau noir*, *black-board*, *Schul-Tafel*) « explical-o depois, e reproduzirem-no os alumnos, ajudados, nas classes inferiores, por quadernos preparados segundo o *methodo stigmographico*. Mais tarde convirá levar-os a executar desenhos *dictados*, ou de *memoria*. Todos, em summa, hoje em dia, reconhecem que é necessario assentar um plano methodico para o ensino do desenho, e esquivar os processos de exercicio puramente mecanico. » (1)

São maravilhosos os fructos desse methodo, que, nalguns paizes, como a Bohemia, tem prestado serviços admiraveis, ainda sob a direcção de mestres completamente estranhos ao conhecimento do desenho. (2)

Eis (estribando-nos sempre em autoridades, e do mais eminente valor) o em que consistem as feições que caracterisam o typo desse methodo:

« Schmidt, Soldau, Olte, etc. », escreve o Sr. J. de Vasconcellos (3), « tinham ensaiado varios methodos de ensino, que padeciam de um defeito essencial: que não estabeleciam uma gradação rigorosa: faltava-lhes a base indispensavel, o primeiro fundamento, o primeiro degrau da escada: o *desenho stigmographico*. A resolução do problema dependia da invenção de um processo bem simples, naturalissimo, mas que, como muitas outras coisas simples, custou a achar. Era mister idear uma transição natural, quasi insensivel, entre o *desenho auxiliado* (4) e o *desenho a olho* (5), sem recorrer á regua e ao compasso; essa transição tornou-se possivel com a *rêde stigmographica*. (6)

« O papel para o desenho, segundo o methodo stigmographico, é *quadriculado*, isto é: está coberto com linhas, que enchem a folha, cruzando-se em angulo recto, e formando uma rêde de pequenos quadrados. As figuras formam-se traçando, isto é, cobrindo as linhas

de um quadrado a outro, até se completar a figura proposta pelo mestre como modelo. As linhas da rêde stigmographica são mais tarde substituidas por pontos e, finalmente, os pontos reduzidos em numero, mais e mais, até desaparecerem de todo, e darem lugar ao *desenho livre a olho*; com este methodo não havia, nem ha, nem haverá saltos mortaes; a progressão pôde ser graduada mathematicamente. »

Em consequencia de largos debates, que se agitaram durante uma longa serie de annos, o methodo Hillard passou por varias modificações, das quaes a principal é esta:

« A rêde stigmographica fica subsistindo, mas deverá ser traçada pelo proprio discipulo, que medirá tudo *a olho*, e que augmentará, ou diminuirá as linhas, ou os pontos auxiliares, segundo a necessidade da figura que quizer construir. O mestre traçará o modelo na pedra. » (1)

Eis como, a respeito do methodo stigmographico, se pronunciava, em 1873, a commissão franceza em Vienna:

« Sem supprimir a espontaneidade do olhar e do traçado, elle possibilita aos principiantes a execução de figuras, que, sem a rêde de pontos de orientação, não lhes seria dado jámais reproduzir, nem sequer analysar. Assim já o desenho não será um como trabalho de estrejir, ou trasfolar, uma servil imitação (*un calque*); não se dispensam o olho e a mão de adquirir exactidão e segurança; mas a difficuldade, em vez de ser insuperavel, offerece-se assaz reduzida e dividida, para que o alumno obtenha vencel-a. Pouco a pouco vae escusando a rêde; das figuras rectilíneas passa insensivelmente ás curvas regulares, para as quaes os stigmás servem apenas de indicação geral, depois á representação dos objectos usuaes de fórma nimiamente simples, que, em pouco tempo, chega a desenhar sem quadriculas, nem ponteados algum, quer tomando por exemplar a natureza mesma, quer seguindo modelos traçados na pedra. » (2)

Para a applicação intelligente e uniforme deste systema, que, com razão, se tem considerado « excellente e applicavel a todos os paizes e a todas as intelligencias, no ensino elementar do desenho » (3), o governo austriaco adoptou o admiravel compendio do Sr. J. Grandauer, livro no qual o methodo stigmographico tem a sua encarnação mais perfeita.

Só a analyse do curso delineado nesse manual vos poderá habilitar a conhecerdes precisamente a realidade dessa poderosa combinação pedagogica, e lhe estimardes o immenso valor.

Para este fim, ainda uma vez, pedimos ao proficiente escriptor portuguez, cujo nome

(1) Apud BRAUN: *Rapport* etc., pags. 649—50.

(2) Under the charge of teachers totally ignorant of drawing. LANGEL: *Modern Art Education*, pag. 44.

(3) J. DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pags. 36—7.

(4) *Desenho a regua e compasso*.

(5) Ou a *mão livre* (*free-hand drawing*, *Freihandzeichnen*, *Freies-zeichnen*; *dessin à main levée*).

(6) Do grego *stigma*, ponto, « importa principalmente », diz Grandauer, « que não se abuse da rêde stigmographica, que o discipulo se emancipe a tempo desse meio auxiliar, o que as estampas que não de-grrvir de transição para o *desenho a olho*, apresentem os problemas a tempo e sem solução de continuidade. » Apud J. DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pag. 64.

(1) J. DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pag. 44.

(2) BUISSON: *Rapport sur l'instruct. pr. maire à l'composition univers.*, de 1873.

(3) J. DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pag. 44.

tantas vezes tem honrado estas paginas, a cooperacao do seu consciencioso trabalho. (1)

O compendio Grandauer *Elementos de desenho escolar (Elementar-Zeichenschule)*, distribuido em 12 cadernos, ou fasciculos, de 10 folhas cada um, divide-se em tres categorias, escalas, ou graus: inferior, medio e superior (*Unter, Mittel, Oberstufe*).

*Primeiro grau:*

Fasciculo 1.<sup>o</sup>— Linhas e combinações lineares para a formação de quadrados e outras figuras geometricas de ornamentação. Em todo o caderno consiste a orientação stigmographica em deixar fixados os pontos auxiliares da rede. Determinação de distancias ponto contra ponto, desde a primeira folha até a setima; medição de distancias eguaes entre ponto e ponto; medição de distancias deseguaes com eguaes, da oitava á decima folha. Termo medio, em cada folha, tres figuras decompostas, com a maior clareza, nos seus elementos.

Fasciculo 2.<sup>o</sup>— Proseguem-se, segundo o mesmo processo stigmographico, os exercicios e combinações de quadrados com duas e mais distancias deseguaes.

Fasciculo 3.<sup>o</sup>— Combinação dos elementos do antecedente, mediante figuras mais complicadas.

*Segundo grau:*

Fasciculo 4.<sup>o</sup>— Exercicios sobre quadros e outras figuras geometricas de ornamentação mais difficil, com o auxilio da stigmographia modificada. Importante modificação, bem que graduada com o maior rigor methodico, de modo que o adeantamento, aliás consideravel, do discipulo, obtem-se quasi insensivelmente. Os *stigmas* (pontos stigmographicos) servem, ora para que as linhas corram por sobre elles, ora como meio auxiliar para lhas determinar a direcção, ficando por cobrir alguns, cuja utilidade era, não entrar no contorno, mas indicá-lo. No primeiro grau as linhas percorriam todos os stigmas; d'aqui ávante porém uns (*effectivos*, ou *primarios*), são absorvidos nellas; outros (*auxiliares*, ou *secundarios*) ajudarão o traçado, sem se assimilarem nelle: difficuldade nova, susceptivel de uma gradação rigorosa.

Fasciculo 5.<sup>o</sup>— Transição para o desenho a olho. Difficuldade progressivamente maior no desenvolvimento das figuras geometricas ornamentaes. Rarçam-se cada vez mais os stigmas *effectivos*, de que o alumno se vae desembaraçando, guiado pelos pontos auxiliares. Até aqui cerca de 200 problemas vencidos. Pela primeira vez á folha 59, um trabalho de sombreação « que continúa distribuida com parcimonia até ao fim do compendio. »

Fasciculo 6.<sup>o</sup>— Inicia-se o desenho a olho. « E' deste modo, com um methodo seguro e rigorosamente progressivo, que o discipulo chega a desenhar as figuras, relativamente difficéis, do 5.<sup>o</sup> caderno, sem o menor auxilio de regua e compasso, de ominosa memoria; e note-se que estamos, e estaremos até o fim deste compendio, no dominio do *desenho ele-*

*mentar.* » Desde este passo acabaram-se absolutamente os stigmas. Resta ao discipulo apenas a linha, que tem de dividir exactamente, para direcção sua, no desenho das figuras.

*Terceiro grau:*

Fasciculo 7.<sup>o</sup>— Seguimento do desenho a olho, que, numa série de problemas graduados, vai até ao termo do livro.

Fasciculo 8.<sup>o</sup>— Desde a folha 71 sombreação, que continúa ininterrompidamente. « Como todas as figuras do compendio são calculadas para superficies planas (*Flächenverzierung*) a sombreação reduz-se á applicação de uma *linha*, que seja sufficiente para accentuar o relevo das fórmas da figura. — A' fol. 78 começam as curvas (não sombreadas) em circulos, semi-circulos e quadrantes.

Fasciculo 9.<sup>o</sup>— Proseguem estes ultimos exercicios. — Encetam-se as primeiras fórmas fudamentaes da ornamentação vegetal, geometricamente compostas sobre os elementos adquiridos até aqui, sem sombreação (fol. 81 e 82) e com ella (fol 83.—8.) Ellipse; ornamento grego, de que ella é a base (89—90); sombreados.

Fasciculo 10.— Da começo « a ornamentação vegetal propriamente dicta, a *ornamentação estylisada* » (1); principiando pelo elemento primordial, a folha, gradualmente complicado numa successão de problemas de base geometrica. Sombreação só a fol. 100.

Fasciculo 11.<sup>o</sup>— Volutas em geral, e especialmente a ionica. Ornamentos: grego, oriental, italiano (sombreados), com elementos vegetaes de base geometrica. Formas vegetaes (folhas e fructos), estylisadas, sem sombreação (fol. 105-8). As mesmas, desenvolvidas segundo a sua successão natural: em tarjas (fol. 109); na plenitude do seu todo organico; rosetas (fol. 110).

Fasciculo 12.<sup>o</sup>— Rudimentos principaes da perspectiva, exemplificados (111—120). « Estes exemplos servem apenas para o mestre regular a ordem da perspectiva elementar no ensino, até ao momento em que haja de recorrer aos corpos solidos, ou aos modelos de *arame* (transição entre a estampa e o modelo solido), para introduzir o discipulo no estudo do real. » (2)

(1) « A palavra estylisar tem, no dominio da arte de ornamentação, um sentido especial: *estylisa-se* uma figura, um objecto, um producto da natureza, quando se despe essa figura, esse objecto, ou esse producto das imperfeições, isto é, irregularidades naturaes de suas fórmas. A arte de ornamentação tira os seus motivos do mundo animado e inanimado, e emprega os productos da natureza (folhas, flores, fructos, ramos, animais, etc.), não como elles são, mas como deviam ser. A arte corrige, neste caso, a natureza, estylisa o objecto, quando pretendo utilisal-o para a ornamentação; as leis desta ultima arte obrigam-na sempre a estylisar. Um pintor commetteria um grave erro, si no seu quadro estylisasse as folhas ou fructos de uma arvore. Do mesmo modo o ornamentista violaria as leis da sua arte, si imita-se as irregularidades e casualidades da natureza nos motivos da ornamentação; neste caso o seu trabalho seria *nauralistico*, o contrario de estylisado. » J. DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pag. 55.

(2) « As estampas do Sr. Grandauer não são para uso directo do discipulo; servem principalmente ao mestre, para elle desenhar os problemas na pedra; os discipulos repetem o problema reduzido, sobre umas louzas especiaes (*Theken*), quadriculadas por meio de linhas, segundo a rede stigmographica, ou cobertas com os stigmas em sub-

(1) *Ib.*, pag. 44, 52-56.

Ao todo, no curso inteiro, 300 exemplos em 120 estampas.

Sob o regimen da stigmographia fica ao mestre a liberdade ampla de utilizar-se de varios processos, ou adoptando-os cada um individualmente, ou associando-os em todas as suas combinações possiveis, consoante ás disposições dos alumnos. Esses processos vêm a ser:

Figuras *apontadas* (ponteadas, ou pontilhadas).

Figuras *balisadas*.

*Meias figuras*; sendo a outra metade, que o discipulo deve inteirar, pontoada ou balisada.

Rêde de linhas (mecanicamente pautada nas linhas, ou nos cadernos).

Rêde de pontos, construída pelo alumno, depois de lhe ter marcado as distancias elle mesmo.

Rêde de pontos como meio auxiliar preparatorio; stigmas *effectivos* ou primarios (Grandauer, cadernos 1—3).

Rêde modificada; stigmas *secundarios* (Grand., cad. 4); com transição para o desenho a olho, sem balisas, nem stigmas. (1)

Qualificando pelos seus caracteristicos fundamentais o pensamento deste methodo, e delimitando o ambito deste programma, as instrucções officiaes, expedidas, em 1870, com o fim de regular a organização pedagogica das escolas da monarchia austro-hungara (2), exprimem-se assim:

« Tem por objecto este methodo *formar o olho e a mão* dos alumnos, leval-os a perceberem nitidamente, e discernirem com segurança as fórmias e os volumes, exercital-os na representação linear das relações entre as coisas no espaço, na figuração dos objectos terminados por superficies planas, na das linhas rectas e curvas; enfim, habilital-os a desenharem do natural os objectos de fórmias simples.

« No grau inferior o alumno cinge-se a reproduzir modelos facéis, desenhados na pedra. No médio e superior, o ensino do desenho é posto em relação com o das fórmias geometricas, no sentido de ser pela representação figurada destas fórmias que o alumno se comece a familiarisar com ellas. Os discipulos, em quem se revelarem aptidões particulares, exercer-se-hão em desenharem ornatos singelos, em traçar esboços, planos, mappas, etc.

« No tocante ao desenho releva deixar ao mestre a liberdade de ampliar, ou estreitar os limites do ensino em geral, e em particular

stituição das linhas. O mestre poderá prescindir até dos stigmas primarios e secundarios, enfim de toda e qualquer balisa, e começar logo com o desenho a olho, si assim o entender, si o talento do discipulo, si a sua instrucção e facilidade de percepção permittirem estes saltos. O methodo do Sr. Grandauer é tão racional, que deixa ao mestre a liberdade de usar de qualquer desses meios; as suas estampas têm o raro merecimento de poderem servir em todos os methodos que podem ter applicação ao ensino elementar do desenho: *desenho dictado, desenho a tempo, a tempo fixo, de memoria, de invenção e desenho de estampa.* »  
J. DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pags. 56-7.

(1) J. DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pag. 63.

(2) Apud BRAUN: *Rapport etc.*, pags. 630-31.

os do ensino de cada classe. Mas não perca de vista as necessidades peculiares ás classes de meninas.

« O ensino geometrico, reservado ás classes médias e superiores, abrangerá o estudo dos angulos, triangulos, quadrilateros e polygonos regulares, o circulo, a ellipse, o prisma, a pyramide, o cylindro, o cone e a esphera. Completará este ensino a medição das superficies e volumes. »

Na pratica, este methodo precioso subordinar-se a principios racionais, que constituem hoje, por assim dizer, a cartilha do desenho pedagogico, e que se podem substanciar nas seguintes regras:

1.<sup>a</sup> Todo o ensino do desenho deve ter por base a geometria;

2.<sup>a</sup> As fórmias convencionaes, attenta a sua regularidade, hão de preceder as naturaes, que são irregulares;

3.<sup>a</sup> As fórmias naturaes, que se tiverem de desenharem, hão de ser primeiramente reduzidas ás fórmias geometricas, em que se baseam;

4.<sup>a</sup> A percepção ha de preceder a execução. Nada é mais mortifero para o entendimento do alumno do que copiar desenhos que não percebe. Cumpre, não só que aprenda a executar a tarefa, mas a executal-a racionando;

5.<sup>a</sup> Na ordem do curso, a reprodução pura das fórmias deve preceder aos efeitos de luz e sombra.

6.<sup>a</sup> O ensino desta disciplina não se deve circumscrever exclusivamente a um genero de desenho.

7.<sup>a</sup> E' assumpto da maior importancia, afim de desenvolver o gosto entre os discipulos, que os traslados e modelos sejam o mais formosos possivel.

8.<sup>a</sup> O alumno deve-se exercer constantemente em executar desenhos originaes e applicações originaes de todos os principios que adquirir. (1)

*Estados-Unidos.*— Walter Smith é, ao mesmo tempo, o grande theorista e o verdadeiro creador pratico do ensino do desenho na União Americana. Incumbido da organização deste ramo da educação publica no Massachussets, a sua influencia tem-se estendido ao paiz inteiro.

A sua propaganda, aos seus tratados, aos seus manuaes, aos seus relatorios, portanto, é que cumpre ir buscar a theoria e a realidade organica do ensino popular da arte nos Estados Unidos.

Não nos permittindo a natureza deste trabalho um exame tecnico e completo do assumpto, limitar-nos-hemos á indicação das regras que presidem alli á direcção e ao plano desse estudo.

A theoria, em suas generalidades, pôde-se compendiar nos seguintes axiomas:

« I. Um menino pôde aprender a ler, escrever e contar? Então pode igualmente bem aprender a desenharem.

« II. O desenho constitue um dos elementos da educação geral. A escola publica deve ensinal-o.

(1) STETSON: *Modern Art Education*, prot., pags. XXXV—V.

« III. Todo o professor ordinario é capaz de ensinar o desenho ; não se carece de especialistas.

« IV. A verdadeira função do desenho, na educação geral, é desenvolver a percepção, e exercitar a imaginativa. Elle fortifica o amor do methodo, suscitando, ao mesmo tempo, a originalidade.

« V. O desenho não é objecto de luxo ; é, antes um utensilio que facilita o estudo de outros assumptos, taes como a geographia, a historia, a mecanica, etc.

« VI. Não nos devemos occupar em ensinar senão o que a todos fór accessivel e, directa ou indirectamente, útil a todos. (1)

« VII. Aos cursos adeantados ou especiaes commettamos o ensino dos desenvolvimentos cuja aquisição possa vir a ser desejada entre pessoas dotadas excepcionalmente pela natureza ou pela fortuna.

« VIII. O desenho que convem professar nas escolas publicas, é o industrial, e não o pinturesco.

« IX. Os exercicios, constantemente progressivos, devem encadear-se uns aos outros desde a infima até á mais elevada classe. Desta em diante o ensino torna-se pessoal, variando os exercicios na razão das differenças de capacidade peculiares a cada individuo.

« X. O unico meio pratico de introduzir o desenho nas escolas publicas é confiar-lhe o ensino aos professores ordinarios.

« XI. Sendo os elementos da fórma um composto de arithmetica e escripta, facil é a todo professor preparar-se rapidamente para ensinar o desenho, sem precisão nenhuma de disposições excepcionaes, nem grande habilitade de mão.» (2)

Walter Smith delinêa assim a adaptação do curso de desenho á escala escolar nos Estados Unidos:

*Escola primaria.*— Desenho a mão livre, desenho por modelos, desenho de memoria. Os objectos serão geometricamente desenhados pelo trabalho do mestre na pedra, ou por estampas. Nenhuma noção, por enquanto, de perspectiva.

*Escolas do 2º grau (grammar-schools).*— Desenho por modelos executados na pedra, por traslados, que mostrem os principios da perspectiva e por objectos reaes ; desenho geometrico, auxiliado por instrumentos, e de

problemas geometricos no plano. Cópias de contorno a olho, avultadas e reduzidas, de desenhos ornamentaes historicos e de outras especies, segundo modelos planos,—para ensinar os varios styles de arte.

Escolas do 3º grau (*high schools*) e escolas normaes.— Desenho de memoria, por modelos e de perspectiva ; sombração ; colorido ; desenho por modelos solidos e vegetaes ; elementos de desenho ornamental.

Esclareceremos estes traços geraes com uma explicação succinta do modo pratico de acção adoptado nesse plano. (1)

*Escolas primarias :*

*Desenho de contornos a mão livre.*— Nas primeiras lições aos alumnos mais moços, uso exclusivo de modelos feitos na pedra pelo mestre, consistindo em linhas, angulos, triangulos, quadrados, divisões da recta em partes eguaes, ou proporcionaes, curvas, combinações singelamente symetricas de curvas e rectas. Principia assim o desenho a olho, pelos alumnos, nas lousas, até se vencerem as difficuldades iniciaes. Exercicio moderado sobre lettras maiusculas, alphabeto latino ; monogrammas e iniciaes. As fórmas mais appropriadas ás creanças mais novas são as do menor numero possivel de linhas, principalmente si traduzirem a figura dos objectos mais familiares, fructos communs, folhas de arvore, artigos de loija usuaes. Para os alumnos de mais idade se alternará a imitação dos desenhos executados na pedra com a de modelos planos, reproduzidos ora com as mesmas dimensões, ora em escala augmentativa, ou reduzida. Nos diagrammas que servirem de traslado, a estampa será *geometrica*, e não *perspectivica*, enquanto o discipulo não chegar ao desenho directo dos objectos. O principal intuito do desenho de contornos a mão livre é ensinar o uso conveniente do material, os nomes das linhas e figuras, educar o olho na avaliação das proporções, e inculcar a percepção do bello nas curvas e conformação dos objectos. Cada lição constitue um todo completo, começando, e terminando a tarefa no tempo aprazado ; para o que se simplificarão, sendo mister, os problemas, o que é preferivel a alongar a lição, ou deixal-os incompletos. Na mesma classe, desenhão em cadernos os alumnos mais desenvolvidos ; os outros, em lousas. Além da critica geral da lição, na pedra, pelo professor, a critica particularisada, por elle tambem, a proposito do trabalho dos alumnos. Antes de começada a lição, o mestre desenhara correctamente, na pedra, o seu objecto, e começara explicando-lhe as proporções e caracteres geraes ; feito o que, no correr della, o desenhara de novo, passo a passo, analysando-o, seguido constantemente pelos discipulos. Convem manter, em cada desenho, a mesma espessura, cor e continuidade em todas as linhas do contorno.— Duração semanal do ensino : não menos de duas horas. Por lição : para os mais moços, 1 hora ; para os um pouco mais idosos, 40 minutos ; para os

(1) « Não são praticos, não se adaptam ao uso geral os methodos e systemas de instrução, cujo plano tiver em mira a educação de faculdades excepcionalmente grandes ou acanhadas ; e este é o erro em que têm incorrido certos artistas, que, sem longa e extensa experiencia da educação artistica, ou com essa experiencia limitada a algumas especialidades, têm engehado methodos parciaes de ensino. São os vazios entre escala e escala o que assusta os individuos de capacidade commum, e lhes embarça os passos hesitantes. Numa série consecutiva de lições de desenho, a graduação ha do ser tal, que não se distinga um ponto onde se possa dizer que principia a ser difficil o assumpto. A instrução deve proceder como o declive de um plano inclinado, accessivel a todos ; não exigir aptidões extraordinarias, como a ascensão violenta das vertentes ingremes de uma serra, desigualmente escarpada, fendida de algares o despenhadeiros.» WALTER SMITH: « *Art Education*, pag. 63.

(2) WALTER SMITH: *Annual Report on industrial drawing in Massachusetts for the year 1879.*

(1) WALTER SMITH: *Art Education*, pag. 50—61.

mais velhos, que já desenhavam em papel, uma hora.

*Desenho de contornos por modelo solido.*— Extremamente simples na escola primaria; porque envolve, mais ou menos, a pratica da perspectiva. Reservado aos alumnos de mais idade, e circumscripto, quanto possivel, a objectos que apresentem por todos os lados a mesma configuração: taes os apparelhados a torno, ou em roda de oleiro. E' dupla a vantagem desses modelos; porquanto, graças á sua symetria, permitem, no desenho, a fixação de uma linha central, e, de qualquer ponto da classe que se vejam, offerecem aos espectadores o mesmo aspecto.— Preferir, como cor dos modelos, o branco, pela sua propriedade de desenvolver melhor que qualquer outra cor a forma do objecto.— Evitar, por ora, os solidos rectangulares, que jogam com todas as difficuldades da perspectiva linear.— Cuidado na collocação dos objectos, quanto á sua distancia em relação ao alumno; nem perto de mais, que se lhes demude a forma, nem tão longe, que se dividem mal. Altura, cerca de seis pollegadas acima da horizontal que partir do olho do alumno.— Definições das figuras de geometria plana, de envolta com o desenho a mão livre e por modelos solidos.

*Desenho de memoria.*— W. Smith faz o maior cabedal do desenvolvimento systematico do ensino de desenho por este processo, sem o qual reputa mutilada esta parte da educação. Partindo de formas geometricas de um tamanho dado, as creanças, por este meio, chegarão até á reproducção inteira dos originaes que tiverem imitado, por complicados e miudos que sejam.

*Escola média:*

*Desenho por modelos solidos.*— Cabe aqui, no desenho a olho, o uso, pela primeira vez, de figuras geometricas, que indiquem as regras iniciais da perspectiva, como a convergencia das parallelas á medida que se nos distanciam dos olhos, o encurtamento das linhas e planos, conforme o angulo que fazem com a linha de direcção em que o alumno encare o objecto, e outras. Modelos mui simples.— Medição proporcional de alturas, extensões e planos *evanescentes*, pelo processo que consiste no uso do lapis empunhado com o braço estendido em to'o o seu comprimento. Explicação deste processo pelo mestre e pratica pelos alumnos.— Grupos de objectos, alguns dos quaes já os discipulos tenham desenhado. Grupos de figuras, em que entre um, ou mais solidos geometricos, associados a objectos de serventia familiar.

*Desenho de memoria.*— Mais adeantado que na classe primaria, em proporções de desenvolvimento analogas ás que recebeu o desenho por modelos; passando de objectos destacados a grupos.— Cada alumno praticará uma vez por semana o desenho na pedra.

*Desenho geometrico.*— Construcção de figuras. O professor enuncia o problema aos alumnos, que escrevem a enunciação dictada. Resolve-o então na pedra, acompanhado passo a passo pelos alumnos, num livro especialmente traçado para esse fim. Seis pro-

blemas elementares, ou quatro mais difficéis, constituem a tarefa de uma hora. De tres em tres, ou de quatro em quatro, a lição recapitulará as precedentes.— Imprimir fundo no animo dos alumnos o sentimento da necessidade da exactidão escrupulosa dos resultados; pois, eivado de incorrecção, o desenho geometrico é o mesmo, ou peor que nada.

*Escolas superiores e escolas normaes:*

*Desenho por modelos solidos.*— Colorido. Cópia, a crayon e sepia, de modelos de gesso, de grupos de objectos naturaes; cópia de objectos naturaes e de arte, a aquarella. Exercício do desenho no estudo da botanica, geologia, historia natural, anatomia, com applicação do sombreado e cores.

*Perspectiva.*— Ensinada constantemente mediante desenhos na pedra; copioso emprego de esboços exemplificativos e summa clareza nas explicações verbaes.

*Desenho de flores, e folhagem; desenho ornamental.*— Desenho de plantas imitadas da natureza, acompanhado de diagrammas, á margem do papel, que lhes representem a estrutura, o aspecto anterior, posterior e lateral das folhas, os botões e flores, si houver; planos geometricos da successão do seu desenvolvimento; indicação da cor por traços a aquarella nos contornos. Em seguida, aproveitar esses elementos numa combinação de desenho ornamental, que preencha um espaço prefixado pelo mestre.

Um anno ha que o organizador da pedagogia do desenho na União Americana acabou de dar a lume os fasciculos de modelos e manuaes, que servem de base á applicação do seu methodo. Nessa publicação o curso reparte-se em tres secções:

*Curso primario:*

Estampas e indicações para o ensino do desenho em loisas.

Dois cadernos de modelos para as classes superiores das escolas primarias, contendo, para os alumnos, os elementos practicos do desenho em papel:

1º caderno.— Rectas e suas combinações em figuras simples de geometria plana. (1)

2º caderno.— Curvas simples e suas adaptações em esboços de objectos simples, no desenho de ornato, na ellipse, na oval e suas applicações.

(1) C. B. STERSON, num relatório dado a lume em 1874, diz:

« A geometria é o unico verdadeiro fundamento do desenho, artistico e industrial. Enquanto não forem bem comprehendidas as linhas nas formas geometricas, planas ou solidas, não é possivel dar attenção especial ao desenho das formas naturaes. Não basta que o alumno aprenda a desenhar as formas geometricas; cumpre, outrossim, que, ao encetar o desenho dos objectos naturaes e artificiaes, saiba estudal-os, e reconhecer a forma geometrica, a que se prende a sua forma particular. Determinada a forma geometrica, então, guiado por ella, lhe será possivel desenhar a forma especifica: Um bom systema de desenho, ainda quando só tenha em mira resultados artistico, deve tomar por guia, do principio ao fim, a geometria. Tal tem sido a practica dos maiores mestres, e das melhores escolas da Europa, onde lhe assiste a sancção official da administração do ensino em Franca e Inglaterra. »

*Curso secundario :*

12 cadernos ; 20 pags. cada um ; exercicios progressivos.

3º caderno.— Curvas e suas applicações nas varias figuras ornamentaes e nos objectos simples ; o pentagono, o hexagono ; noções mais desenvolvidas do desenho de contornos.

4º caderno.— A espiral e o octogono ; applicação das figuras geometricas aos desenhos de objectos de ornato e contornos.

5º caderno.— Signaes convencionaes elementares ; practica do desenho geometrico e convencional.

6º caderno.— Desenho linear ; figuras no espaço : corpos solidos ; convenções estipuladas para a sua representação pelo desenho. Começa, neste fasciculo, o estudo pratico pelo traçado de um cone e de um cylindro, sob o aspecto que elles offerecem, seguido pelo de objectos simples, de que essas figuras constituem o principio. Introduçção ao estudo do desenho de objectos.

7º caderno.— Os mesmos caracteres geraes que no precedente. Alguns elementos do estylo egypcio.

8º caderno.— Analogo aos dois precedentes nas suas feições geraes. Desenho geometrico auxiliado, no plano ; sua applicação ao estudo da fórma das plantas. Exemplos do estylo grego.

9º caderno.— Continuação do antecedente. Exemplos do estylo romano.

10º caderno.— Desenvolvimento do anterior. Exemplos de estylo romano e byzantino.

11º caderno.— Seguimento do mesmo assumpto. Amostras de estylo.

12º caderno.— Desenvolvimento do ultimo. Exemplos do estylo mourisco.

13º caderno.— Noções de composição ; estudo dos elementos de perspectiva scientifica e geometria.

14º caderno.— Desenvolvimento do antecedente.

*Curso superior :*

5 fasciculos, abrangendo o estudo adeantado da perspectiva, do desenho sombreado a crayon e esfumado ; analyse das fórmas vegetaes como objecto de composição. (1)

(1) REGAMBY : *L'ens. de dessin aux Et. Un.*, pags. 19-21.

No Massachusetts o estudo do desenho termina pela aquisição de diplomas especiaes, mediante exames annuos, que constam de duas provas: a primeira, executada em casa, segundo um programma determinado ; a outra, que consiste em exercicios correspondentes aos da primeira, desempenhada, a tempo fixo, perante os examinadores. Eis o programma relativo a esses diplomas :

DIPLOMA DO PRIMEIRO GRAU (ESCOLA PRIMARIA).—*Primeira prova.* Definições geometricas: planos e solidos; exercicios, na pedra, de desenho dictado e elementos de composição. Uma folha de desenho ornamental, copiado a traço;— pelo modelo solido;— para servir de exercicio numa escola primaria; de analyse botanica e ornamentação historica.—*Segunda prova.* Desenho do contorno á mão livre; desenho pelo modelo solido; desenho ornamental, de memoria; desenho dictado; desenho geometrico; de ornato historico.— Trinta minutos para cada exercicio.

DIPLOMA DO SEGUNDO GRAU (ESCOLA SUPERIOR).—*Primeira prova.* Uma folha de problemas de geometria; perspectiva, exercicios na pedra e desenho dictado. Uma folha de

Como se vê, apesar da magnitude das suas proporções e da sabedoria que lhe caracteriza os principios fundamentaes, a organização americana ainda não constitue, entre o systema austriaco e o systema britanico, uma individualidade original, distincta e completa. Inspirado profundamente nas idéas inglezas, sob cuja influencia recebeu a sua primeira educação artistica, no South Kensington, o fundador do ensino de desenho no Massachusetts,— o plano de estudos na America é ainda, bem que em vastos limites, uma experiencia cujos resultados peculiares estão por apurar definitivamente, um esboço cujas feições discriminativas não se acham delineadas com a nitidez e segurança precisas para autorisar uma imitação efficaz.

O methodo inglez, porém, e o methodo austriaco têm passado por provas decisivas. Os seus fructos revelam-se, em ambas as nações, por verdadeiras maravilhas, por benções inestimaveis, quer quanto á educação geral do espirito popular, quer quanto á formação das especialidades technicas, actuando assim, por dois meios de influencia incalculavelmente poderosos, sobre o desenvolvimento da intelligencia, dos sentimentos civilisadores e da prosperidade publica, que, tanto na Austria como na Inglaterra, é, hoje, em grande parte, obra do ensino do desenho geometrico e industrial.

Ora, esses dois methodos, longe de se opporem, e excluirem, são, pelo contrario, complementos um do outro, constituindo o programma inglez o curso do desenho elementar preparatorio, o tirocinio preliminar ao desenho elementar propriamente dicto, ao desenho elementar graduado, cujo plano tem o seu directorio judiciosamente compendiado no livro de Grandauer.

O ensino do desenho, pois, segundo o concebemos deve começar na escola elementar, entre as creanças de 7 annos, pelo methodo inglez, que se estenderá até á escola do segundo grau, a escola média, onde se principiará a profesar, pelo systema austriaco, o desenho elementar graduado.

A QUE MESTRES CABE, NA ESCOLA PRIMARIA, O ENSINO DO DESENHO ? — Ao mestre de

desenho por modelo solido, de ornato copiado de gravuras, de analyse botanica, de ornamentação historica, todos de contornos; duas composições de ornato no plano; demonstração graphica para o ensino do desenho nas escolas secundarias.—*Segunda prova.* Desenho copiado por estampa linear, por modelos solidos; desenho de memoria e geometrico; de perspectiva; ornato historico.— Quarenta e cinco minutos para cada exercicio.

DIPLOMA DO TERCEIRO GRAU (ESCOLA NORMAL).—*Primeira prova.*— Desenho a compasso: problemas geometricos; de perspectiva; desenho de machinas, copiado, ou segundo notas colhidas no curso; desenho de construcção, do mesmo modo que o anterior. *Desenho a olho:* Duas folhas de desenho a crayon conté, ou a plumbagina, sombreados segundo o modelo em gravura e o modelo solido; duas de desenho a aguada, pela mesma especie de modelos; uma de desenho de ornato elementar e composição; de analyse botanica applicada á ornamentação; de analyse dos tres estylos ornamentaes, historicamente considerados. *Segunda prova.*— Perspectiva pratica; perspectiva theorica; desenho por solidos, sombreados; harmonia das cores; desenho de memoria; ornatos historicos; desenho mecanico; construcção. REGAMBY : *Op. cit.*, pag. 22-3.

primeiras letras, responde a boa razão e a auctoridade dos mais experimentados especialistas.

Oigamos a Walter Smith: « Não ha que instituir professores especiaes para o ensino do desenho como assumpto distincto, pelos mesmos motivos por que não se procede assim com a arithmetica, ou a escripta. São os professores ordinarios os que devem aprender, para ensinar-o ás creanças, o desenho elementar, do mesmo modo como aprendem, e ensinam as outras disciplinas do programma escolar. Para que todas as creanças aprendam a desenhar, carecemos de ter um mestre de desenho em cada classe de todas as nossas escolas; o que só se poderá obter, incluindo o desenho entre os assumptos de instrução dos mestres primarios. E' deste modo que a difficuldade se resolveu noutros paizes; e não tememos outro meio de solvel-a aqui. Realmente, si o desenho elementar fosse um assumpto abstruso, ou tão difficil de assimilar como um novo idioma, seria uma ardua imposição exigir de preceptores cujo serviço diario é tanto, e que de tão poucos lazeres dispõem, a aggravação de trabalho e o sacrificio de tempo necessarios, para adquirirem mais essa aptidão: mas verificado está pela observação, na Europa, que qualquer professor, em tendo boa vontade, pôde adquirir, num espaço de tempo comparativamente breve, sem sacrificio do seu descanso, nem da sua paciencia, valiosas e sufficientes habilitações no desenho. Presentemente, na Escola Normal de Arte, de Boston (*Boston Normal Art School*), os professores da cidade recebem, uma semana sim, outra não, uma lição de desenho; o que, si forem executados os exercicios correspondentes, será, a meu ver, bastante. Calculo que, deste modo, com um anno de estudo, terão vencido o curso de desenho á mão livre e desenho por modelos, habilitando-se a leccional-os aos seus alumnos. » (1)

Stetson associa-se sem reservas a este parecer, cuja procedencia temos por incontestavel. « Para disseminar o conhecimento elementar da arte pelo povo todo, importa que esse ramo de instrução se confie aos professores ordinarios (*regular teachers*) nas escolas publicas. Dizer, como algumas pessoas, que não conseguiremos boa instrução artistica, enquanto não tivermos por professores grandes artistas, equivale a afirmar que não poderemos ter bom ensino de arithmetica, de grammatica, de leitura, enquanto os alumnos, nas escolas communs, não tiverem por mestres grandes mathematicos, grandes litteratos, grandes oradores. Milhares de professores primarios, neste paiz, são provavelmente mais aptos para ensinar os elementos do desenho, do que o seria Raphael, precisamente como, no exercito de Sherman, haveria, é provavel, centenaes de sargentos mais capazes do que elle de adestrarem, e disciplinarem uma companhia. Ministrae aos professores publicos de primeiras letras os meios de exercerem

(1) WALTER SMITH: *Art Education*, pag. 45.

o ensino artistico; tornaê *obligatorio*, como o de noções mathematicas, o estudo dos elementos do desenho, e bons resultados não hão de faltar. » (1)

O valor destas opiniões, reunido ao dos factos e argumentos que invocam, eleva acima de toda a controversia a resolução, que abraçamos, de encarregar ao instituidor primario o ensino escolar do desenho.

SYSTEMA DE FORMAÇÃO DO PROFESSORADO.—Para ensinar o desenho, carece o mestre de uma preparação especial. Quaes os meios de obtel-a? o seu regimen? os onus que esta necessidade impõe ao Estado?

Na Inglaterra o systema de protecção official ao ensino do desenho abrange:

1. A Escola Nacional de Arte (*National Art Training School*) em South Kensington;
2. Os museus e collecções annexas a essa grande instituição;
3. As escolas locaes de arte (*schools of art*);
4. As escolas communs (*elementary day schools*);
5. As aulas nocturnas de desenho (*art night schools*);
6. As escolas normaes primarias (*training colleges for teachers*).

Nas escolas communs, o programma de exames em desenho, que já tivemos occasião de estudar, comprehende:

1. Desenho a mão livre por traslados.
2. Desenho a mão livre por modelos solidos.
3. Geometria pratica.

Os professores primarios habilitam-se para esta parte dos seus deveres nas *Training schools*, cujo plano de exames abrange:

1. Desenho a mão livre; cópia de traslados.
2. Desenho a mão livre; por objectos e modelos solidos.
3. Geometria practica.
4. Perspectiva.
5. Desenho á pedra.

Nesta categoria, os exames dos cinco assumptos que constituem o curso, são de um padrão muito mais elevado que os da primeira escala, *first grade* (os do curso primario). Os candidatos approvados em todas estas materias, obtêm o certificado, carta ou diploma do 2º grau (*2nd Grade Certificate D*), que os habilita para o ensino do desenho concurrentemente com o do lêr e escrever nas escolas populares. (2)

Geralmente, em todos os paizes onde faz parte do programma escolar, o desenho entra igualmente, por força da mais obvia necessidade logica, no plano das escolas normaes. Essa necessidade está contemplada no plano da reforma. (3)

(1) C. B. STETSON: *Modern Art Education*. Americ. pref., pag. XLVII.

(2) *Art Directory*. Revised to August 1881 (Science and Art Department of the Comm. of Counc. on Educ. South Kensington). Lond., 1881. Pags. 10, 11, 74, 108—113.

(3) O recaso, que profundamente actúa em nós, de que os habitos officiaes do paiz deturpem, convertendo a benção em calamidade, o ensino, cuja instituição aventamos, leva-nos a transcrever aqui (da obra do Sr. J. de Vasconcellos, pags. 89—90) a parte das *instrucções* especiaes, de 6 de maio de 1874, que regem, na Austria, a peda-

Todos os paizes, porém, que estreiraram essa vereda, vão-se vendo obrigados a constituir centros superiores, que unifiqueem, fecundem, harmonisem o ensino do desenho, graduando uniformemente os methodos, regularizando os programmas, fixando a selecção dos modelos, e fornecendo ás escolas normaes, ás escolas industriaes, aos varios ramos do trabalho artistico e fabril um nucleo de professores capazes e de profissionaes racionalmente educados.

E' o que fez a Inglaterra e a Austria com os institutos de que já nos temos occupado. E' o que por numerosas creações tem estabelecido a Allemanha. E' o que a Hungria realizou na sua *Escola Normal Real de Desenho*, que, num curso de tres a quatro annos, abraça: o desenho de figura, a pintura, o desenho ornamental, a architectura, a esculptura, e, como ramos auxiliares, a geometria elementar e descriptiva; o desenho geometrico, a anatomia plastica e a historia das bellas artes.

Assinalaremos, porém, especialmente o exemplo de um dos Estados da União Americana: o Massachussets. O relatorio federal de 1879 diz, a este respeito: « No meio dos esforços empregados para executar as disposições da lei de 1870 » (que, como vimos, impoz ás escolas elementares o ensino do desenho) « tornou-se evidente que, sem professores habilitados, a tentativa redundaria em puro desperdicio de tempo e dinheiro (*a mere waste of time and money*). Deliberou-se, pois, estabelecer uma Escola Normal de Arte, especial-

mente para o fim de educar professores de desenho industrial. Alguma opposição encontrou essa reforma, isso, porém, principalmente entre os que conheciam mal o seu intuito e direcção. *Estudados os factos, as objecções de que essa escola, formando desenhadores, viria servir privativamente ás conveniências de uma classe social, e operar em beneficio de interesses perulieares aos fabricantes, mostraram-se carecentes de base. Os alumnos affluem de todos os condados do Estado, e representam todas as camadas sociaes.* » (1)

Esse estabelecimento, a *Boston Normal Art School*, onde, em seis annos (1873-1879), se educaram 1.543 individuos na arte industrial, formou quasi todos os lentes que compõem o seu corpo ensinante, todos os professores de desenho empregados nas escolas normaes do Estado, e tres quartas partes dos mestres especiaes incumbidos de professar essa disciplina nas escolas communs, diurnas e nocturnas.

Nem assim, comtudo, estão satisfeitas alli as aspirações dos amigos da educação popular. Não obstante a existencia de uma escola normal de desenho em Boston, muitos annos ha que se agita alli uma energica propaganda, reclamando a instituição de outra escola congenere, mantida pelos recursos geraes do Estado. « O que a cidade de Boston realizou », dizia W. Smith, « creando uma escola normal de desenho, para instruir os mestres das escolas communs, cumpre que tambem, por sua parte, o Estado leve a effeito em beneficio dos professores de arte da republica, precisamente pela mesma razão que o induz a sustentar quatro escolas normaes para a educação geral. Emquanto o não fizermos, permaneceremos na mesma situação incomportavel, de ensaios improficuos, como a Inglaterra de 1836 a 1851. » (2)

Esta medida o illustre reformador anglo-americano solicita que se estenda a todos os Estados da União. (3)

Analogos motivos induzem-nos a reputar essencial a instituição de uma Escola Normal Nacional de Arte.

Urge crear a industria nacional. O embryão que existe entre nós, não tem vitalidade, por falta de elementos que, em todos os paizes, constituem a base suprema da prosperidade industrial: a educação do homem, a inspiração do gosto, o ensino da arte. A protecção que consista em cerrar ou dificultar o accesso do nosso mercado aos productos estrangeiros, mediante tarifas differencias e direitos mais ou menos prohibitivos, é esteril e odiosa. Toda a sua influencia reduz-se a constranger o consumidor, pela aggravação arbitraria do

gogia desse ramo de instrucção, no que toca especialmente aos estabelecimentos normaes:

« O ensino é simultaneo, i. é: os discipulos de uma classe executam todos o mesmo desenho, a um tempo.

« Sendo de immensa importancia que os discipulos de uma classe marchem a passos iguaes, é mister graduar os problemas de um modo rigorosamente logico.

« O mestre terá de demonstrar todos os problemas na pedra, para que os discipulos possam acompanhar o processo de construcção da figura. A cópia de estampas deve ser supprimida, por isso mesmo, excepto quando o discipulo haja de copiar estampas polychromaticas.

« O ensino de desenho no espaço terá de ser dado com o auxilio dosapparelhos perspectivicos, que o governo fabrica, ou manda fabricar.

« O desenho das estampas polychromaticas terá de ser precedido por uma exposição da theoria das cores.

« No desenho de memoria abstrahir-se-ha de todo e qualquer apparelho auxiliar; a figura desenhada pelo mestre desaparece, concluida que seja a demonstração.

« No desenho dictado supprimir-se-ha inclusive o desenho na pedra, e supprimir-se-ha igualmente a rede stigmographica, servindo-se o discipulo sómente das balizas.

« O desenho de combinação terá de ser tratado com especial cuidado, pois é o mais proprio para estimular as facultades creadoras dos discipulos, e acordar a sua phantasia. Na combinação dos elementos geometricos e vegetaes dar-se-ha preferencia aos problemas simples, mas exigir-se-ha perfeita intelligencia das leis de desenvolvimento das formas vegetaes (*estylisação*).

« As correcções de erros commettidos pelos discipulos far-se-hão sempre á margem, e nunca no proprio desenho.

« No estudo dos methodos usados no desenho elementar ensinar-se-ha com especial cuidado o uso da rede stigmographica (rede de linhas e depois rede de pontos) e o processo como se passa gradualmente da figura apontada á figura com balizas, do systema mixto (pontos e balizas) á rede de linhas, á rede de pontos, aos stigmas effectivos e secundarios, numa palavra: do desenho auxiliado (a compasso) ao desenho a olho, á mão livre.

« Finalmente, explicar-se-ha a *hygiene do ensino do desenho*, a attitudo do corpo, de que depende a educação ou a ruina da vista (o de outros orgãos), as condições do local de ensino, a natureza das materias usadas no ensino. »

(1) *Report of the Commissioner of Educat. for the Year 1879*, pag. CCXII.

(2) W. SMITH: *Art Education*, pag. 24.

(3) « A normal art school carried on under State control, with a staf of professors who are accomplished educators each in some special field, and managed by the official representative professionally of the State board of education, will meet the difficulty in every State. » *Op. cit.*, pag. 155.

preço dos artigos adventícios, ao uso de productos inferiores, como fatalmente hão de ser os do paiz, enquanto a industria brasileira não puder emular em habilidade com a das nações adeantadas.

*Educar a industria: eis a fórmula racional da unica protecção efficaz á producção industrial do paiz.*

A especialidade agricola do nosso destino, da nossa vocação, como paiz que offerece ao arado immensas regiões totalmente incultas e de inexgotavel riqueza, não é objecção séria a esta aspiração da reforma. (1) Ao contrario, o cultivo das faculdades industriaes, que a nossa intelligente população em tão alto grau encerra em si, reagirá, por força, beneficemente sobre a sorte da lavoura; suscitará incentivos ao seu progresso.

Depois, não estamos nós todo o dia a ouvir clamar, com tão extraordinario calor, por medidas protectoras em apoio da industria decadente e esmorecida? Ora, tendentes a este fim temos ante nós dois systemas: um, o *protecționismo*, que, sob o pretexto de fomentar a industria nacional, sangra, em beneficio de uma classe, a algibeira de todas, forçando o contribuinte a pagar mais caro o producto importado, caso não se resigna aos de ordem inferior lavrados no paiz; outro, que habilita a industria nacional a competir, a lutar em talento, em fecundidade, em perfeição com a industria estrangeira. Dos dois alvitres, qual o mais justo? qual o mais *realmente protector*? O primeiro, instituindo em favor do trabalho nacional um verdadeiro privilegio, que não se legitima pela superioridade d'elle, anima-o a descançar nas vantagens da sua posição immerecida, e, si pôde fazer a fortuna de alguns especuladores, é necessariamente acanhadissimo nos seus resultados como impulso geral; convida á indolencia; entibia a espontaneidade artistica do espirito popular, as qualidades mais essenciaes a uma prosperidade estavel. O outro attrahe, descobre, apparelha, multiplica as vocações, semeia a arte, que é a origem de toda a industria, prepara, portanto, o trabalho nacional para impor-se ao mercado pela qualidade dos seus fructos.

Si entre consummadores brasileiros encontra preferencias a industria advena, é porque esta se avanta no primor e utilidade dos artefactos á nossa industria. Si a industria estrangeira nos leva esta vantagem, é por ter recebido uma educação que entre nós não existe. Si passou por esta educação, é, acima de tudo, por influencia do ensino geral da arte, organizado, mais ou menos notavelmente, na Austria, na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos, na Allemanha, na Suissa, na Italia. Si esse ensino logra esta influencia, é principalmente graças ao cultivo racional, methodico, ramificado em numerosas instituições, do desenho industrial.

Que estamos destinados a ser, por muito tempo, uma nação *especialmente agricola*, é

uma verdade obvia, que ainda ninguem contraverteu. Mas que devamos ser um paiz *exclusivamente agricola*, é supposição que não tem sequer senso commum. Entretanto, para ella insensivelmente pende, de facto, o exclusivismo dos que esquecem a necessidade do trabalho industrial, como elemento imprescindivel de civilização e de riqueza, ainda entre os povos lavradores. Essa parcialidade erronea, inintelligente, cega, de certos amigos, mal aconselhados, irreflectidos, ou myopes, do interesse agricola faz pensar na fatalidade que condemna os espiritos de idéas preconcebidas e absolutas a não verem senão a face das questões, que os absorve. Homens ás vezes de levantado entendimento incorrem nesses vicios de apreciação. Noventa annos ha que Arthur Young exprimia dúvida muito séria de que a lavoura podesse vir a ser jamais, nos Estados Unidos, uma profissão remunerativa. Os factos deram tanta razão a essa conjectura, quanto á daquelle inglez, o Dr. Lardner, a quem parecia impossivel a empreza de transpor o Atlantico em um barco a vapor. A colheita dos cereaes, na União Americana, produzia:

Em 1850.....	861.454.967	alqueires;
• 1860.....	1.239.039.947	•
• 1870.....	1.387.299.153	•
• 1880.....	2.697.757.456	•

acrescendo a esta somma, no ultimo anno, a de 4.087.796 toneladas de algodão, 4.637.000 de assucar e 472.661.159 arrateis de fumo. (1) Quem não vê nos que pretendem fazer do Brazil um Estado absolutamente agricola a mesma preocupação dos que viam nos Estados Unidos um paiz exclusivamente industrial?

Ora, o desenho é a base de toda a instrução industrial. Em ambos os grandes modelos neste assumpto, a escola annexa ao *Oesterreichisches Museum* e a do *South Kensington Museum*, elle é a « disciplina fundamental: a que decide todas as questões de influencia e direcção, de preeminencia e propaganda. » (2) Na Inglaterra, particularmente, desenvolvido em toda a extensão dos seus limites, estende-se o vasto plano da distribuição desse ensino desde a escola commum até ás escolas superiores de arte. Segundo a definição official, nesse paiz, « aula de arte chama-se a que se destina ao ensino do desenho elementar. » (3) Das vinte e tres escalas (*stages*), em que se divide a série de estudos que constituem os sete grupos de habilitação na *National Art Training School*, a esculptura reduz-se ao estudo da modelação em tres escalas (4); a

(1) AINSWORTH R. SECFORD: *American Almanac and Treasury of Facts, statistical, financial, and political, for the year 1882.* (New York, 1882) Pags. 28, 29, 33, 34.

(2) J. DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pag. 77.

(3) «An Art Class is a class for instruction in Elementary Drawing.» *Art Directory, Revised to Aug. 1881.* Pag. 42.

(4) «Stage 18. Modelling ornament.

a. Elementary, from casts.

b. Advanced, from casts.

c. From drawings.

d. Time sketches from examples and from memory.

Stage 19. Modelling the human figure or animals.

(1) Ver o que sobre este ponto dissemos no *Parecer acerca da reforma do ensino secundario e superior*, pag. 43-4.

pintura encara-se apenas como auxiliar do ornato; a architectura aponta sómente duas vezes, na primeira escala entre os exercicios de desenho linear (1), e na ultima (239), limitada, ainda assim, ao *desenho architectonico*. (2) E' o desenho, sob as suas varias fórmas, nos seus diversos graus e nas suas multiplas adaptações, o que se professa, em 4.758 escolas primarias, a 768.661 creanças, em 48 escolas normaes primarias (*Training Colleges for Elementary School Teachers*) a 975 alumnos mestres, em 632 classes de arte (*Art Classes*) a 26 646 discipulos, em 151 escolas de arte (*Art Schools*) a 30.239 estudantes e a 824 (dos quaes 376 homens e 448 mulheres), nos cursos superiores de South Kensington. (3) « O desenho elementar é tudo, numa palavra. » (4)

A *Escola do Museu Austriaco* é uma instituição de esphera muito mais ampla e variada que a do *Museu de Kensington*. O seu plano abrange :

A.) Secção de architectura (no sentido restricto).

B.) Secção de escultura (*idem*).

b.) Com o atelier para a cinzelação em bronze.

C.) Secção de pintura (animaes, flores e ornato).

c.) Com o curso de applicação no laboratorio do instituto experimental chimico-technico.

D.) Secção de desenho (ensino normal de mestres de desenho).

E.) Secção preparatoria, independente das outras, para inteirar a instrução dos que entram na escola sem os estudos regulamentares.

Além desses, os cursos (annuaes) subsidiarios:

a.) Theoria da projecção, sombras e perspectiva.

b.) Estylos e leis de combinação das fórmas (vasos e utensilios).

c.) Anatomia.

Finalmente, cursos temporarios sobre:

Historia da arte; das industrias artisticas em relação com a economia politica; côres e sua chimica; materiaes industriaes e sua manipulação technica. (5)

Destá série a escola ingleza abrangê apenas a secção D e os cursos subsidiarios a, b, c, occupando-se com os estudos seguintes:

a. Elementary, from casts of hands, feet, masks, etc.

b. Advanced, from casts or solid examples.

c. From drawings.

d. The head from nature.

e. The nude figure from nature.

f. Drapery.

Stage 20. Modelling fruits, flowers, foliage, and objects of natural history, from nature.

(*Art Directory*, pag. 44.)

(1) «Stage 1. Linear drawing by aid of instruments:

d. Details of Architecture from copies.»

(*Art Directory*, pag. 39).

(2) «Stage 23. Applied designs, technical or miscellaneous studies:

b. Architectural design.»

(*Art Directory*, pag. 41.)

(3) Referimo-nos ao anno de 1880, a que diz respeito o ultimo relatorio apresentado ao parlamento inglez. *Twenty eighth Report of the Science and Art Department*. Lond., 1881. Pags. XV—XVII.

(4) J. VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pag. 118.

(5) *Ib.*, pags. 112—3.

1. Desenho á mão livre, architectural e mecanico.

2. Geometria pratica e perspectiva.

3. Pintura a oleo, a tempera e aguarella.

4. Modelação, moldagem. (1)

Comtudo, as autoridades mais competentes certificam que « os resultados da escola ingleza não são em nada inferiores aos da austriaca. » (2)

E' um estabelecimento analogo, com o seu museu appropriado, a sua bibliotheca e a sua collecção de desenhos, gravuras e photographias, o que propomos instituir, creando a *Escola Normal Nacional de Arte Applicada*.

O ensino professado na *Escola Normal Nacional de Arte* distribuir-se-ha pelas seguintes cadeiras:

1 de desenho mecanico e architectonico.

1 de geometria e perspectiva.

1 de modelação.

1 de pintura.

1 de desenho de ornato a mão livre.

1 de desenho da figura humana, anatomia e desenho anatomico.

1 de desenho ornamental.

1 de gravura e photographia.

Nestes limites a *Escola Normal Nacional de Arte* abrangerá varios cursos, com os seus diplomas e gradação distinctos. O ensino será distribuido por séries, e não por annos. O numero de cursos, a organização do plano de estudos de cada um, a fixação dos cursos indispensaveis, o methodo, o horario (3), a disciplina ficarão incumbidos ao especialista eminente, que o governo contratará na Austria, ou na Inglaterra, para esse fim. A elle se commetterá toda a organização do ensino do desenho effectuado a expensas do Estado, desde a escola de primeiras lettras até á *Escola Normal Nacional de Arte*, cuja direcção lhe será confiada.

(1) *Art Directory*, pag. 76.

(2) J. DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pag. 118.

(124) A bibliotheca de South Kensington comprehende hoje 52.000 volumes, 17.000 desenhos e padrões, 62.000 gravuras e 52.000 photographias. *Art Directory*, pag. 63.

(3) « A fixação do tempo que, nas escolas publicas, se ha de empregar no ensino do desenho, é digna de serio exame. Na recente distribuição de premios (agosto de 1875) aos estudantes da *Escola de Bellas Artes de Paris*, o marquez de Chennevières, director das Bellas Artes em França, encarecendo o valor da educação artistica nas escolas publicas, annunciou estar resolvido entre as autoridades dedicar não menos de duas horas por semana a este estudo nas escolas primarias e tres pelo menos nas escolas mais elevadas. O governo belga, nas escolas municipaes, consagra a esse curso duas a tres horas. Na Alemanha o tempo consignado aos trabalhos de arte varia conforme o caracter da escola. Nas escolas elementares em Inglaterra essa especie de instrução abrange o espaço de duas horas. O professor Smith, superintendente da cultura de arte no Estado de Massachusetts, considera a duração de duas horas, divididas em lições de trinta minutos cada uma, como o minimo do tempo que importa reservar semanalmente ao ensino do desenho nas aulas de primeiras lettras... A practica, na mór parte das escolas onde se tem estabelecido esses estudos, concorda com a opinião de juizes competentes, em cuja estimativa parece fixado como minimo de tempo essencial ao ensino do desenho — duas horas, por semana, nas escolas primarias, e tres nas superiores » NICHOLS: *Art Education applied to industry*, pags. 141—2.

As nomeações de professores, para as cadeiras de arte que aqui se cream, serão feitas, sob proposta delle, pelo governo, independentemente de concurso. Rejeitando este modo de escolha para o professorado em geral (1), seria ridiculo admittil-o numa especialidade como esta, onde nem a semente existe entre nós do que se quer levantar.

Para o difficil encargo de fundar e organizar este importantissimo ramo de serviço do ensino, é absolutamente indispensavel recorreremos, como fizeram os Estados-Unidos, ás grandes escolas da Europa, attrahirmos ao nosso paiz um desses homens de merecimento extraordinario que se assignalam em Londres, ou em Vienna, nos dois grandes seminarios europeus do ensino da arte applicada.

Sacudamos de nós o falso pudor de recorrer ao estrangeiro, quando só o estrangeiro nos possa ministrar os meios de desenvolvimento que nos fallecem. Já tivemos occasião de emittir com franqueza o nosso pensamento a tal respeito. (2) Não é digno do nome de patriotismo o sentimento mesquinho, invejoso, inintelligente, que, por amor de stultos melindres nacionaes, refuga os elementos de progresso que a fraternidade universal da civilisação contemporanea nos está offerecendo, e condemna o paiz a servir-se eternamente com a falsa prata de casa. Os povos mais adeantados, as nacionalidades mais opulentas em intelligencia e saber procederam, e procedem como desejamos que se proceda aqui. Não queremos fallar na China, contratando russos, allemães, francezes e inglezes para os seus novos institutos de ensino secundario (3), nem no Japão (4), comquanto em relação a mais de um ramo de conhecimentos humanos

não estejamos absolutamente mais adeantados do que a China e o Japão antes das suas recentes e audacissimas reformas. Mas foi assim tambem que se houve a Italia, chamando da Allemanha, para iniciar os jardins de creanças, a baroneza Marenholtz Büllow. Assim pensaram os Estados-Unidos, entregando á direcção de um inglez, discipulo de South Kensington, a organização do ensino artistico no Massachusetts, e pondo á frente da *Escola de desenho Industrial* de Boston, desde a sua fundação, um francez, M. Kastner. (1) O governo dos Paizes Baixos, depois de 1815, quando estabeleceu as suas universidades, foi buscar á Allemanha professores, ornando-as com o concurso de notabilidades como Haus e Warkoenig. Ainda em 1878 esse Estado ia buscar, para os cursos de direito penal e philosophia do direito, um professor italiano, E. Brera. Da universidade de França a Belgica, depois de 1830, adoptava sabios e litteratos como Francisco Huet, Baron, Gioberti, Bancel, Margerin; e, ainda o anno passado, M. Luiz Hymans, defendendo a criação de novos institutos docentes, observava, alludindo á dificuldade de encontrar no paiz professores em numero sufficiente: « Como disse M. Vanderkindere, no seu recente discurso, si a Belgica não possuie quanto basta para nos fornecer os elementos necessarios, porque não os solicitaremos ao estrangeiro? » (2) A Allemanha mesma não se dedigna de enriquecer-se assim nas fontes intellectuaes de outras nações: suizo era Bluntschli, a quem ella acolheu primeiro em Munich, na cadeira de direito privado allemão e direito publico, depois em Heidelberg, na de sciencias politicas. Americano é Brown Séquard; o que não inhibiu a França de adoptal-o, chamando-o aos altos postos da universidade em Paris. Os inglezes vão frequentemente procurar os seus chemicos entre os Estados germanicos, de preferencia aos seus compatriotas. (3) Emfim, para exprimir tudo num exemplo decisivo, o numero de lentes que as varias universidades europeas devem só á universidade do Wurtemberg (Tubingen) sobe a seiscentos e sessenta e sete. (4)

Athenas, na mais esplendida idade da arte, não se dedignava de abrir o seu seio, e constituir em si nova patria aos artistas de merecimento superior. A' sombra da sua hospitalidade trabalhavam, ao lado de Polygnotas, o thasio, Nicanor e Arcesilau, dois pinceis famosos de Paros, Agoraacrito, um dos alumnos predilectos de Phidias, Colotes, a quem o grande mestre estimava como um dos seus mais habeis collaboradores, Thrasimedes, Locro e Aristandro. (4)

Só espiritos de todo ponto baldos do bem entendido amor da patria, ou absolutamente

(1) V. o nosso *Parecer acerca da reforma do ensino secundario e superior*, pags. 17-21.

Uma das mais luminosas pennas europeas do nosso tempo, o Sr. Ramalho Ortigão, enuncia-se assim em relação a assumpto:

« Nós, que aconselhamos o principio do concurso para a odificação dos lycens, para a elaboração dos programmas e para a adopção dos compendios, *vegetamos inteiramente essa forma de selecção para o provimento das cadeiras.*

« No professorado o concurso tem dois inconvenientes enormes.

« O primeiro é admittir um individuo suppostamente competente com exclusão de outros competentes tambem, ainda que por ventura em grau immediatamente inferior.

« Em materia de ensino um paiz avisado não pôde excluir ninguem com a sufficiente capacidade para ensinar. E' preciso que, sem excepção de uma só, ensinem todas as pessoas que desejarem fazel-o. Ensinar é um direito que o Estado não pôde, sob qualquer pretexto que seja, coarctar a cidadão algum.

« O segundo inconveniente do concurso é a impossibilidade de aquilatar com segurança o merito pela qualidade da prova no acto de um exame. Um sabio modesto, de temperamento nervoso, tímido, confinado por muitos annos nos trabalhos do gabinete, som facilidade de palavra, corre o risco de ser batido num exame por um talento mediocre, mas de temperamento arrojado, palavroso, facundo, habituado ás palestras do club e do hotequim, e tanto mais ligeiro de argumentos e de palavras quanto mais leve de principios e de idéas.

« Para obstar a esse duplo inconveniente, é preciso abolir o concurso no professorado, como ultimamente se tem feito em todos os paizes cultos, e adoptar a organização allemã. »

(2) V. o nosso *Parecer sobre a reforma do ensino secundario e superior*, pag. 46.

(3) *Revue internat. de l'enseignement*, 1882, N. 2. Pag. 166.

(4) *Le Japon à l'exposition univ. de 1878*, pga. 11.

(1) REGAMEY: *Op. cit.*, pag. 38.

(2) *Revue internat. de l'enseignement*, 1881, tom. I, pag. 254.

(3) V. GALLOWAY: *Education*, pag. 342.

(4) « Wurtemberg has furnished 667 professors to foreign countries. » *Report of the Commission. of Educ. for the year 1879*, pag. CXIII.

(5) CURTIUS: *History of Greece*. Transl. by ADOLPH. Will. Ward. L. III, c. III. Vol. II, pag. 585.

vazios de senso commum, não se renderão a esta necessidade inevitavel. Tavares Bastos sustentava que tanto os estudos superiores como as escolas normaes não podem prosperar entre nós, « sem se atrahirem dos focos da sciencia professores, que venham propagal-a, legando ao futuro uma geração de moços illustrados e de mestres idoneos. » « Assim », acrescentava esse preclaro brasileiro, « acaba de proceder o congresso da Republica Argentina, autorisando o contrato de vinte professores para o ensino de sciencias especiaes na universidade de Córdoba e nos collegios nacionaes. Nem nós carecemos de lei, que permita o engajamento. A de 29 de outubro de 1832 (art. 2º § 5º) o consente implicitamente, quando concede a naturalisação immediata aos estrangeiros, » « que por seus talentos e litteraria reputação tiverem sido admittidos ao magisterio das universidades, lyceus, academias, ou cursos juridicos. » (1)

Certamente esta parte da reforma nos obriga a sacrificios mui consideraveis. O valor dos esforços pecuniarios, porém, nos assumptos desta ordem, é questão secundaria. Está provada a necessidade inevitavel delles? Está demonstrada a productividade desse emprego de capital?

Depois de estudada a serie de factos agrupados neste parecer, nenhum homem de bom senso responderá negativamente.

A França, de cuja avareza, neste ponto, já vimos como se queixam os espiritos mais esclarecidos, ainda assim, de 1878 a 1879 elevou de 40.000 a 350.000 fr. o orçamento ordinario do ensino do desenho.

Quanto á Austria, a eloquencia dos factos é estrondosa. « A sábia politica economica d'arte, inaugurada em 1864 com a fundação do Museu Austriaco, creou á Austria os recursos com que está reparando os desastres financeiros de 1873, os desastres da accionaria, que custaram ao imperio 2.000 milhões de florins, isto é, uma somma quasi equal á que a França pagou á Allemanha. E' o DESENHO QUE ESTÁ CURANDO ESSAS FERIDAS : isto é confessado todos os annos no parlamento austriaco. » (2)

Verificou-se assim a previdencia da direcção do Museu de Vienna, quando, no documento official que citamos n'outro logar (3), indignava no atrazo do ensino do desenho a grande causa economica das difficuldades com que lutava o paiz. Deante de factos de tão colossal magnitude, que impugnações, a não serem as da ignorancia, podemos receiar? De quem é então a utopia? Dos que nos rendemos á força da experiencia geral, ou dos que se propõem a curar a miseria do paiz, recusando á cultura intellectual do povo sacrificios tão precisos quanto fecundos?

Por muitas vezes, na camara dos communs, os fanaticos da economia a todo o transe oppugnaram os subsidios propostos em auxilio á propagação do ensino do desenho e as dotações orçamentaes consignadas ao museu, taxando-os de desperdicio do dinheiro publico, de prodigal-

galidade insensata, que nenhuma compensação renderia. A essas extravagancias oppoz um dia Mr. Cole, illustrado amigo da arte e da economia bem entendida, uma resposta unica, fulminante. « Senhores », disse elle, « a nação tem despendido certa somma de dinheiro em comprar labores de Majolica, vasos de Cellini, curiosidades e reproducções do trabalho artistico em toda a especie de materiaes, em todos os estylos, em todas as épocas. Si se arrepende do negocio, estou habilitado a offerecer quem acceite das mãos do Estado essa collecção pelo preço do custo, pagando, ainda em cima, juros e juros compostos sobre o dinheiro empastado pelo paiz nessa acquisição. » Estas palavras levaram os intransigentes da economia cega a meditar, e indagar a realidade. O resultado foi « convencerem-se de que tão excellentes haviam sido as compras, tão consideravelmente haviam crescido em preço as obras primas da arte industrial, que, si as collecções se puzessem á venda, a nação embolsaria um numero innumeravel de milhares de libras, além de ver elevado *cincoenta por cento* o valor da sua producção industrial, graças á influencia do cultivo d'arte e das exposições do museu. Desde então mal se tem murmurado contra essas despezas. » (1)

Até hoje a politica financeira do Brazil não sabe senão symetrisar orçamentos no papel, multiplicando despezas estereis e vexatorios impostos. Não será tempo de inaugurar um systema, cujo pensamento esteja em augmentar a somma da receita engrandecendo a importancia da producção, avultar a importancia da producção desenvolvendo a capacidade do productor, suscitando novas industrias, despertando e fertilizando o trabalho pela arte? Não será mais real a economia, que consista em gastar a tempo, quando se tem certeza de crear assim prodigiosos mananciaes de renda, que nos dispensem de futuros sacrificios, do que, aquella, que, pela covardia de não arrostarmos os sacrificios mais compensativos, as despezas mais essenciaes á inauguração de uma era de prosperidade, se resigna á eternidade da indigencia em que vivemos?

Como se enunciam hoje a este respeito as nações civilisadas? Ouvi; é a voz de todas; porque é a voz do jury internacional na exposição de 1878:

« Na sociedade actual, releva proseguir, ou correr. Quem parou, está perdido. Por toda a parte surge o progresso. A tal ponto o movimento se apoderou do mando, que já se não permite descançar, a não ser que nos ministremos o repouso scientificamente, dosado como remedio, para depois correr ainda mais de pressa.

« Ser o primeiro trabalhador é ser o primeiro dos homens. Conseguiram occultar pelo espaço de seculos esta verdade, sob um monte de convenções, de privilegios, de mentiras, de violencias; mas tudo isso acabou. Agora a questão inteira está em frequentar a escola. Tão certo é este facto em relação á lucta entre os povos, quante a respeito da lucta entre in-

(1) TAV. BASTOS: A *Provincia*, pag. 251.

(2) J. DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pag. 92.

(3) Pag. 141 deste parecer.

(1) WALTER SMITH: *Art Education*, pag. 20.

divíduos. Muitas causas concorriam outr'ora para a dominação de um povo sobre outro: o numero, os recursos accumulados, o preconceito mesmo. *Agora é a sciencia quem vence as batalhas. Aquelle que mais sabe, é o que póde mais: O que mais póde, é o senhor. O povo que tem as melhores escolas, é o primeiro dos povos. Si ainda o não é, amanhã o será.*

« Leiam-se de cabo a cabo todos os relatórios subsequentes a este. *Não ha um relator, que não chegue a esta conclusão: escolas! Os que a não enunciam deixam-n'a subentendida.*

« Escolas! Que de vezes o temos nós repetido, crendo repetir uma boa maxima moral. E', de facto, uma boa maxima moral; mas, de ora avante, é tambem *um axioma mathematico.* Ouvi bem, cidadãos: *ou estudar, ou sossobrar.* Já não ha lugar, no mundo, para um povo inutil; já não ha lugar, no seio de um povo, para um cidadão imprestavel. Ninguem tem tempo de deter-se, ninguem tem a faculdade de descançar, ninguem tem o direito de ignorar. » (1)

Ora, uma das bases fundamentaes da educação popular, é a cultura artistica, effectuada principalmente pelo ensino do desenho industrial e da modelação; desideratum, a que será impossivel chegar, sem o estabelecimento de uma escola superior de arte applicada, que constitua o fóco da irradiação desses estudos de verdadeiramente magica influencia; sem uma instituição central, que represente, entre os meios de diffundir a instrução d'arte, neste paiz, « o que o coração é para o corpo humano: um centro de vida, a fonte da circulação do sangue que anima o individuo. » (2)

E' a esta necessidade que cedemos, para não ficar abaixo das aspirações capitaes da reforma, quando abrimos um credito de trescentos contos annuaes durante dez annos para a organização da *Escola Normal Nacional de Arte Applicada*, com o seu museu, o seu gabinete e a sua bibliotheca.

Custe o que custar, esta innovação resarcirá ao paiz todos os sacrificios com uma generosidade soberana. E' o que se acha demonstrado, em toda a parte, pela experiencia mais completa; e podemos dizer como Walter Smith nos Estados-Unidos: « Não se trata de tentar ensaios empiricos, cujo valor seja duvidoso. » O plano da nossa reforma assenta num systema já submettido absolutamente a todas as provas, e « cujo primeiro mallogro ainda está por acontecer. » (3)

Si, « numa época essencialmente utilitaria, em que as coisas são julgadas antes pelo padrão da utilidade que pelo do sentimento, a face talvez mais praticamente importante da educação pela arte é o seu preço commercial » (4), póde-se affirmar com segurança que nenhuma especie de instrução encerra em si a propriedade de transformar-se tão

directa, prompta e irresistivelmente em riqueza, em dinheiro, em valores mercantis.

Como Mr. Ware, o notavel professor de architectura no Instituto Technologico de Boston, lembrava, doze annos ha, aos americanos, nós não cessariamos de advertir aos nossos compatriotas: « Na exposição universal de 1851, todos são contestes em reconhecer que, em materia de produção artistico-industrial, a Inglaterra se achou *no infimo grau da lista, entre todos os paizes do mundo.* D'entre as grandes nações, só os Estados-Unidos lhe ficaram abaixo. O primeiro effeito desse descobrimento foi estabelecerem-se escolas de arte em todas as grandes cidades. Na exposição de Paris, em 1867, a Inglaterra *sobresahia entre as primeiras (among the foremost), e, nalguns ramos de trabalhos fabris, deixou longe após si as nações mais desenvolvidas no cultivo da arte (distanced the most artistic nations).* Foi o ensino do desenho, juntamente com a grande colleção de objectos de arte industrial reunidos no Museu de South Kensington, foi essa a influencia que operou tal resultado. »

Oigamos a este respeito um mestre entre os mestres: « Temos presenciado, nestes vinte e cinco annos (1), uma assombrosa mudança no valor pecuniario das fabricas inglezas. Ao passo que o custo da produção da maior parte dos artigos de arte industrial tem decrescido *cerca de metade*, graças á invenção de varias machinas e ao descobrimento de processos que economizam o trabalho, — o valor effectivo dos productos fabris, considerados uns pelos outros os diversos ramos de industria, *elevou-se quasi ao dobro.* Ora, esta differença não se deve a nenhuma alteração no valor do dinheiro. Como se ha de então explicar? Um artefacto qualquer contém, podemos dizer, tres elementos de valor: 1º a materia prima; 2º o trabalho de produção; 3º o character artistico. Nalgum casos, raros, os dois primeiros constituem larga proporção no valor total; e, quando não ha dispendio de arte algum, formam o valor todo. Mas com relação aos productos de todas as nações, na mais vasta maioria delles, o custo da materia prima e da mão de obra são insignificantes, comparativamente ao terceiro elemento: o cunho artistico. E' este o que torna o objecto ora attrahente e aprazivel, ora insipido ou repugnante ao comprador. E', consequentemente, innegavel o seu valor commercial. Em muitos productos, onde a materia prima é de escassa ou nenhuma valia intrinseca, o gosto desenvolvido nas suas fórmulas encerra em si o preço total ou principal do objecto. *E' a elevação geral deste elemento, o que tem alterado até quasi o duplo o preço commercial dos artefactos inglezes.* Não tenho noticia de superioridade consideravel quanto á natureza da materia prima; *mas com os meus proprios olhos tenho assistido, e em muitos ramos da industria ingleza, a um progresso no elemento artistico, de um grau de rudeza que orlava pela grosseiria barbara das raças selvagens a um*

(1) J. SIMON: *Rapports du jury international*. Vol. XII. Introduction. Pag. 458—9.

(2) WALT. SMITH: *Art Education*, pag. 23.

(3) *Ib.*, pag. 35.

(4) *Ib.*, pag. 44.

(1) O auctor escrevia em 1873.

*aprimoramento que compete com o das épocas mais florescentes na arte.* Não me refiro a casos excepcionaes, nem a um movimento em certa e determinada direcção, proveniente de circumstancias especiaes. Obras de ceramica, vidraria, porcelana, terra cotta, artefactos metallicos, de ferro, cobre, bronze, prata, ourivesaria, joalheria, tapeçaria, marchetaria, papeis pintados, telha encaustica, marcenaria, alfaias domesticas, pintura em vidro, decorações muraes, gravura em madeira e pedra, trabalhos de cinzel, esmalte, fitas, bordados, tudo revela essa infusão de gosto que invariavelmente tem accrescentado e, em muitos casos, duplicado, no decurso de um quarto de seculo, o seu preço de venda. Ora, precisamente como o desenho é o unico idioma universal, assim a arte é uma moeda quasi universal, e realmente universal entre as raças civilisadas.— com este caracteristico notavel em seu favor: que, si a arte empregada num objecto for a genuina arte, inspirada nas leis naturaes, tratada com toda a congruencia e pureza de sentimento, ella, enobrecendo a materia prima, a consagrará de modo que o tempo não cesse de avultar-lhe a estima, até que a antiguidade a divinise. » (1)

Não temos, porém, uma Academia de Bellas Artes? Para que, pois, o luxo, a que nos dariamos, de uma duplicata, instituindo uma Escola Normal Nacional de Arte Applicada? Esta objecção, que, neste paiz, não nos espantaria, revelará unicamente a mais grosseira ignorancia no assumpto. São diversas, absolutamente diversas, as competencias desses dois generos de creações. A que ora propomos, não se destina ao cultivo superior da pintura, da esculptura, da estatuaría, mas a explorar completamente as opulencias inexauriveis da adaptação da arte ao trabalho industrial, mediante o estudo cabal do desenho e da modelação sob os seus variadissimos aspectos, cada um dos quaes é uma mina de riquezas para o Estado. Trata-se de um estabelecimento superior de arte applicada, « que nada tem com academias. » (2) Academias de bellas artes, possuíam-n'as a Inglaterra, os Estados-Unidos, a Austria, a Allemanha, a França, a Italia, antes da inauguração do ensino que ora planejamos. Nenhuma satisfez, ou propoz-se jamais a satisfazer o escopo a que mira a nossa idéa: adequar a arte ao trabalho mecanico e fabril; e todos esses paizes, para evitar a ruina na lucta industrial, tiveram forçosamente que instaurar a politica, a que nos empenhamos em trazer o nosso. Ainda mais, por toda a parte, as academias de bellas artes foram completamente alheias a esse movimento. Basta, como facto caracteristico, lembrar que, na grande commissão nomeada, em Austria, para planejar a vasta organização do ensino que expuzemos, commissão que abrangia dezenas de nomes, não figurava um só professor da Academia Real e Imperial de Bellas Artes de Vienna.

(1) WALTER SMITH: *Art Education*, pags. 47-9.

(2) J. DE VASCONCELLOS: *Op. cit.*, pag. 67.

CLASSES E ESCOLAS DE ARTE. — Incompleta ficaria a organização, que delineamos, do ensino da arte applicada, nem seria susceptivel de produzir os fructos de que é capaz, si não estabelecessemos os elos que naturalmente hão de medear entre a escola primaria e a Escola Normal Nacional.

Essas instituições intermediarias, classes, ou aulas de arte, destinam-se a fornecer aos adultos o curso completo do desenho elementar, desde as primeiras bases geometricas até ao desenho ornamental e o de figura; tudo subordinado ao caracter de applicação industrial que domina todo este systema.

Tendo em mira especialmente a cultura artistica entre as classes mais laboriosas, com particularidade os operarios, esses cursos não podem deixar de ser nocturnos.

O projecto autorisa o governo a subvencionar as instituições particulares, onde se professarem estes estudos, com o mesmo caracter e segundo os mesmos planos estabelecidos para as aulas publicas de desenho, sob a inspecção da autoridade representante da Escola Normal Nacional de Arte Applicada.

A distribuição desse subsidio será conforme os resultados, mediante exame com assistencia do funcionario a quem couber essa fiscalisação. O governo fixará em regulamento as condições e tabellas.

A reforma não esquece as provincias. Nestas o governo ficará autorizado a crear *escolas de arte applicada*, cujo fim é preencher o mesmo *desideratum* a que se consagram, na cõrte, as aulas de arte, com applicação especial á industria, ou industrias, predominantes na provincia respectiva.

A organização e direcção dessas escolas, como a das aulas de arte, pertence, sob a alta superintendencia do ministerio, á Escola Normal Nacional de Arte Applicada, e, antes da organização completa e definitiva desta, ao especialista a quem se commetter a grave incumbencia de fundar no paiz esta série de instituições.

A Escola Normal Nacional será o viveiro, de onde saíam os professores para o ensino do desenho:

- Na propria Escola Normal Nacional;
- Nas escolas normaes primarias;
- Nos lyceus nacionaes;
- Nas classes de arte;
- Nas escolas de arte. (1)

(1) Para illustração practica do nosso plano, emquanto á importancia das despezas do ensino do desenho, reuniremos aqui alguns dados, que nos fornece o precioso trabalho do Sr. JOAQUIM DE VASCONCELLOS, pags. 170 — 179.

ORÇAMENTO PARA A ESCOLA PRIMARIA:

Material de ensino:

Compendio de J. Grandauer (systema stigmographico); custo dos tres cadernos (1º, 2º e 3º) 500 rs. (fracos). Edição pequena. Com 30 folhas de modelos.

Material de execução:

Uma lousa, ou taboa, não pequena; crayon branco (conté), ou giz. Custo \$800 a 1,5000.

Material das collecções por escola:

Uma collecção de solidos geometricos (12 peças): 9\$000. Pequena collecção de objectos de uso familiar. Preço calculado 9\$000.